

Marília dos Santos Amaral

Essa Boneca Tem Manual:

PRÁTICAS DE SI, DISCURSOS E LEGITIMIDADES NA EXPERIÊNCIA DE TRAVESTIS INICIANTEs

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Juracy Filgueiras Toneli

MARGENS
Modos de vida, família e relações de gênero

Florianópolis
2012

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

A485e Amaral, Marília dos Santos

Essa boneca tem manual [dissertação] : práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes / Marília dos Santos Amaral ; orientadora, Maria Juracy Filgueiras Toneli. - Florianópolis, SC, 2012.

1 v.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Psicologia. 2. Gênero. 3. Travestilidade. 4. Travestis - Experiências. I. Toneli, Maria Juracy Filgueiras. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

Marília dos Santos Amaral

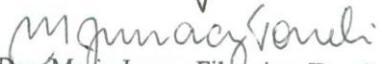
*Essa Boneca Tem Manual: práticas de si, discursos e legitimidades na
experiência de travestis iniciantes.*

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Florianópolis, 09 de fevereiro de 2012.



Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



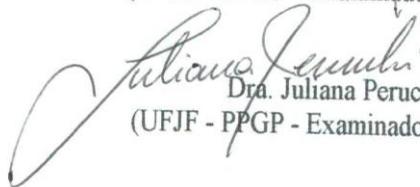
Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli
(UFSC - PPGP - Orientadora)



Dr. Fernando Altair Pocahy
(UNIFOR - PPGP - Examinador)



Dra. Mériti de Souza
(UFSC - PPGP - Examinadora)



Dra. Juliana Perucchi
(UFJF - PPGP - Examinadora)

Dra. Maria Chalfin Coutinho
(UFSC - PPGP - Suplente)

*Com muita saudade dedico
este trabalho à Vó Eva e à Vó
Judith, as mamys que me
montaram para vida.*

Agradecimentos

Aos meus pais Regina e Walmir dedico todo meu esforço, pelo aprendizado e confiança de “*que tudo vai dar certo*” e “*que a gente dá um jeito*” desde que sejamos humildes e carinhosos com as pessoas e que sejamos persistentes com nossos sonhos. Agradeço a torcida de sempre, que mesmo distante sei que está lá, pois lá também está o aconchego que sempre posso buscar.

Ao meu companheiro de vida Térson agradeço a grandeza de seu companheirismo que persegue junto comigo meus sonhos onde quer que eles estejam, por me proporcionar um amor onde sei que há sempre espaço e carinho para repousar minhas lágrimas e compartilhar meus sorrisos.

À minha amiga, parceira e orientadora Jura agradeço todos os dias o bom encontro. Expresso minha admiração pela sua sabedoria, de quem sabe ensinar. Pela sua sinceridade de quem sabe ouvir e orientar e pela sua grande força que me ensinou que pesquisa da mesma forma que os rumos da nossa vida se fazem com dedicação, carinho e respeito. Apenas uma orientadora tão especial diria que nossa relação não é de orientadora e orientanda, mas de grandes parceiras de trabalho. Certamente, este caminho não teria sido igual e tão leve sem a tua parceria.

Ao Margens agradeço as farras teóricas, nossas trocas nesse espaço onde se encontra a mais pura diversidade e o mais gostoso clima de criação tornando meu caminho menos solitário.

À minha querida Mafalda, nossa Gabriela agradeço a paixão que é possível ter pelas nossas práticas profissionais. Ao Arth a leveza com que as coisas podem ser feitas. Ao meu querido Nandu por tornar meus dias mais alegres e Denise por torná-los mais sábios e intensos.

À Fernando Pocahy, meu querido Pocy, dedico toda a intensidade desta escrita. Pois, frente ao meu desejo e insegurança em fazer da minha escrita uma experiência sincera que expressasse meu compromisso ético e político com a vida, encontrei em tuas palavras “*escrevo aquilo que passa pelo meu corpo*” inspiração e estímulo. Tomei-as para mim como um dos mais estimados relicários.

Ao meu amigo pra vida e parceiro de trajetória Daniel agradeço o presente que recebi da mais sincera amizade. Pelos dias que envelhecemos juntos e como crianças aprendemos tudo de novo sobre a vida e sobre a amizade.

Às amigas que estão distantes, mas nunca deixaram de fazer parte da minha vida Ludi e Melissa, agradeço a torcida e a proximidade que sempre sinto seus abraços. À Camila e Piti por terem acreditado em mim desde o início, muito mais do que eu mesma. Nunca esquecerei o carinho com que me receberam em seus lares.

À Selma agradeço a criteriosa leitura e correção do texto.

Às travestis e às travestis iniciantes dedico meu respeito, meu carinho e admiração presentes nesta escrita. Agradeço as trocas sinceras, os momentos descontraídos e o clima acolhedor com que me receberam em seus lares. E especialmente o ensinamento de que é preciso coragem, persistência, criatividade e alegria para se aproximar daquilo que sonhamos para nós mesmas e ser fiel com nossos desejos, em qualquer idade da vida.

Resumo

Este trabalho discute as travestilidades a partir do discurso das pessoas que desejam tornar-se travesti conhecidas como novatas, iniciantes, ninfetas e novinhas. Trata-se de uma escrita de inspiração etnográfica em que são tecidas entrevistas, experiências e diálogos com travestis com idades entre 15 e 21 anos durante experimentação de pesquisa pelas ruas, pensões, moradias e ong's da cidade de Florianópolis e em espaços virtuais como *blogs* e o *facebook*. A análise teórica segue as pistas de Michel Foucault e Judith Butler discutindo sob que condições novatas travestis são reconhecidas como sujeitos legítimos do discurso das travestilidades. Nesta direção são questionados os saberes, as práticas e o acesso aos conhecimentos trazendo à cena as regras e os passos que ensinam alguns modos de se experienciar as travestilidades, bem como as possibilidades de resistência a estas normas. Entendidas como jogos de verdade estas regras que envolvem o que é legítimo ou ilegítimo são apresentadas e problematizadas por diferentes discursos: pelas travestis mais experientes, pelas redes de proteções das “mães”, pelas redes virtuais e entre as próprias novatas travestis. A partir dos efeitos produzidos por estes discursos são delineados os contornos das novas formas de se pensar a experiência das travestilidades entre as jovens que estão começando. As novas experimentações transitam por entre atualizadas maneiras de aprender e investir na transformação corporal, pelos ressignificados atribuídos ao espaço da pista, à permanência na escola e aos vínculos familiares. Também circulam pela importância das redes de sociabilidades como as *mamys* e as “irmãs”. Neste sentido, são discutidas neste trabalho não apenas as condições de possibilidades da (re)invenção das novas travestilidades, mas também são sinalizadas a expansão dos espaços de (re)existência e (re)criação de si mesma para aquelas que desejam tornar-se travesti sob novos e também hegemônicos critérios éticos, estéticos e políticos.

Palavras-chave: Sexualidades. Travestilidades. Travestis iniciantes. Práticas de si. Experiências.

Abstract

This work discusses travestilities based on the discourse of people that desire becoming travesty known as novices, beginners, nymphets and little girls. The written has an ethnographic inspiration in that are made interviews, experiences and dialogues with travesties aged 15- 21 years old, during the research experimentation through the streets, pensions, households, and NGOs in the city of Florianópolis, Brazil and in virtual spaces as blogs and facebook. The theoretical analysis follows the clues of Michel Foucault and Judith Butler discussing about which conditions the novice travesties are recognized as legitimate subjects of the travestility discourse. In this direction, it is questioned the knowledge, the practices and the access to the knowledge showing the rules and steps that teach some ways of experiencing travestilities, as the possibilities of resistance to this norms. Understood as games of truth these rules that involve legitimate or illegitimate are presented and problematized by different discourses: by more experienced travesties, by “*moms*” protection network, by the web network and among the novice travesties. By the effects produced through the discourses, it is delineated the outlines of the new ways of thinking the experience of travestility among the those that are beginning. The new experimentations transit through updated manners of learning and investing in the corporal transformation, the new meanings attributed to the prostitution, the permanence at school and family bond. It is also related to the importance of the sociability network within *mamys* and “sisters”. In this sense, it has been discussed in this work not only the conditions of possibilities of the (re)invention of new travestilities, but, also, it is signalized the expansion of spaces of (re)existence and (re)creation of itself for those who desire becoming travesties under new, and also, hegemonic etc, esthetic and politic standards.

Keywords: Sexualities. Travestilities. Beginners Travestilities. Practices of the Self. Experiences.

Sumário

1 Nas pistas do salto alto minha persistente montaria	17
2 Entre babados e confusões... as travestis Made in Brazil.....	31
3 Essa Boneca Tem Manual: seguindo os passos para tornar-se travesti.....	52
“Não me chamo travesti ainda!”	62
“Vai ficando mulher devagarzinho a cada dia”	73
“Todo mundo olha, não tem jeito!”	94
“Pista não é pra todas!”	104
“Quando tiver dinheiro vou ser travesti completa, aí ninguém me segura”	112
“Mal sabem o que passamos no início, acham que nascemos prontas!”	117
4 “E dizer que saíram de dentro de mim!” aprendendo a ser travesti pelas redes de proteção das mamy’s	124
Do horror às bichas que se montam.....	134
5 Quarto de Bonecas: das vidas íntimas aos discursos produzidos pelas redes virtuais	139
6 Para não concluir.	149
Referências	152
Fontes Eletrônicas	159
Apêndices	162
Apêndice A – Tabela de livros publicados no Brasil entre 1993-2011	162
Apêndice B – Tabela total de pesquisas realizadas no Brasil entre 2001-2010	165

1 *Nas pistas do salto alto minha persistente montaria*

*Tudo o que tenho de verdadeiro são meus sentimentos
e os litros de silicone que me pesam toneladas.*

Agrado – Tudo sobre minha mãe

Já fazia alguns meses que eu estava em Florianópolis quando fui convidada por colegas para conhecer uma Organização não-governamental (Ong) de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT). Ainda que já estivesse desenhando pistas para meu projeto de pesquisa, não conhecia travestis que residissem na cidade, muito menos seus modos de vida, códigos, histórias e territorialidades. Na ocasião do convite acontecia na Ong atividades ligadas a um projeto¹ nacional com travestis e transexuais e especialmente naquele dia estava sendo realizada uma oficina de cerâmica e a discussão do filme *Tudo sobre minha mãe* (1990), de Pedro Almodóvar.

Sentei em torno da mesa, onde mais de dez pessoas discutiam a respeito da emblemática fala da travesti Agrado ao apontar no filme, em cima de um palco, para cada parte de seu corpo descrevendo todo o investimento financeiro que foi necessário:

Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma².

Às voltas com o que seria a “tal” autenticidade, nosso grupo foi invadido por muitas pausas e silêncios. Uma das participantes manifestou não saber se entendia muito bem a palavra, mas acreditava que cada investimento em seu corpo, cada mililitro de silicone e acessório colocado contava um pouco da verdade sobre ela. Como Agrado, sua autenticidade era seu processo. Algumas pessoas

¹ Projeto TransPondo Barreiras implementado pela Pact Brasil e por sete Ong’s parceiras, com apoio técnico e financeiro do Programa Nacional de DST e Aids e da UNODC (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes).

² Cena do filme disponível em:

<<http://www.dalealplay.com/informaciondecontenido.php?con=12509>>.

interrogaram-se “*para quem nos arrumamos afinal, para nós ou para os outros?*”. Outras demonstraram interesse pela justificativa que Agrado dá no início do filme “*me chamam Agrado porque toda a minha vida sempre tento agradar aos outros. Além de agradável, sou muito autêntica. Vejam que corpo*”. Muitas perguntaram a si mesmas em voz alta até que ponto esse sentimento de apenas querer agradar aos outros também fazia parte de sua história.

Seria autenticidade uma verdade que se constrói sobre nós, também a partir das regras que organizam nossos corpos no mundo e normatizam as pessoas? Horas de conversas se passaram e mesmo assim não tínhamos certezas, tampouco as buscávamos. No rumo da discussão era inevitável levantarmos suspeitas trazendo para o cotidiano o que torna as experiências, os processos, nossa suposta autenticidade e mais do que isto: de que maneiras se constroem verdades a partir dos nossos corpos?

Neste embate, a discussão seguiu caminho e alguém lançou a pergunta: “*afinal, quem são as travestis?*” Uma das participantes arriscou definir “*é o duplo, aquela que é homem quando tem que ser e mulher quando quer*”. Alguém discordou: “*que nada, travesti não é apenas sexo, é também sacrifício, aceitação, dificuldade e muita luta por direitos*”. Entre as frases lançadas à roda, percebi a surpresa de algumas travestis quando uma jovem iniciante desabafou “*Ah, quer saber? Tô cansada de não ser reconhecida como travesti porque sou jovem e, pra elas, não passei a necessidade que elas passaram, nem apanhei na cara. Reconheço e muito, a luta delas, mas não aceito colocar silicone só porque dizem que sem isso ninguém é travesti. Sou travesti, sim! Porque gosto e me sinto muito feliz e linda assim*”.

Com tantas experiências diferentes naquela sala, sabíamos que não era fácil e tampouco importante definir e “quem é a travesti”, assim como localizar o que há de autêntico nas travestilidades³. Menos ainda

³ Termo que vem sendo empregado no plural para se referir às multiplicidades das travestis. Como parte do conjunto de reivindicações políticas na militância das travestis também estão o uso dos pronomes femininos e a superação do sufixo “ismo” de *travestismo* para referir-se a elas. São propostas que visam distanciar-las dos estigmas produzidos pelo modelo psiquiátrico, que há décadas pauta-se no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID) para diagnosticar suas experiências como doença associadas às descrições do Transtorno de Identidade de Gênero (F64.x - DSM IV). Disponível em:

<http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=118>.

sob que regência os corpos eram produzidos pelas várias pessoas ali presentes – que se autodefiniam não apenas como travestis – e que se propunham a conversar naquela oficina. Contudo, a discussão disparada pela jovem e *iniciante* travesti suscitou também outras direções. O que aparentemente era uma problemática geracional em que travestis mais velhas doutrinariam as mais jovens sobre como é verdadeiramente uma travesti, a meu ver implicava em modos de legitimação, em um leque de pequenas verdades distribuídas em modelos regulatórios que definem quem são e como devem ser as travestis.

Nesta conversa não ficava muito claro como se definem os imperativos que regem uma “verdadeira” travesti. Da mesma forma, era difícil situar pontos de encontro e distanciamento entre as que ensinam e as que aprendem. No entanto, em conversas que tive com travestis, a partir daquele encontro, percebi com mais atenção os modos como são expressados os critérios pelos quais as travestis são legitimadas. Sejam eles pelas formas de padronização a ser seguida, pelos modos de resistência e/ou pelas maneiras de experimentar seus corpos.

Por estes caminhos fui envolvida pelas reflexões acerca das travestilidades com um recorte específico, experimentando o universo das *iniciantes*. A fala da *novata* travesti durante a oficina na Ong foi ao encontro das minhas inquietações em pesquisa anterior e às leituras que conheci até o momento. Essas gravitavam há algum tempo em torno de desassossegos como: corporalidades, produção de verdades e normatização dos processos de tornar-se travesti.

No desenho destes termos, aos poucos, a pesquisa começou a *se montar*. Digo assim por que aproximo as pistas propostas nesta escrita à *montaria*, pois compreendo essas experiências no mesmo sentido atribuído pelas travestis – como processos inacabados, em movimento e produzidos por vital persistência.

Quanto à escolha pela temática da travestilidade, esclareço que faz parte de um caminho que venho Tateando há alguns anos, datado por seus começos e recomeços nos processos de pesquisar e nas minhas próprias *montagens-experimentações* – modo como fui entendendo meu corpo como pesquisadora. É difícil marcar o exato ponto em que comeci a me interessar pelo assunto. Não em vão sou constantemente convocada a responder “*por que este tema?*”. Com as diferentes travestis com as quais conversei durante esta pesquisa, também, não foi diferente: “*por que estudar sobre as gays? Tu é lésbica?*”⁴.

⁴ Diferente da pesquisadora Larissa Pelúcio que comenta no capítulo “No salto: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem” do livro

Como pista a essas perguntas tomo como partida o ano de 2008 como o início de uma trajetória que, atualmente, levou-me às questões pertinentes às travestis *iniciantes*. O que chamei no título desta introdução, de *minha persistente montaria* começou sua construção naquele ano, em meu Trabalho Final de Graduação: *De Madame à Satã: as subjetividades retratadas na construção do corpo travesti*⁵, no qual experimentei as primeiras aproximações com os Estudos de Gênero e Transgêneros.

Naquele momento, a centralidade da pesquisa estava na plasticidade do corpo, problematizado por meio da estética da *montaria*⁶ entre as travestis. Foi a partir da descrição da aparência que as travestis participantes da pesquisa conceituaram formas de se produzir o corpo-travesti. Detalharam cada inserção e remoção de objeto de uma série de conjuntos que compõem as roupas e a maquiagem do que virá a se chamar travesti.

Como instrumento utilizei a autofotografia, para que as participantes listassem alguns critérios, ainda que básicos, de uma estética do “tornar-se travesti”. Elas os elegeram como imagens: a necessidade do hormônio, do silicone, das roupas curtas e justas, da camuflagem do pênis e da barba, da peruca ou aplique, da maquiagem e do salto alto. A análise imagética produzida neste trabalho possibilitou, entre outras discussões, o primeiro *estranhamento* que tive em relação às formas hegemônicas de se produzir os corpos, ainda que adaptados de acordo com a condição financeira de cada travesti.

Entre saias justas e jogos de cintura (2007a, p.95) que primeiro leu sobre as travestis, fascinou-se com as histórias e depois foi a campo, fiz um caminho inverso. Conheci travestis em minha adolescência quando fui morar sozinha em uma cidade universitária, sendo que, vinda do interior eu nunca tinha visto pessoalmente e, muito menos, conversado com uma travesti. Lembro-me de minha curiosidade pela construção de seus corpos, (na minha cabeça interessantemente ambíguos) e depois conhecendo-as um pouco mais, meu fascínio por suas *montarias*.

⁵ Trabalho Final de Graduação em Psicologia apresentado em 2008, realizado com grupo de travestis no interior do Rio Grande do Sul, a partir de autofotografias que narram o cotidiano de construção de seus corpos durante a *montaria*.

⁶ Na pesquisa, a *montaria estética* aparecia como sinônimo de travestida, produzida com trajes e acessórios já postos/montados sobre o corpo; maquiagem pronta somada a trajes e acessórios; todo o conjunto que se vê.

No meu entendimento tratava-se de técnicas corporais que, aliadas ao desabafo da travesti *iniciante* durante àquela oficina na Ong, se aproximavam também das etnografias produzidas sobre travestis até o momento. Pois a montagem corporal nestes discursos, ainda que atualizada pelo contexto e em diferentes territórios, parecia ser linear e constante. Na minha visão produzia-se, entre outras questões, um conjunto de verdades que constroem o corpo travesti.

Perseguindo esta linha, mesmo sem contato direto com travestis em Florianópolis, e, portanto, sem conhecer seus códigos, modos de vida e sociabilidades, esbocei o projeto de mestrado com o seguinte problema de pesquisa: como as travestis *iniciantes* se articulam entre os jogos de verdade, acerca do “ser travesti”, na produção e experiências de seus corpos?

Após uma embrionária discussão no projeto sobre corporalidades e as experiências das travestilidades conversei um pouco mais com algumas travestis na Ong LGBTTT, da cidade, participei de eventos realizados por elas e transitei virtualmente por alguns *sites*, *blogs*, *chats* e perfis de *facebook* na internet. Nestes contatos conheci gírias, apelidos e nomeações específicas entre as travestis que estão iniciando, o que facilitou minhas buscas e gradativa familiarização com as pessoas que ainda não se autodenominavam travestis – mas em processo de tornar-se. Passei a usar os descritores: travestis *iniciantes*, *novatas* travestis, *cdzinhas*⁷ e *transformers*, para estabelecer contatos na internet e buscar material bibliográfico a respeito. Pela minha experiência com o tema

⁷ *Crossdresser* de acordo com Anna Paula Vencato é um termo que pode variar muito, no entanto, reduzidamente pode se dizer de alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do *sexo oposto* ao *sexo com que se nasceu*. Não são mulheres e não se vêem como tal. De forma rápida, pode se dizer que são homens que *se vestem de mulher*, ou que efetivam o *desejo de se vestir com roupas e acessórios femininos*. Trata-se de uma *montagem transitória*, realizada em alguns momentos específicos. Para algumas é uma espécie de brincadeira, mas também produz uma grande satisfação pessoal (VENCATO, 2009). Desta forma, “Cdzinha” parte do mesmo nome, porém no diminutivo refere-se às *crossdressers* femininas e *iniciantes*. Mesmo que existam diferenças entre travestis e *crossdressers*, no caso das cdzinhas esta fronteira parece se manter com menos rigidez, uma vez que muitas delas consideram a experiência *crossdresser* um dos primeiros passos para se experienciar a travestilidade, neste momento considerada ainda dentro do armário. No campo da linguagem são comuns na internet o uso das siglas CD (*crossdresser*) e TV (travesti) como processos e definições de passagem: “*Sou CD quero virar TV*”.

também procurei por discussões em torno do uso do primeiro hormônio, próteses de silicone e universo *travesteens*⁸, mencionados por alguns autores.

Na experimentação pelas ruas, nos contatos, nos espaços virtuais e casas onde residem as travestis com as quais conversei, percebi a necessidade de afrouxar os limites do problema de pesquisa lançado no projeto, uma vez que as possibilidades de discussão do universo *trans* entre as *iniciantes* tocaram pontos centrais da corporalidade, porém deslizaram para além do corpo. Em outras palavras, minha experiência na pesquisa levou-me a problematizar a produção dos corpos pelo discurso – **qual** hormônio usar, **por que** a prótese, **como** *aquendar a neca*⁹. Também os modos pelas quais estes corpos transitam no mundo – pela *pista*¹⁰, pela escola, entre os amigos e familiares, amores, profissão e lazer. Tateando sob estas perspectivas, identifiquei uma ampla rede de discursos que as tornam sujeitos legítimos e ilegítimos da travestilidade.

Sobre a *corporalidade* que ora sublinho, esclareço que não se localiza no corpo substantivo e representacional. Corporalidade, neste texto, é veículo e sentido da experiência, e que o produto de criação será a própria intervenção do desejo, de uma agência própria forjada nos corpos. *Corpos* que se deixam apresentar como corporalidade ou corporificação, ou seja, como experiência que reúne afetos e afeições (MALUF, 2002).

A escrita aqui *montada, remonta* algumas reflexões que fiz durante minha experimentação nestes meses de contato com travestis

⁸ Tiago Duque em trabalho apresentado no 5º Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES), em 2007, intitulado “*Travesteens*”: *entre as instituições e a pista. Notas de um Educador Social de Rua*, cita o termo em referência à matéria jornalística que circulou em Campinas/SP no ano de 2004 sobre a realidade da prostituição no Brasil e a importação de travestis adolescentes. Ver reportagem em AZEVEDO; SILVA. “*Travesteens na área*”. Correio Popular, Campinas/SP, p. 3, 06 de mai, 2004.

⁹ Esconder o pênis. Gíria que faz parte do vocabulário do *Bajubá*, dialeto herdeiro do idioma africano *Iorubá* oriundo dos espaços sagrados das religiões afro-descendentes. O *Bajubá* é utilizado como código linguístico em vários ambientes que as travestis frequentam. Segundo elas foi adotado para facilitar a comunicação nas delegacias em um momento histórico em que sofriam constantes agressões policiais (BENEDETTI, 2005; DUQUE, 2009; PELÚCIO, 2009).

¹⁰ A rua como espaço de prostituição também conhecida como esquina ou quadra.

iniciantes e visitas aos espaços virtuais por elas acessados. Interessa-me, sobretudo, as formas de legitimação e jogos de verdade que engendram o que é ser travesti por meio do discurso.

Dentro do contexto em que se lê a definição de travesti de acordo com o que se veste, se maquia e vive, portanto o que estampam no corpo elegi as *iniciantes* para pensar o lugar que ocupam as pessoas que desejam tornar-se travesti. Justifico tal escolha pelo fato de serem aquelas que estão, aos poucos, se tornando sujeitos da produção de alguns discursos apresentados e problematizados neste trabalho como o geracional, o científico, o das travestis consideradas “mães”, dos homens que se relacionam com as travestis e dos espaços virtuais.

São discursos que se tornaram visíveis em minha relação com alguns modos de vida das “*iniciantes*”, termo que não se refere diretamente à faixa etária das travestis, pois não são necessariamente jovens ou pessoas que estão por volta desta faixa etária. Refiro-me a qualquer pessoa que esteja vivendo esta experiência e seus processos independentes de sua idade.

Quando menciono *processos*, no caso das travestis, estes não estão relacionados a etapas, que se estabelecem em fases gradativas e hierárquicas, pois não se tratam de algo fixo, linear e homogêneo, com posições marcadas do que é o início e, muito menos, o seu fim.

Ao pensar a maneira como travestis *iniciantes* acessam as estratégias, as *montarias* e os aprendizados, que envolvem o universo das travestilidades, não me direciono a pensar causas e origens, mas seus efeitos. Dirijo-me a problematizar as maneiras pelas quais *novatas* travestis se articulam acerca do que é “ser travesti”. Para tanto, apoio-me no que Michel Foucault (2006b) chama de jogos de verdade. Jogos nas quais não se descobrem coisas verdadeiras, mas sim as regras que fazem daquilo que um sujeito pode dizer confirmar-se como verdadeiro ou falso.

Em outras palavras, desvendar essas regras é constatar sob que condições *novatas* travestis tornam-se sujeitos legítimos da travestilidade. Ao pensar os efeitos dos discursos, percebo que estes confluem para que, muitas vezes, o conceito travesti torne-se algo quase *transessencializado*. Aquilo que apenas se alcança quando se produzem corpos e corporalidades materializados dentro de critérios estéticos pré-estabelecidos, e quando legitimados por jogos discursivos baseados no modelo regulador dos corpos hegemônicos. Mesmo que nem sempre estejam enclausurados no padrão binarista.

Como *modelo regulador* me filio ao que a filósofa estadunidense Judith Butler (2002) chamou de prática que, por meio do sexo, produz os

corpos que governa pelo poder de produzir, demarcar e diferenciar os corpos que controla. Entendo o sexo aqui como uma forma ideal, forçosamente materializada através do tempo de maneira na qual o sujeito não escolhe ou é submisso, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam e se produzem através de uma reiteração de normas (BUTLER, 2010[1993]).

Quando menciono “padrão binarista” refiro-me como *binarista* ao esquema verticalizado das diferenças sexuais que organizam os corpos e as práticas em natureza-cultura, macho-fêmea, masculino-feminino, demarcando assim fronteiras construídas em uma sociedade, na qual a diferença sexual é, frequentemente, evocada como referente à diferença material. Assim, parte-se do pressuposto de que os sujeitos nascem homens ou mulheres, e que na sequência linear seguem seus atributos equivalentes; como por exemplo homens/fortes/penetradores/dominantes e mulheres/frágeis/penetradas/ subalternas. Sob esta ideia de natureza humana se capilarizam as certezas universais e hegemônicas de que os sujeitos são, em sua essência, heterossexuais constantemente reafirmadas como inatas, e por isso, não problematizáveis servindo de sustentação para moldar as relações sociais, em um padrão potencialmente conhecido como “heteronormativo” (BUTLER, 2010a[1990]).

Essas diferenças nas quais se baseiam a existência de homens e mulheres é uma diferença, sobretudo, sexual que não é e nunca será simplesmente uma função de diferenças materiais que não sejam de alguma forma, simultaneamente, marcadas e formadas por práticas discursivas (BUTLER, 2002). Práticas estas que produzem os corpos pelo discurso da religião, da mídia, da medicina, da psicologia e da moda; entre tantas outras instituições normativas sob as quais o “corpo carrega e acomoda discursos, nas quais o habita como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002, p.163).

Sobre as maneiras de se experimentar nesta pesquisa, posso dizer que não tenho a pretensão de apresentá-la como uma análise *sobre* a vida das travestis, como um texto *queer*, TransViado, de escrita pós estruturalista ou mesmo etnográfica. Conforme disse antes, é uma *remontagem* de experiências que tive com travestis *iniciantes* e seus modos de vida e que me fizeram problematizar legitimidades. Nesta direção procuro perceber as formas de resistência entre pessoas que ora subvertem, ora perpetuam e, por vezes, erguem suas resistências por entre as pedagogias que orientam seus corpos e corporalidades.

Posso dizer ainda, que esta pesquisa é uma aproximação epistemológica com as idéias de teóricos como Michel Foucault e Judith

Butler que me instrumentalizam para pensar o campo das sexualidades e dos gêneros. Além de me direcionarem a percepção de algumas regras que confirmam os sujeitos das travestilidades – quem “pode ou não” alçar o status de “ser travesti” – ao desvendar facetas diferenciadas, de acordo com a construção cultural e histórica, do discurso sobre as travestilidades em um determinado espaço e tempo.

Quanto à forma que escolhi para apresentar o tema proposto, este texto traz consigo uma inspiração etnográfica, que não se pauta diretamente nos passos do *fazer* etnográfico (DA MATTA, 1978), apesar de descrito por longos e detalhistas diários de campo. Mais do que oferecer as imagens do que vi, busco narrar minhas tardes com as travestis na tentativa de rememorar minhas experiências, requeitando as sensações, os cheiros e gostos que vivenciei e as histórias contadas por aquelas pessoas que estão iniciando seu processo nas travestilidades.

Enfim, invisto em um modo de *pensar* etnográfico que, além das memórias, também tenta enunciar nestas linhas meu corpo na pesquisa. As maneiras pelas quais sou chamada pelas travestis a responder sobre minha orientação sexual, os apelidos que recebi e como ser uma jovem pesquisadora com traços indígenas e sotaque sulista em Florianópolis/SC, especialmente, no universo das que estão começando a se travestir. Enuncio também as formas como meu corpo, ainda que *miúdo*, é percebido pelas travestis *iniciantes*, que estão na busca por um corpo feminino e por um jeito de *se comportar como mulher*, tendo em vista que meu cabelo curto, minha baixa estatura e a ausência de salto alto me distanciam do que elas consideram como *verdadeira* mulher.

Reflito não apenas sobre meu lugar, mas sobre as perguntas que não foram feitas diretamente e que seus olhares sobre mim, por vezes, fizeram-me como: *afinal o que esta mulher quer no meio da gente?* Relembro como é ser mulher entre as travestis, quando isto pode ser um fator de distanciamento, tendo em vista que ser mulher significa *ter buceta*¹¹, característica esta que, em alguns momentos, pode ser entendida pelas travestis que vivem às margens do que o discurso hegemônico classificou como normal, como uma pessoa representante de toda uma ordem social, da qual elas foram excluídas como sujeitos (MÁRQUES, 2002). Por outro lado, esta mesma característica me abriu portas e facilitou o trânsito em um universo em que o feminino tem grande valor. Ser mulher, assim como manter meu status de “ser de fora”, como alguém do “mundo hetero” e intelectualizada, que gosta de

¹¹ Referência direta à definição de mulher a partir de seu sexo genital.

estar entre elas, por vezes, torna-me mais interessante e cúmplice para falar sobre homens e técnicas sexuais, além de me autorizar olhar e tocar em sua mais *nova aquisição corporal*¹² (PELÚCIO, 2007a).

Neste sentido, ocupo-me em pensar questões de intersecções entre classe, gênero e raça/etnia, ou seja, questões intrínsecas ao pesquisar, sem que sejam secundarizadas, mas entendidas como relações produzidas o tempo todo entre pesquisador(a) e pesquisado(a). Também saliento as dificuldades encontradas, principalmente quando se é estrangeira na cidade e, por esta condição, igualmente desconhecer as redes, os locais de sociabilidades e os territórios de onde partir para o encontro com pessoas para a pesquisa. Por conta de ser “alguém de fora” os contatos com pessoas que se autorreconhecessem como travestis *iniciantes* foram muito lentos, caracterizados por recusas e por uma experimentação que pode soar como curta e pouco explorada. Porém, frente às dificuldades que se apresentaram, procurei traçar diferentes caminhos, a fim de contornar questões que pudessem inviabilizar este trabalho como, principalmente, o reduzido número de pessoas que aceitaram conversar sobre o assunto.

Neste contorno transitei por diferentes esferas, que fundamentam esta pesquisa: 1) participações em eventos e oficinas em Ong LGBTTT na cidade de Florianópolis; 2) observações e interações com usuários do *facebook* em um perfil de pesquisa criado para este trabalho com o nome de *Quarto de Bonecas*; 3) entrevistas com quatro pessoas que querem se tornar travestis ou já se consideram no processo, e com uma travesti mais experiente, considerada pelas *novatas* como *mamy*; 4) visitas periódicas a três *blogs* destinados ao público de travestis *iniciantes* e/ou com temáticas que envolvam o processo corporal das travestilidades.

Como critério básico para os contatos procurei por pessoas que estivessem começando ou desejando iniciar uma gradativa produção corporal, para alcançarem o que reconhecem como travestilidade. Busquei acessar, principalmente, aquelas que se identificaram como travestis ou *crossdresser*, ainda *iniciantes* na produção de seus corpos. Como expliquei anteriormente, não fiz qualquer distinção entre idades, mesmo assim as pessoas que manifestaram interesse em participar da pesquisa e com as quais conversei pessoalmente, possuem idades entre 15 e 21 anos.

¹² Ser mulher possibilitou-me conhecer, ver e tocar bundas *bombadas* (com silicone líquido injetado) e seios com próteses de silicone, entre outras situações de cumplicidade e intimidade que pude compartilhar, melhor discutidas em outros capítulos desta pesquisa.

O primeiro contato estabelecido foi com uma jovem que como eu residia há poucos meses em Florianópolis. Passeamos juntas durante uma tarde por lugares da cidade que nós duas não conhecíamos e na semana seguinte ela retornou à São Paulo, de volta à casa da mãe. Mesmo distantes mantivemos contato semanal pelo *MSN Messenger*¹³, o que me possibilitou acompanhar durante quatro meses seu processo de tornar-se travesti por meio das fotos que semanalmente ela me enviou mostrando sua transição de vestuário. Ainda não há uma transição no corpo físico, pois ela não faz uso de hormônios e na maior parte do tempo prefere ser chamada pelo nome masculino¹⁴. A partir dos relatos dela, pude conhecer um pouco dos conflitos das *iniciantes* que residem com familiares, algumas peculiaridades das jovens gays que vivem nas favelas do ABC¹⁵ paulista, assim como os planos para o futuro de quem está terminando o ensino médio. Conheci também o gradativo processo de tornar-se travesti com pouco dinheiro, frente à recusa da mãe, na relação com as *amigas-irmãs*, e mantendo como escolha o distanciamento da prostituição.

Após esta primeira experimentação e percebendo a grande participação das *iniciantes* na internet, criei um perfil no *facebook*, atualmente uma das redes sociais mais acessadas no mundo, e onde as pessoas escolhem *com quem* conversar e *sobre quem* preferem receber informações, à medida que o “amigo” usuário posta e compartilha suas frases, comentários, vídeos, fotos e links. Antes disso, busquei os *sites* destinados às *novatas* travestis, para pesquisar temas e imagens que costumam ser associados a elas, no intuito de criar um nome para meu perfil e utilizar imagens que chamassem a atenção delas, a fim de que servisse como um convite para interagir comigo.

Após este levantamento virtual chamei o meu perfil de *Quarto de Bonecas*, apresentado a partir da fotografia preta-e-branca de uma

¹³ Programa de mensagens instantâneas da internet que permite conversas textuais e por vídeo em tempo real.

¹⁴ Durante nossa conversa diz que gosta de ser chamada no feminino, ainda que prefira, por enquanto ao nome masculino. Em outro capítulo explico melhor a diferença entre *os gays e as gays* que ela utiliza para justificar esta ambiguidade: *eu sou a fulano*.

¹⁵ ABC Paulista ou Região do Grande ABC é parte da Região Metropolitana de São Paulo. A sigla vem das três cidades: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C). Apesar de não contribuírem para a sigla, também fazem parte da região os municípios de Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Diadema.

boneca Barbie. Em um espaço em que todas as pessoas têm acesso ao perfil do *facebook*, chamado *informações básicas - sobre você*, detalhei que se trata de um perfil de pesquisa, os objetivos e a universidade que me filio. Ciente das questões éticas, que envolvem uma pesquisa, tive cuidado em descrever minha intenção com linguagem clara e direta, assim como registrei em local específico um email de contato para esclarecer dúvidas quanto à pesquisa e seus objetivos.

A fim de tornar o perfil que criei conhecido entre as usuárias, enviei dez “solicitações de amizades” virtuais; entre elas, para boates GLS de Florianópolis, entidades LGBTTT e para travestis famosas no meio artístico, que realizam shows na cidade. No período de cinco meses, quarenta pessoas enviaram convites ao *Quarto de Bonecas*, e até dezembro de 2011, somam mais de cinquenta pessoas o número de participantes do perfil de pesquisa.

Pelo espaço de mensagens instantâneas que o *facebook* disponibiliza, pude conversar com a maioria das usuárias que se tornaram “amigas¹⁶” do *Quarto de Bonecas*. Estas usuárias são pessoas que se consideram *crossdressers*, travestis, *cdzinhas*, *drag queens*, *T-lovers*, gays, transexuais e andróginos, que me contaram virtualmente, por meio de conversas instantâneas, como iniciaram suas transformações corporais ou sobre como está sendo o processo. No entanto, quando mencionado o convite para participar da pesquisa, quase todas recusaram por diferentes motivos: falta de tempo, pouco interesse, e algumas repetiram a mesma frase: *ah já tem uma ong no centro pra isso. Lá costuma ter gente para responder estas pesquisas!*

Mesmo com dificuldades de contato com pessoas que aceitassem participar da pesquisa, entendi a ferramenta virtual do *facebook* como um importante espaço por onde transitam as opiniões e os modos de subjetivação que as travestis *iniciantes* compartilham. É a partir deste instrumento que conheci um pouco dos discursos das redes virtuais sobre as travestilidades, das travestis usuárias da rede e dos homens que se autorreconhecem na internet como “*homens que se relacionam afetivo e sexualmente com travestis*”, os *T-lovers*, bem como os *blogs* e *sites* que as *novatas* costumam utilizar.

Neste trajeto, também tentei contato pelos *chats*. No entanto, não obtive êxito, pois mesmo com o perfil de pesquisa, todos os homens que conversaram comigo o fizeram no intuito de trocar mensagens e contatos

¹⁶ Modo como são chamadas as pessoas que, por meio de convites virtuais, passam a compartilhar informações.

para terem relações sexuais. Definiam-se como *crossdressers* heterossexuais, à procura de mulheres *que penetrassem neles vestidos com língeries*.

Ainda na busca por participantes da pesquisa, foi na Ong, a partir de um telefonema que ouvi entre duas travestis mais velhas durante uma reunião, que percebi que uma delas poderia me ajudar no contato. Perguntei, reservadamente, se ela conhecia travestis *iniciantes*, e, para minha surpresa, prontamente ela me convidou para ir até sua casa, onde residiam três pessoas naquele momento.

Por meio desse contato conheci três travestis que aceitaram não apenas participar da pesquisa, mas que passaram a ter laços de amizade comigo. Com elas tive a oportunidade de conhecer as diferentes relações que se estabelecem entre jovens travestis e suas “mães”, as travestis mais velhas, que cuidam e ensinam as técnicas corporais, as negociações no terreno da prostituição e as condições necessárias para se experienciar alguns modos de travestilidades, a partir de uma relação comercial estabelecida com as *iniciantes*. Conheci também as dificuldades daquelas que estão iniciando como travesti na prostituição, na escola, na família e com os clientes. Compartilhei três longas tardes de conversas, café-da-tarde e experimentação do espaço doméstico e de um modelo familiar com as *novatas* travestis e sua *mamy*¹⁷, nas quais acessei os discursos de quem cuida das mais jovens, dos homens que pagam pelos seus serviços e da experiência das mais velhas sobre quem está iniciando sua *transformação* corporal.

Ao elencar estas redes de discurso nas quais se produzem as travestilidades e as experiências das *novatas*, optei por não legendar as falas, criar nomes fictícios ou identificar as idades, seguindo o entendimento de Foucault (2002a[1969]) de que discurso é um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns, com dispositivos que sustentam práticas ou as engendram.

Deste modo, lanço luz nesta pesquisa a alguns eixos centrais para análise: a produção do discurso científico; o discurso da experiência pelas travestis mais velhas e da rede de proteção das *mamy's*; o discurso dos *T-lovers*¹⁸ e dos espaços virtuais como *blogs* e a rede social do

¹⁷ Modo como as travestis que conheci chamavam a “travesti-mãe”.

¹⁸ De forma resumida *T-lovers* são homens que se relacionam sexualmente com travestis. Para uma discussão mais aprofundada sobre o termo ver o capítulo 5 sobre as redes virtuais.

facebook; e principalmente os discursos produzidos pelas *novatas* travestis acerca dos modos de se legitimar como sujeitos dele a partir de novas experiências de travestilidades.

Minhas análises deslizam entre a inspiração etnográfica e a análise do discurso foucauldiano, sem repousar em um tipo específico de categoria, no intuito de enunciar as formas de relação consigo, os procedimentos e as técnicas pelas quais são produzidas e (re)elaboradas as travestilidades. Tento assim que estas possam falar por si, apresentando os exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto por conhecer e as práticas que permitem *transformar* seu próprio modo de ser (FOUCAULT, (2007a[1984]).

2 *Entre babados e confusões... As Travestis Made in Brazil*

*Não vim pra esclarecer nada.
O que eu puder confundir, eu confundo.*

Ney Matogrosso (1983)

Cena 1: No pequeno dormitório-casa residiam duas jovens travestis, uma delas foi para o banho, e eu permaneci no local conversando com sua colega de quarto. Enquanto manuseava a longa peruca que descansava sobre a cama, ela pediu minha opinião entre dois conjuntos de roupas que pretendia usar naquela chuvosa sexta-feira em seu trabalho na pista. Ambos eram compostos por calcinha, mini-saia, sutiã e blusa, porém, com uma combinação de cores diferentes, um conjunto todo rosa e outro todo preto. Gostei mais do preto. Ao me olhar para saber sobre minha escolha, apontou para a peruca que eu segurava nas mãos e me disse “coloca aí pra ti ver como é igual de boneca”. Cuidadosamente, vestiu-me a longa e loiríssima peruca. Rimos muito, pois minha baixa estatura e pele morena acentuaram o contraste da peruca loira, quase branca, sobre minha pele. Ela era feita com fios sintéticos, os mesmos dos cabelos-de-boneca. Era longuíssima e repousava sobre mim em quase um metro. Como toque final ela segurou em frente aos meus seios o pesado sutiã com enchimentos e a pequena saia preta. Entre gargalhadas ela exclamava: “nossa, já percebi que tu adora uma montaria de trava, né?!” Concordei com ela e, removendo aos poucos a montaria que fez sobre meu corpo, ela continuava “tu já deve ter conhecido muitas travas, por aí...” Contei a ela que antes de fazer pesquisa conheci muitas travestis na cidade em que eu morava, mas conheci mais a respeito das suas histórias, quando iniciei minhas pesquisas em 2008. Durante a conversa, percebemos que conhecíamos muitas pessoas em comum, pois como eu, ela e a colega de quarto também eram do RS. Todas as travestis que ela perguntava se eu conhecia, eram automaticamente, classificados pela beleza “tu também conhece a fulana? Nossa ela é um abuso¹⁹, né?! Conheci ela num concurso de beleza... dos 50 que ela já participou 49 ela já ganhou! Ela

¹⁹ Forma de elogio que se aproxima de um tipo de perfeição estética: “um abuso de tão linda!”

*é fina*²⁰!” Uma terceira amiga, que reside no mesmo terreno, entra, ouve a conversa e fica curiosa: “e essa aí, já se prostituiu?” Respondo que nunca soube nada a respeito, a amiga completa: “ela é fina, bicha tem que ver! É feminina, discreta, tem classe, tem um salão de beleza... um abuso!”.

Quem seriam elas? São *bichas, travas, travecos, bonecas*? Como seriam? *Monas finas, barraqueiras ou tops*²¹? Elas se prostituem, estão *colocadas* ou elas fazem a *Elza*?²² Ou são *um abuso, femininas e toda feita*?²³ Foram nestes termos que aos poucos fui apresentada a um universo extremamente plural, diverso e dinâmico – o das travestilidades. Por meio das gírias, que tentarei ir decifrando no decorrer do texto e de minhas experiências, percebi que mais do que um meio de se comunicar dentro dos grupos, a linguagem é também uma maneira utilizada entre as travestis, para falarem um pouco de si, sobre seus corpos, a partir de seus corpos e, efemeramente, classificarem-se dentro do universo *trans*²⁴.

Para Judith Butler (2010[1993]), se a única forma de acessar o corpo ou o biológico é através da linguagem, então, esse mesmo corpo já é em si linguagem. Deste modo, as gírias e as categorias que se

²⁰ Ser *fina* entre as *novatas* travestis que conheci parece ter maior relação com a beleza, e deste modo, com as vestes e formas de se portar, do que com a situação financeira. As *iniciantes* atribuem às *finas* as características de discretas, que se opõem às vulgares e às escandalosas (bafão). Consideram também como características as travestis que não são profissionais do sexo (são cabeleireiras, maquiadoras, promotoras de eventos, etc.) e as mais próximas do feminino naturalizado: são vaidosas, comportadas, de aparência delicada e doce.

²¹ Frase que quer dizer: Como seriam? *Travestis lindas, escandalosas ou bem de vida/famosas*?

²² Frase que quer dizer: Elas se prostituem, estão *drogadas* ou *elas roubam*?

²³ Frase que quer dizer: Ou são *perfeitas, femininas e montadas/bombadas*?

²⁴ Marcos Benedetti refere-se a “universo *trans*”, “em função de sua propriedade em ampliar o leque de definições possíveis no que se refere às possibilidades de ‘transformações do gênero’. Assim, esta denominação pretende abranger todas as ‘personificações’ de gênero polivalente, modificado ou transformado, não somente aquelas das travestis” (BENEDETTI, 2005, p.17). Partilho o uso deste termo para falar sobre pessoas que experienciam diferentes formas de manifestar os gêneros, estendendo seu uso também para referir-me aos clientes, amantes, maridos, as redes de serviços, proteção e relacionamentos que operam na manutenção destas corporalidades.

produzem dentro da própria travestilidade são discursos e, também, seus corpos. São corpos construídos, nos quais a própria idéia de um corpo natural é também um constructo

[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso. Então, não quero afirmar que haja uma construção discursiva de um lado e um corpo vivido de outro (BUTLER, 2002, p.163).

Em seu livro *Cuerpos que importan* (2010[1993]) Judith Butler afirma que as condições sob as quais os corpos materiais, sexuados tomam forma, estão relacionadas à sua existência, à possibilidade de serem apreendidos e à sua legitimidade. Quando menciona “materialidade”, Butler (2010[1993]) refere-se àquilo que compõe inteligibilidade, na qual ser matéria significa materializar, ou seja, o que é importante e pesa deste corpo. Mostra disto é que nunca a “matéria” se apresenta sem sua “forma”, figura ou aparência, sendo a forma indissolúvel do que se constitui matéria. Assim materializar os corpos é ser prisioneiro do mais material e histórico – do poder e dos discursos.

Como pensar a matéria fora do representável? É possível pensar a cortiça fora da rolha? A cera fora da vela? Uma não se constitui sem a outra e impõe a problemática “diga o que teu corpo tem (sob que formas ele é representável) e eu te direi quem és!²⁵”. Mas, qual seria o limite da materialidade e da natureza do corpo, já que existe também um limite de construtividade? Sua própria forma como não-matéria-mais, tornada sexo. Para tanto, é preciso considerar o sexo uma construção do próprio discurso, e não um atributo natural, inalienável, que se tornou ferramenta para legitimar relações sociais e de poder a partir da ideia de sexo natural.

Retomo a reflexão sobre as classificações e categorias como discursos e corpos das travestilidades anunciadas no início do texto, orientada pela discussão de sexualidade, para além do que simplesmente

²⁵ Estas são algumas das reflexões produzidas nos debates com a Profa. Sonia Maluf e com os colegas da disciplina Corpo, Sujeito e Poder ministrada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia/PPGAS/UFSC no 2º semestre de 2010.

o corpo. Tenho em vista que, pensar a sexualidade como habitante do corpo biológico, é estabelecer os limites do que é sexualmente possível, enclausurando o pensamento sobre as multiplicidades, fluxos e movimentos. Por isso, lanço luz à sexualidade discutida por Michel Foucault (2007[1976]) como política, ideológica e discursiva, de sorte que

não se deve conceber como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2007[1976], p.100).

Estratégias normatizadas são orientadas sob o véu das relações de poder, por meio dos discursos e disciplinamento dos corpos, à ação do dito e não-dito e na crença de uma verdade do sujeito a partir do seu próprio sexo. Este discurso sobre “a verdade” move o sujeito, assim como seus controles e resistências, no entanto, para se manter normativo precisa ser constantemente reiterado. Butler (2010[1993]) ao falar da pragmática linguagem como efeito elaborada por John Austin (1971[1955]), na qual “dizer é falar, e falar é fazer” lança a discussão de que para materializar-se, pesar e ter importância precisa firmar-se e, para isto, precisa ser reiterativo. As classificações (do que diz o teu corpo?) surgem como correspondentes, na emergência por nomeações que passam a fazer parte, não apenas da vida em grupo das travestis, mas também do que elas chamam de *vida fora*²⁶.

Entendi melhor a emergência na qual se impõem estas categorias, quando passei a conhecer e dedicar-me ao estudo das travestilidades, e me vi às voltas com as perguntas que as pessoas me faziam: quem são elas? Onde elas estão? Como elas são? Vai travesti lá? Outras pessoas, na intenção de ajudarem-me na busca de dados para minhas pesquisas, me enviavam matérias jornalísticas, filmes e artigos sobre *transexuais*

²⁶ Considerada por elas como os “outros”, as pessoas que não são travestis.

que realizaram cirurgia de transgenitalização, gays que se casaram, homens *trans* grávidos, pessoas com genitália ambígua, *performances* artísticas de *drags* e, toda uma infinidade de assuntos que elas imaginam ter íntima relação com a experiência das travestis. Confusões e estereótipos que, por vezes, dissolvem as diferenças e homogenizam experiências, ao mesmo tempo em que sublinham as semelhanças (VENCATO, 2003).

Mesmo percebendo estes tipos de confusões, nunca tive o intuito de explicar *quem* são as travestis e muito menos *como* “elas” são – como se fosse possível e necessário reduzir a uma unidade as experiências de gênero. Mantendo-me distante disto, e como pesquisadora, tenho tentado implodir os conceitos sempre que sou convocada à arena das definições, em especial, àqueles que, minuciosamente, definem as manifestações *transgêneros*. Ouso “implodir” justamente porque coloco em questão as fragilidades em que se firmam os conceitos, quando vistos de forma rígida, uma vez que ao serem internamente rachados, trazem à tona variadas categorias. Inspirada em Joan Scott (1990), me interesse pelo termo *categorias* no sentido de agrupamentos sociais, contingentes acionados de acordo com as circunstâncias, diferenciando-as dos *conceitos* quando entendidos como definições fixas, universais e atemporais.

A partir da noção de categorias rascunho, em um sentido geral, a maneira como compreendo a experiência das travestis, no intuito de deixar mais claras as questões específicas relacionadas às travestis *iniciantes*, que serão abordadas em capítulos posteriores. De forma ampla discorro aqui sobre 1) a emergência das categorias, 2) o território como código, e, 3) as travestis como sujeitos de saberes (objetivação), que terão como efeitos o sujeito da travestilidade, sob as quais a produção de subjetividades das *novatas* travestis buscarão correspondências (subjetivação).

Sobre sujeito e subjetividade, sigo os caminhos de raciocínio de Foucault (2006b[1984]), ao afirmar que o sujeito não é originário, mas tem uma gênese, uma história, no qual o problema da subjetividade se coloca como “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (p.236). Para o autor, se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si.

Assim, caminhar nos trilhos da produção histórica da subjetividade pertence à constituição de saberes sobre o sujeito, que Foucault chamou de *arqueologia*, e à descrição das práticas de

dominação e das estratégias de governo às quais pode se submeter os indivíduos, considerada por ele *genealogia*. Saberes e práticas, que tornadas técnicas, são os meios pelas quais os homens se produzem e se transformam (FOUCAULT, 2007[1976]).

Na dupla empreitada arqueológica e genealógica, tratar as formas de produção de subjetividades, que tem como efeito o sujeito da travestilidade, tem como partida a construção dinâmica de si. Movimento que as desloca numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes. Ainda que, desprendida em relação a ela mesma esta produção de si ao mesmo tempo, também é produto das determinações históricas.

Nesta produção de si mesmo, volto à questão das categorias e também percebo a emergência de uma definição universalizante que dê conta de abrigar todas as outras categorias, que diga, mesmo que rapidamente, quem é a travesti e quais suas formas possíveis de existência. As formas de produção do discurso sobre as travestilidades engendram um processo legitimador, que propõe as maneiras pelas quais, em algum momento, as *iniciantes* serão interpeladas pelas próprias travestis ou, até mesmo, pelo universo da *vida fora: ei, tu é travesti?* Aproximo este modo de se situar no discurso, ao que Butler (2002), baseada em Louis Althusser chama de interpelação. Althusser (1983[1970]) afirma que a “ideologia age” ou funciona de tal forma, que recruta sujeitos dentre os indivíduos ou *transforma* os indivíduos em sujeitos através de uma operação muito precisa, a interpelação. Como exemplo, o autor menciona a interpelação policial que diz: *ei você!* Ao olhar para trás, respondendo ao chamado, a lei é imposta à pessoa advertida. É neste momento que o indivíduo se reconhece como sujeito. Althusser (1983[1970]), a partir do exemplo, discute que desde sempre somos “já-sujeitos”, mesmo antes do nosso nascimento, pois a lei imposta que causa temor, ao mesmo tempo, fornece reconhecimento.

Pautada nesta proposta Butler (2002) define a interpelação como um processo que não termina ali, pois é reiterada por várias autoridades e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e, também, a repetição de uma norma.

A essa repetição Butler (2002) chama de “performatividade” compreendida não como ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como prática reiterativa e citacional, pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia, constituindo uma materialidade dos corpos, na qual a diferença sexual está a serviço da consolidação do imperativo

heterossexual. Imperativo que possibilita certas identificações e impede ou nega outras,

estas se produzem, simultaneamente, ao domínio dos seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, que ocupam as zonas “inabitáveis” da vida social, que não gozam do status de sujeito, mas que formam pelo seu signo de inabitável, um exterior constitutivo, e necessário, para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Para que haja uma referência a qual possa se temer, e contra a qual o domínio do sujeito pautará suas reivindicações de direito à vida (BUTLER, 2002, p.18).

Nesse sentido, a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do “humano”. O resto, a sobra ou a sombra do que fica é o *abjeto*, ou seja, aqueles que se produzem e fazem de seus corpos uma experiência de desejo e objeto ao mesmo tempo, na qual o corpo deixa de ser uma substância previamente dada (o reino da natureza), em cima da qual irá se inscrever o que é da ordem da cultura (MALUF, 2002).

Neste cenário, Sônia Maluf (2002) percebe a experiência de corpo das travestis mais que o território dado *a priori* onde operaria a *transformação*. O corpo *transformado* apresenta-se como o espaço de reterritorialização, realiza-se algo que é da ordem de um desejo que parece dado previamente. O corpo é nessa experiência, desejo e objeto ao mesmo tempo, na qual a história é contada através de seu corpo, ou melhor, de sua experiência corporificada. Neste contexto, pensar desejo entre as travestis refere-se à experiência de tornar-se outro, sendo um desejo que se coloca muito mais como o próprio processo de mudança do que tornar-se o produto final.

É sobre esta ampla experiência que escrevo nesta seção, sem a intenção de demarcar suas origens históricas e colaborar com definições fechadas. Ainda que a sombra de uma definição universal sobre travestis continue sempre pairando na escrita, sou guiada pelas manifestações das travestilidades que conheci nesta pesquisa, em minhas relações pessoais e pela literatura existente sobre o tema no contexto brasileiro. Mesmo orientada por encontros e histórias completamente singulares, engendro uma noção básica para operar nesta pesquisa como ferramenta e, assim, tento pontuar experiências em comum entre as pessoas que, durante as conversas comigo, se autodenominaram travestis.

Nestas condições, e de maneira rápida, posso dizer que as travestis que conheci são pessoas que possuem genitália masculina e gostam de produzir seus corpos com aquilo que entendem que seja feminino, assumindo posições sociais e profissionais, além de redes de sociabilidades, a partir da relação que constroem com seus corpos. Entendo as experiências de travestilidades, sem qualquer correspondência compulsória às práticas de relações sexuais ou afetivas homossexuais, sem propor relações diretas com profissões ligadas ao sexo, e com o desejo ou não de realizar cirurgia de transgenitalização.

Saliento mais uma vez que, mesmo cuidadosamente, ao esboçar uma definição, compartilho do mesmo desconforto de Larissa Pelúcio (2004, p.125) e Suzana Lopes (1995, p.224) quando comentam sentirem-se incomodadas “em simplificar um universo tão diverso”, como no caso das travestis.

Neste modo, talvez um pouco simplista, de esboçar algo próximo de quem são ou quem desejam se tornar as pessoas de quem falo nesta pesquisa, ou seja, a partir de uma categoria contingente que dê conta de me instrumentalizar neste momento, baseio-me, também, na trajetória das travestilidades no contexto histórico brasileiro num primeiro plano. E em segundo, na produção de saberes sobre suas experiências que, há mais de uma década, têm se tornado “objeto” de conhecimento, no sentido foucauldiano de “objetivação”, pela escrita de pesquisadores em nosso país²⁷.

Em relação ao primeiro plano, interessa-me a especificidade de um determinado território, pelos modos de vida e corporalidades construídas pelas travestis nos variados contextos políticos e culturais brasileiros. Tratam-se das possibilidades pelas quais as travestis foram sendo percebidas e produzidas, desde o *glamour* à marginalização e da fama ao menosprezo em diferentes momentos históricos do país.

Aproximo as peculiaridades do espaço à maneira como o antropólogo Néstor Perlongher (2008), inspirado em Gilles Deleuze, tece sobre território em sua pesquisa com michês brasileiros, ou seja, como lugares por onde transitam códigos, e que são produzidos pelos próprios códigos. A territorialidade percebida não apenas como espaço físico, mas que no próprio espaço do código

²⁷ Refiro-me às pesquisas sobre travestis realizadas no Brasil no período entre 1993 e 2011. Os livros publicados neste período estão detalhados no Apêndice A.

pode acontecer, ainda, que os sujeitos ocupem sucessivamente diversos lugares do código, isto é, se desloquem mais ou menos intermitentemente pelas várias casinhas classificatórias, mudando de classificação conforme o local e a situação. Frequentemente é um mesmo sujeito que vai assumindo e recebendo várias nomenclaturas em diferentes momentos de seu deslocamento. Poder-se-ia falar então, de um deslocamento do sujeito pelas redes do código. Configura-se assim um complexo código-território, dado pelos códigos e suas superfícies de inscrição do corpo social (PERLONGHER, 2008, p.159).

São modos específicos, mas não estáticos de se viver, que me levam a entender melhor alguns significados atribuídos pelos brasileiros às travestis como: a marginalidade conferida à *pista*, os motivos pelas quais determinados padrões corporais são desejados, como é organizado e significado o espaço doméstico entre as travestis, seus modos de sociabilidades, suas memórias embaladas pelas músicas do momento, pelos personagens das novelas²⁸, traduzidos em gírias locais e globais em uma produção temporal e histórica em determinado território.

São códigos territoriais como esses que arrisco diferenciá-los a começar pela própria forma dos brasileiros referirem-se às travestis. Enquanto os países europeus, asiáticos e norte-americanos elaboram uma visão sobre as travestis, aproximando-as das transexuais, terceiro sexo ou *crossdresser*, as travestis brasileiras se produzem em condições de possibilidades²⁹, que percebo como paralelas. Ao mesmo tempo em que as travestis se consolidaram como figuras populares no país, e personagens típicas da cultura e imaginário social do brasileiro³⁰ (KULICK, 2008), sendo quase que “celebradas” durante a folia do

²⁸ Don Kulick (2008) comenta a estranheza que lhe causou ver programas na televisão brasileira que exibiam tramas melodramáticas, hipnotizando as pessoas e rendendo discussões e torcidas para que o enredo da história satisfizesse os gostos, entre as travestis que ele conheceu. Descobriu depois de algum tempo que se tratava de novelas, um dos códigos nacionais compartilhado entre os brasileiros independentes das classes, raças e gêneros.

²⁹ Herança kantiana que Foucault utiliza no sentido de “acontecimento”.

³⁰ Por isto, para melhor explicar como as questões culturais e sociais estão associadas elejo apenas pesquisas brasileiras, ou realizadas no Brasil, quando o assunto são travestis.

carnaval, o Brasil também se mantém, há décadas, como o país que mais mata homossexuais no mundo. São 42% o número só de travestis cruelmente assassinadas no ano de 2010 (MOTT; ALMEIDA; CERQUEIRA, 2011), no país onde dizer-se travesti também tem sido sinônimo de estigmatização, associada ao esquema promiscuidade-pobreza-violência e, não em vão, muitas travestis optam por referirem-se a si mesmas como transexuais, por considerarem *status* social mais respeitado.

É interessante perceber estas engenhosas artimanhas do poder que, por meio do discurso da sexualidade, inicialmente não aplicado ao sexo, mas ao corpo, o torna alvo de domínio e adestramento. E mais do que isso, observar a capilarização pelas quais o poder disciplinar, como constitutivo das relações de poder, penetra e se difunde como mecanismos de dominação interiorizados. São redes “em que o domínio não é mais exterior, operando no mais íntimo da subjetividade” (FOUCAULT, 2006, p.XLV).

Desta maneira, no país em que a sexualidade é celebrada pela erotização do corpo em músicas, novelas e festas populares, pensar a sexualidade também implica pensá-la sobre parâmetros e pensamentos dominantes, que se debruçam em um padrão heterossexual, reprodutivo e hierarquicamente justificado pela natureza das diferenças sexuais binárias entre homem e mulher. Por pensamentos dominantes³¹ entende-se um modelo hegemônico que se configura como expressão ideal e, portanto, à expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante e, assim, as idéias do seu domínio. Portanto, o pensamento da classe recusada a dispor desta potência dominante espiritual, e também de dispor dos meios de produção intelectual, está submetido igualmente à classe dominante (WITTIG, 2006).

Desta forma, sexualidades que não correspondem a este perfil fazem parte do que pode se chamar desviantes ou dissonantes, e não cumprindo seu papel de satisfação econômica, política e ideológica, a um modelo hegemônico de se pensar a sexualidade, produzem-se na invisibilidade de seus atos e corpos. No entanto, não escapam inteiramente e ilesas desse modelo e, por isso, fazem e refazem a todo o momento seu caminho de resistência produzindo novas formas de existir.

³¹ Monique Wittig no texto *No se nace mujer* do livro *El pensamiento heterosexual: y otros ensayos* discute a dominação inspirada nos escritos da *Ideologia Alemã* (1845-1846) de Karl Marx, a fim de problematizar o que ela chamou de “contrato sexual” e os imperativos da heterossexualidade.

Sob a perspectiva das sexualidades desviantes e com o olhar endereçado às travestis, é possível problematizar seu espaço como sujeitos "entre lugares", que se empenham na multiplicidade dos gêneros e na construção de uma sexualidade, que mesmo tomada pela matriz heterossexual, ao mesmo tempo em que censura fornece a pauta para as *transgressões*. São sujeitos e corpos que como outros se conformam, ou também subvertem (LOURO, 2004). Sexualidades que, para Foucault (2007[1976]), apontam para um dispositivo bem diferente da lei, pois mesmo que embebidas dos procedimentos de interdição, asseguram através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação do que ele vai chamar de sexualidades disparatadas.

Nestas condições o corpo das travestis também pode ser pensado duplamente às margens quando submetido a uma economia heterossexual: por negarem seu sexo masculino dominante e por desempenharem um papel político de subjugação dedicada à naturalização das mulheres. Um modelo responsável pela manutenção do que Wittig (2006) chamou de reprodução de uma sociedade heterossexual.

Assim, corpo, código, território e sexualidade também se encontram e compõem as particularidades das travestis, que apelidei como expressões de corporalidades *Made in Brazil*³². Não importa o tamanho da cidade brasileira, as travestis sempre existem, pontuou o olhar estrangeiro de Don Kulick (2008) em sua etnografia no Brasil. Suas curvas e comportamentos *à brasileira* foram sendo conhecidos para além das fronteiras latinas e configuram-se atualmente como *status* e sucesso também na Europa. Não muito diferente das mulheres brasileiras as travestis são valorizadas, fora do país, pelos corpos arredondados e seu persistente processo de feminilização. Aparências que não apenas as aproximam do feminino, mas que também confirmam e desfilam os atualizados padrões vigentes às mulheres brasileiras – hormonizado, siliconado e depilado –. Esta aparência é um dos motivos do sucesso de muitas travestis que vão trabalhar em outros países.

³² Muitas travestis brasileiras que se prostituem fora do país tatuam em seu corpo o desenho de um código de barras com a escrita *Made in Brazil* fazendo referência aos produtos do Brasil que são exportados para o comércio exterior. Este tipo de tatuagem era muito comum entre mulheres brasileiras, que trabalhavam como modelos em outros países. Atualmente também é exibido em *sites* especializados em agenciar travestis brasileiras para clientes estrangeiros.

Esta “mudança de vida/país” desde a década de 90 tem tornado-se uma ambição para muitas que se prostituem (KULICK, 2008; PELÚCIO, 2009). Neste processo de *transnacionalização*, contribuem também as fronteiras etno-sexuais citadas por Adriana Piscitelli (2008), como delimitações traçadas na interação entre sexualidade e etnicidade que, de acordo com o contexto, afetam mulheres de regiões e países de maneiras diferenciadas. No caso das brasileiras há uma tropicalização que circunscreve mulheres e, da mesma forma, as travestis com imagens sexualizadas e racializadas, associadas aos trópicos.

Quanto à idealização do trabalho na Europa por parte das travestis, Hélio Silva (2007) associa à possibilidade destas deslizarem com seus passaportes para além dos condicionamentos naturais. Embora o autor compreenda o “natural” como essência, concordo mais precisamente quando ele menciona o caráter do deslizamento também em relação à nacionalidade, pois para muitas travestis sair do país pode representar a chance do recomeço, em um lugar onde seu passado é desconhecido. Mesmo que estar na Europa, destino da maioria das travestis, também signifique estarem sob as diferenciadas leis dirigidas aos estrangeiros e sob a violência dos discursos xenofóbicos e homofóbicos, relacionada à visão patologizada da transexualidade (PATRÍCIO, 2009).

O *status* da *transnacionalidade* das travestis que conseguem trabalhar fora do Brasil, associa-se a um embranquecimento de seus costumes, linguagem e sociabilidades. Estas travestis tornam-se *finas*, *elegantes* e *européias* perante àquelas que ficaram, e são valorizadas como *brasileiras*, para os estrangeiros, quando estão lá fora “porque é estando na Europa que elas se destacam como brasileiras, e estando no Brasil, as que circulam pelo mundo, se destacam como européias” (PATRÍCIO, 2009, p.32). Frente à valorização deste *status* torna-se comum a camuflagem de violências e dificuldades que tiveram durante a vida na Europa.

Em que condições as travestis tornaram-se tão tipicamente brasileiras? Como se tornaram objeto de conhecimento? Sobre a primeira questão, sabe-se que “falar em cultura brasileira é também falar de travestis” como a impressão que teve o pesquisador sueco Don Kulick (2008), ao ver nas terras baianas um interessante local para conhecer “aquele agrupamento de figuras em trajes sumários, em várias esquinas de Salvador, conversando e rindo, e à espera de clientes” (p.29). Para este estrangeiro, as pessoas que ele rapidamente enxergava, pelas janelas de um ônibus urbano, noite-a-noite postadas nas ruas, traziam-lhe muita curiosidade, uma vez que “elas não se encaixavam nas

tipologias sexuais do universo euro-americano, pois não eram *transvestidos*³³, tampouco transexuais. Então o que eram?” (p.30).

Na curiosidade de desvelar o que se tornava “heróico no decote desses rapazes que não prestaram o serviço militar³⁴”, (SILVA, 2007, p.50) discorro sobre as condições políticas, culturais e sociais que possibilitaram suas existências e resistências no país do carnaval. Trata-se de território de diversificados costumes, no qual a população desde o século XVI sabe que nas noites escuras circulam pessoas dispostas a subverter o uso das vestes, a partir de experimentações que vão além das representações artísticas e festas populares.

Assim, situo no tempo os primeiros escritos documentais sobre a travestilidade na história brasileira, que podem ser encontrados nos jornais que circulavam por volta de 1800 pela Bahia. Pois, foi a partir deles que o “*travestismo*” saiu do anonimato das ruas e passou a ser divulgado nas páginas policiais, associado ao crime de decore e transgressão à moral. Este período da história baiana é citado por Jocélio Teles dos Santos (1997) como o momento em que se acentuaram as diferenciações dos trajes e a normatização dos papéis sexuais, como assuntos não apenas estéticos ou relacionados à moral privada, mas ligados à moral pública do direito e do estado, e, portanto, a um assunto também de polícia.

³³ O termo *transvestismo* é uma adaptação para o português de uma terminologia utilizada em países anglofônicos. Faz referência explícita ao termo “transvestite”, que muitas vezes é traduzido como algo sinônimo a “travesti”. Os termos não são correspondentes, uma vez que a travesti brasileira nada ou pouco tem em comum com os(as) *transvestites* norte-americanos diretamente associado(a) aos *crossdressers*. No entanto, a apropriação indevida é boa para pensar num problema de quem trabalha com os estudos gays, lésbicos e transgênero – “a importação de categorias e conceitos e a aplicação dos mesmos sem uma reflexão muito aprofundada acerca do contexto brasileiro” (VENCATO, 2003, p.191).

³⁴ Não em vão, Hélio Silva (2007) refere-se ao alistamento obrigatório no Brasil que seleciona alguns jovens brasileiros do sexo masculino aos 18 anos a prestarem serviço militar. Dificilmente as travestis que ele vê na esquina foram selecionadas ao serviço militar, por conta de suas “feminilidades” recusadas/temidas pelos serviços militares brasileiros, instituição onde o símbolo maior é o da bravura, virilidade e disciplinamento. No entanto, sua metáfora leva-me a crer que o autor entende as travestis que se prostituem como, suficientemente, heróicas por estarem trabalhando nas escuras esquinas do Rio de Janeiro, ou ainda, pelo seu símbolo de bravura estar localizado exatamente em sua construção feminina – nos peitos exibidos pelo decote.

Condições que vão ao encontro da dinâmica que fez com que Foucault (2007[1976]) questionasse a hipótese repressiva acerca da sexualidade, argumentando a respeito da existência de um esquema de incitação política, econômica e técnica a falar do sexo, nascida por volta do século XVIII. Para ele, o sexo não é apenas alvo de julgamento, mas de administração a partir do “saber sobre” e do discurso da “polícia do sexo”, regulando o sexo por meio de discursos úteis e públicos, e não apenas, pelo rigor da proibição.

Entre as instituições, coube também à justiça penal ocupar-se da sexualidade “sobretudo, sob a forma de crimes ‘crapulosos’ e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância” (FOUCAULT, 2007[1976], p.36). Inauguram-se, também, na justiça os controles sociais, a fim de administrar a sexualidade da família no intuito de separar, resguardar e precaver, acentuando os perigos, pois “em torno do sexo eles irradiaram discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele” (FOUCAULT, 2007[1976], p.37).

Neste contexto, mesmo sendo a Bahia uma sociedade escravocrata, o controle sobre a indumentária tanto para escravos(as) quanto para senhores(as) passava por crivos e padronizações. Ainda que houvesse uma hierarquia social nas formas de vestir, o uso de roupas condizentes com o próprio sexo constituía algo que estava além das diferenciações sociais, recaindo neste momento sobre as diferenças sexuais. Afinal, o sexo é desde o início normativo, não apenas como norma, afirma Butler (2010[1993]), mas, como ideal regulatório, ou seja, prática regulatória que produz os corpos que governa numa espécie de poder produtivo.

O mesmo poder também produz os transgressores da moralidade vigente, a quem se atribuíram os nomes de “*afeminados*” e “*homem-mulher*”, forma que os jornais noticiavam àqueles que ousavam sair travestidos. Já os registros policiais, além de descreverem as costumeiras repressões aos ajuntamentos de escravos, batuques e candomblés, frequentemente registravam em suas rondas a prisão de “*homens que se vestiam de mulher*” e “*mulheres que se vestiam de homem*”. Muitas prisões foram efetuadas por este crime, por mais de três décadas entre 1853 e 1885 e não há dados detalhados sobre estas detenções (SANTOS, 1997), porém a escassez dos dados não foi impeditiva para que as condições políticas e sociais das prisões, ocorridas neste período, fossem problematizadas tal como sugere a seguinte passagem:

Devemos também pensar que a repressão sistemática aos travestidos compreendia uma dimensão mais ampla, envolvendo uma possível polarização entre o público e o privado, ou mesmo a definição de um outro estilo de vida urbana – supostamente mais “moderno”, “burgês”. O que pressuporia maneiras (inclusive de vestir) mais “discretas”, “higiênicas”, “civilizadas”, etc., conformando-se a modos de vida oriundos dos centros de referência europeus então hegemônicos (SANTOS, 1997, p. 155)

Ainda na segunda metade do século XIX, o *travestismo* de homens negros e mulatos tornou-se uma prática consolidada na cena teatral, motivada pelo decreto de 1780, promulgado por Dona Maria I, que proibia a presença de mulheres nos palcos. Aliado a isto, estava o desprezo dos brancos (a classe dominante) em relação aos teatros e atores, contribuindo para que os espaços teatrais fossem ocupados por negros e mulatos escravos ou libertos, cuja “condição social degradada casava-se à perfeição com a desclassificada arte cênica” (TREVISAN, 2007, p.232). Nestas condições políticas, não foi difícil que o *travestismo teatralizado* tomasse forma e escoasse por outras vertentes, atingindo as hierarquias sociais e fazendo florescer nas festas de carnaval uma forma de *travestismo lúdico*, nas quais homens (brancos, negros e mulatos) desfilavam durante três dias pelas ruas das cidades com as roupas de suas esposas (TREVISAN, 2007).

Outra vertente do *travestismo* profissionalizou nos palcos o ator-transformista, que passou a viver não apenas profissionalmente da imitação de mulheres, mas aderindo à prática também na vida cotidiana. Assim, no século XX o *travestismo masculino* proliferou dos palcos para as ruas, e, durante muitos anos, também fez o movimento inverso, consolidando-se como presença em grandes espetáculos e ganhando força e espaço nas revistas musicais oriundas da França.

Após anos de espetáculos com casas cheias, em 1960 o teatro do rebolado, como era conhecido no Brasil, perdeu luxo e qualidade concorrendo com a televisão e filmes pornô. Foi quando atores e atrizes, travestis ou não, sofreram com o desemprego e passaram a disputar um espaço mínimo na cena teatral brasileira (TREVISAN, 2007). Muitas travestis retornaram às ruas, enquanto outras construíram

suas histórias na televisão brasileira, a partir de figuras públicas como se tornaram Cláudia Wonder³⁵, Laura de Vison³⁶, Roberta Close³⁷, Rogéria³⁸ entre outras, além de programas de televisão da década de 80 como o Clube do Bolinha e o Programa Show de Calouros apresentado por Sílvio Santos³⁹. Com elas e eles foi possível ver novamente as travestis alegrando as casas de muitos brasileiros, com o brilho e a arte cênica herdadas desde os palcos do século XIX, espaço que foi aos poucos sendo ocupado e mantido pelas *drags* a partir da década de 90.

Entre as realidades paralelas do palco/rua, artista/pista construíram-se discursos sobre as travestis, em outras palavras, os jogos

³⁵ Travesti famosa nas casas noturnas paulistas e cariocas por suas ousadas performances na cena rock'n'roll. Participou de filmes, peças de teatro, clipes musicais foi vocalista de várias bandas e escritora e colunista de revistas GLS. Protagonizou em 2009 o premiado documentário *Meu Amigo Cláudia*. Faleceu em 2010.

³⁶ *Drag Queen*, na época, conhecida como transformista e como professor de História em escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro. Participou de muitos filmes e programas de televisão. Faleceu em 2007.

³⁷ Em 1984 uma revista exibiu a manchete: "*A mulher mais bonita do Brasil é um homem*". Referia-se a Roberta Close que na década de 80 tornou-se símbolo sexual e vedete do carnaval carioca (BENTO, 2008). Roberta foi uma das primeiras pessoas a posar nua para um revista masculina que teve como capa: "*Incrível. As fotos revelam por que Roberta Close confunde tanta gente*", antes da cirurgia de transgenitalização. Participou de inúmeros programas de televisão, clipes musicais, filmes e propaganda de lingerie.

³⁸ Rogéria atuou como transformista em musicais, espetáculos, novelas e desfiles de carnavais. Foi jurada de muitos programas de auditório da televisão brasileira e continua, frequentemente, participando de entrevistas na televisão.

³⁹ O Clube do Bolinha e o Programa Show de Calouros eram programas de televisão de grande audiência na década de 80, exibidos no sábado à tarde apresentavam às famílias brasileiras além de cantores e artistas famosos daquele momento, os disputados concursos de transformistas. Ainda na década de 90 estes concursos eram muito valorizados entre travestis e transformistas. Hélio Silva em pesquisa na mesma década relata no livro *Travestis: entre o espelho e a rua* (2007[1993]) episódios em que ele acompanha suas informantes até os programas de televisão, transita pelos camarins reservados a elas, viaja de ônibus, metrô e com as caronas que as travestis vindas de muitas cidades enfrentam para participar das disputas. Vídeos da época exibindo os programas de televisão podem ser vistos em: Clube do Bolinha <<http://www.youtube.com/watch?v=hhlok8SyuK8>> e Programa Show de Calouros <<http://www.youtube.com/watch?v=JxN-IMox5K0>>.

de verdade através dos quais a travestilidade se constitui historicamente como experiência, entendendo a verdade, as relações de poder e a conduta individual como domínios de uma experiência. A experiência na perspectiva de Foucault (2007[1976]) é de onde nascem as problematizações, e resulta em sujeitos, em formas de subjetividade. A experiência é algo na qual saímos transformados (FOUCAULT, 2006c[1984]), analisada como prática coletiva, situada em um plano histórico, sendo o que leva os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos de um dado saber. É, portanto, “a correlação, numa dada cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (p.10). Também se refere à experiência algo que se dá solitariamente, que escapa à pura subjetividade, possibilitando que outros possam cruzá-la ou atravessá-la.

Assim, o sujeito da travestilidade e a constituição de si como experiência assumem movimentos em uma “rede mais ou menos fluida de circulações e intercâmbios, com nomenclaturas classificatórias – que tem algo de provisório, de mutável – e alude a certa frequência de circulação” (PERLONGHER, 2008, p.160). Não são unidades totais, são sujeitos fragmentados que implicam em experiências por movimentos também geográficos, uma vez que analisar o fenômeno da travestilidade é pensar em mobilidade (PATRÍCIO, 2008), ou seja, mover-se na busca da feminilidade do corpo, por um espaço de legitimidade, menos abjeta, da violência familiar, escolar e tantos outros trilhos, por vezes, longe da linha final (PELÚCIO, 2009).

Tratam-se de buscas, trilhas e experiências que tornaram as travestis objeto de conhecimento, rapidamente pinceladas aqui a partir de três importantes escritos: por Hélio Silva (2007), Marcos Benedetti (2006) e Larissa Pelúcio (2009)⁴⁰. Muitos pesquisadores descreveram a experiência das travestilidades, entretanto escolhi estes autores por falarem sobre três diferentes regiões do Brasil em datas distintas. Aqui elegi conhecimentos e experiências datadas no tempo histórico de seus acontecimentos, a fim de pensar a maneira nas quais as travestilidades tornaram-se alvo de produção de saberes, “saberes” que implicam necessariamente à questão do poder.

Quando Foucault (2002) estabeleceu a diferença entre saber e conhecimento, escreveu que o primeiro é um processo pelo qual o sujeito do conhecimento (racionalizado), ao invés de ser fixo, sofre uma

⁴⁰ No Apêndice A, há uma tabela cronológica do período em que as principais pesquisas foram realizadas e as datas em que foram publicadas como livros.

modificação durante o trabalho que ele efetua na atividade de conhecer. Deste modo, o saber implica ao mesmo tempo, uma relação com os objetos de conhecimento – que ele chamou *movimento de objetivação* – e consigo mesmo – *processo de subjetivação* – nas quais são analisadas não somente a maneira pela qual os indivíduos tornam-se sujeitos de disciplinamento e objetos de conhecimento, mas a maneira pela qual se exige que os sujeitos produzam discursos sobre si mesmos a fim de que façam da própria vida um objeto de muitos saberes.

Como citado anteriormente, as travestis e seus modos de vida há mais de século vem sendo descritas e são sujeitos do saber no Brasil. Entretanto, lancei mão de algumas etnografias dos últimos anos, que inauguraram nas pesquisas em ciências humanas e sociais uma série de outras publicações a respeito das manifestações da travestilidade, expandindo-se para o campo da educação, comunicação e ciências da saúde. Cada uma abrindo seu leque de problematizações a partir da experiência e experimentação possível em cada pesquisa.

Menciono, primeiramente, alguns discursos que circulavam sobre travestis no início da década de 90, quando os programas de televisão exibiam com grande audiência quadros com performances *transformistas*. Nesta década, Hélio Silva (2007) apresenta em sua pesquisa realizada no ano 1993, no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, uma das primeiras definições que já *transitavam* no campo acadêmico da época, sobre “quem seriam” as travestis:

O *trans* de *transvestire* flagra o movimento específico de um sexo para o outro e também, estendendo-se *vestire* como metonímia, rastreia complexas inversões em cadeia que vão repondo de cabeça para baixo tudo que naquele corpo suar ou soar como índice, sinal, signo ou símbolo de sexualidade ou identidade sexual. O⁴¹ travesti brinca com o essencial. Assim se confunde elementar com a própria natureza das coisas (SILVA, 2007, p.33).

⁴¹ Hélio Silva (1993, 1996, 2007), da mesma forma que Hugo Denizart (1997) e Sandro Braga (2010), porém diferente da maioria dos autores que escreveram sobre as travestilidades, utiliza em todas as suas obras o pronome masculino para referir-se às travestis.

Um pouco depois de Hélio Silva, entre 1995 e 1997, Marcos Benedetti (2005) fez sua pesquisa em Porto Alegre/RS escrevendo um pouco mais sobre a corporalidade e sobre “como seriam” as travestis:

[...] travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina (BENEDETTI, 2005, p.18).

Mais de uma década se passou, e muitas pesquisas foram realizadas em torno das travestis, seus modos de vida e a forma como produzem seus corpos. Com isso, múltiplas experiências em contextos diferentes⁴² foram sendo descritas pelas pesquisas acadêmicas. O movimento político de travestis se fortaleceu e, da mesma maneira, houve a proliferação das tecnologias virtuais, produzindo novos sujeitos e formas de relações a partir da acessibilidade à internet, *sites*, *blogs* e redes sociais. As travestis, até então visibilizadas por meio dos shows, espetáculos, esquinas, salões de beleza e nas páginas policiais agora também ocupam os espaços de fama e popularidade disponíveis na internet. Neste novo cenário político, social e cultural, Larissa Pelúcio (2009) apresenta com sua tese as ruas de São Paulo:

[...] creio que posso afirmar que as travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Não desejam, porém extirpar sua genitália, com a qual geralmente, convivem sem grandes conflitos (PELÚCIO, 2009, p.44).

⁴² Falo em “contextos diferentes” com certa cautela, por ainda observar na maioria das pesquisas sobre travestis às quais tive acesso que as temáticas e territórios abordados continuam, desde a década de 80, sendo muito parecidos (a *pista*/prostituição, HIV/Aids, violência e travestis pertencentes às camadas populares). O que me leva a pensar que os contextos das pesquisas não são “tão” diferentes.

Como trabalho antropológico recente, Pelúcio (2009) também atualiza as discussões sobre as travestilidades, discorre sobre os as realidades virtuais da internet, os clientes virtuais e os novos padrões de beleza feminina.

Por fim, menciono também a dissertação de Tiago Duque (2009) uma das poucas que menciona a travestilidade sob o recorte específico das travestis adolescentes. No interior de São Paulo onde realiza sua pesquisa Duque (2009) discute às novas travestilidades, os acessos às novas tecnologias corporais e as estratégias encontradas por travestis que ainda não *transformaram* seus corpos. Modos atualizados de experienciar as travestilidades que fazem emergir pontos de encontros com as travestis *iniciantes* que participaram desta pesquisa, inclusive no que diz respeito às formas de (re)inventarem, até mesmo, o que é ser travesti nos dias de hoje. Como apresento em trecho extraído do diário de campo:

Cena 2: O estilo era bem próprio de se vestir. Ensiava uma montagem que combinava camiseta amarrada, barriga de fora, piercing brilhante no umbigo, jeans, tênis e cabelo descolorido. Ao caminhar pelas ruas da cidade pergunto o que é ser travesti para ela. Respondeu que é ser linda, turbinada, no salto alto, cabelão, “no maior estilo Beyoncé!”. Explicou-me que não passa pela sua cabeça fazer cirurgia de transgenitalização, pois além do medo da intervenção temia que deixasse de ter orgasmos “quero ser travesti com prazer!”.

Posso dizer que esta é uma das definições sobre o que “é ser travesti” a partir das *iniciantes* que conheci. Está associada a uma experiência corporal que passa pelo exercício do sangue e da carne, a partir dos hormônios e do silicone, e da fabricação de um feminino “deslumbrante” *Made In Brazil*. Ou seja, diferente de outras épocas as jovens que participaram desta pesquisa não desejam trabalhar na Europa ou serem estrelas de grandes espetáculos, mas sim ter o corpo da artista internacional (Beyoncé) que exhibe o padrão corporal mais próximo do que consideram feminino. Algumas desejam ser famosas nas redes

sociais e ganhar dinheiro na *pista*. Outras sonham em casar e continuam juntando suas economias nos modestos dormitórios que dividem com as colegas. Também há aquelas que planejam a aposentadoria da *pista* e, as jovens que querem fazer curso técnico ou ser aeromoça. Todas querem ser travesti, não deixar de ter prazer e produzir seus modos de vida a partir do que consideram mais próximo ao seu desejo.

3 *Essa Boneca tem Manual: seguindo os passos para tornar-se travesti*

Cena 3: Quando estava dentro do segundo ônibus ela me ligou novamente e disse o local em que devia descer. Indicou também uma padaria no meio da estrada na qual deveria perguntar exatamente: “onde mora fulana, a filha do Seu Beltrano, que é travesti?” Na padaria a atendente ficou confusa, perguntou se é alguém “moreno e um pouco gordinho”. Respondi que sim, mesmo sabendo que a pessoa a qual ela se referia era uma travesti negra, robusta, com bunda e seios fartos. Visivelmente embaraçada, a atendente fez questão de afirmar que não sabia onde ficava a residência “vejo ele sempre, mas não tenho intimidade”. Antes de eu ir embora sem a informação, completou: “siga a rua de trás, imagino que ele deve ser bem conhecido no local!”. Antes de seguir a rua indicada recebi nova ligação, nela avisavam que alguém iria me buscar. Aguardei na padaria até que surgiu um homem de bicicleta que perguntou se eu era “a amiga das meninas”. Gentilmente ele ofereceu sua bicicleta para que eu pedalasse a partir dali, recusei agradecendo a gentileza e seguimos pelas estreitas ruas sem calçamento. Caminhamos bastante até chegarmos a uma escondida ruela, paramos em frente a um portão, onde avistei um terreno comprido cheio de pequenas casas de madeira. Ao longe escutei gargalhadas, crianças brincando e roupas sendo batidas contra um tanque. Senti o forte cheiro de incenso e me atrapelei entre as roupas penduradas em varais que seguiam em direção a várias portas abertas. Meu anfitrião, que depois descobri ser inquilino do local, percebeu minha confusão e me levou até a porta em que mamãe e as meninas aguardavam minha chegada.

Haveria na experiência das travestis que estão começando algo realmente diferente daquelas que já experienciam a travestilidade? As histórias contadas pelas *iniciantes* suscitariam pistas interessantes para traçar questionamentos e discussões atuais para os estudos *trans*, e específicos sobre as *novatas*?

Ao esboçar o projeto desta pesquisa, estas eram algumas das reflexões que pairavam sobre minha escrita. Insegura por ainda não conhecer travestis em Florianópolis, muito menos *iniciantes*, repensava se existiria um *estranhamento*. Em outras palavras, se ao conversar com travestis *iniciantes* iriam emergir dúvidas e interesses que me fariam questionar e perseguir um problema de pesquisa. Mesmo que ingênuas,

as reflexões acima foram fundamentais para repensar a pesquisa em muitos momentos, inclusive quando já estava sendo desenvolvida. Foram, também, questões importantes como exercício do pensamento a tal ponto de torná-las problematização.

Para Foucault (2006a[1984]) problematização significa elaboração, um exercício do pensamento que torna um conjunto de complicações em problemas. Pensamento que não apenas toma o objeto, mas interroga também seu sentido em um movimento de proximidade e distanciamento e, por isso, de liberdade em relação àquilo que se faz.

Para que um comportamento entre no campo do pensamento é preciso que certo número de fatores tenham-no tornado incerto, tenham-no feito perder sua familiaridade. Ou tenham suscitado em torno dele certo tipo de dificuldades. Esses elementos decorrem de processos sociais, econômicos ou políticos (FOUCAULT, 2006a[1984], p. 232).

Nesse sentido, minha problematização passou a circular em torno das experiências das travestis *iniciantes*, mas não somente, pois me inquietava saber a maneira como elas aprendem a tornar-se travesti e, principalmente, como as *novatas* se articulam entre os discursos de verdade que definem o que é ser travesti. Neste exercício de elaboração fui ao encontro das *novatas* e uma das primeiras coisas que aprendi foi que perseguir o sonho de ser travesti passa por rituais, processos e critérios, muitas vezes, hierárquicos, com códigos e regras que apenas após serem incorporados podem conferir a elas a legitimidade travesti. É a constituição de um campo de experiência tal como Foucault (2006b[1984]) entende, constituído por jogos de verdade e relações de poder, na relação consigo mesmo e com os outros.

Em longos diálogos, compreendi que nem todas as pessoas com as quais conversei querem ser travesti da mesma maneira, pelas mesmas regras, seguindo os mesmos passos. Cada uma das travestis que conheci produz sua própria história de maneira muito diferente. Mobilidade, fronteiras e trânsitos são termos pertinentes quando o assunto são as travestilidades, e, da mesma forma, também os são com as *iniciantes*. A elas acrescentaria ainda a relevância das estratégias e da legitimação no percurso de suas experiências, em outras palavras, as relações políticas que engendram o seu reconhecimento *dentro e fora* do universo *trans*.

Percebi, também, que mais do que conhecer os aprendizados que levam a ser travesti e os discursos sobre as travestilidades, era necessário

interrogar-me sobre as relações existentes e os modos pelas quais as travestis *iniciantes* buscam acessar a legitimidade. Interrogar-me sobre quais passos é preciso perseguir até que haja para este sujeito reconhecimento. Que trabalhos sobre si são necessários para que alcancem os critérios estéticos produzidos. E enfim, como remeter a um conjunto de práticas a verdade sobre sua existência.

De acordo com Foucault (2006b[1984]) saber de si é ocupar-se consigo mesmo a partir das relações de poder e saber que dão nome e forma à experiência do sujeito, produzindo discursos que conferem algo próximo à natureza e à essência. Assim, pensar o que na introdução chamei de *transessência* implica questionar as práticas de acesso ao saber que a produz e, no caso das travestis, aos *manuals*, às regras e aos passos, que ensinam os modos de ser e as práticas que produzem o sujeito da travestilidade. Pois, em minha experimentação pelo universo das *iniciantes*, tive acesso ao aprendizado repassado pelas travestis mais velhas, às práticas apreendidas na convivência com as *manas*, e a experiência com os clientes, além dos ensinamentos postados em *blogs* e *sites* na internet. A partir desta relação com os outros – com outras travestis e com as ferramentas virtuais – é que circulam as informações sobre as técnicas corporais, as facilidades, dificuldades e os rituais de se tornar travesti. Já as relações consigo, estas são estabelecidas pelas *novatas* com o próprio corpo e na relação com o desejo, pois seu corpo se torna sua própria experiência generificada e corporificada, e seu principal meio de tornar-se travesti.

Às técnicas corporais das travestis *iniciantes* aproximo os escritos contidos nos *manuals* de instrução que acompanham não apenas os produtos de consumo e as maneiras de como operá-los, mas também o resumo de alguma ciência ou arte, muitas vezes como um livro de ritos. Geralmente, os *manuals* também trazem imagens para auxiliar na compreensão, são organizados em passos⁴³ e, principalmente, explicam “aquilo que pode e não pode ser feito”. Permito-me pensá-los como o disciplinamento que rege as “modernas bioasceses”, expressão utilizada por Francisco Ortega (2008) para discutir, de forma crítica, a respeito das práticas ascéticas na atualidade.

No intuito de situar as bioasceses, neste contexto, parto primeiramente do que Foucault (2010[1981-1982]) definiu como

⁴³ Reforço novamente que, não quero dizer com isso, que existam etapas sistemáticas e fases hierárquicas para tornar-se travesti. Ainda que, em muitas falas, as travestis reconheçam que existam passos que operam como requisitos básicos – como o hormônio e silicone.

ascéticos, ou seja, como um conjunto ordenado de exercícios disponíveis, recomendados e até obrigatórios utilizáveis pelo homem para refletir sobre si mesmo e se reconhecer como homem de desejo (FOUCAULT, 2007a[1984]). Assim, ascese trata-se das formas pelas quais os gregos praticavam um exercício de si no pensamento, entendida por Ortega (2008) como um conjunto de comportamentos restritivos nos quais o período histórico e as áreas geográficas são importantes elementos.

Para Foucault (2010[1981-1982]) ascese implica em um processo de subjetivação e, desta forma, no que ele vai chamar de “práticas de si”, práticas estas que são um cuidado de si pautado em esquemas que o indivíduo encontra na sua cultura. Deste modo, são experiências e técnicas que ajudam a operar sobre si mesmo.

Nesta direção, a visão foucaultiana de Ortega (2008) sobre a ascese é de que ela, além de implicar em um processo de subjetivação, é um fenômeno social e político, é uma prática social. E assim também é um exercício de vontade. Conforme, o autor as formas da ascese se constituem em oposição às modernas bioasceses, ou formas de ascese contemporâneas, que se organizam como práticas universais, conformistas e totalizadoras.

Enquanto nas asceses da Antiguidade o *self* almejado pelas práticas de si representava frequentemente um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, encontramos na maioria das práticas a bioascese uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito (ORTEGA, 2008, p. 20).

Neste enredo, para Ortega (2008) o corpo torna-se privilegiado, o lugar predileto de discurso, no qual a ascese se torna disciplina e se despolitiza. Pois, para o autor a bioascese está a serviço das bioidentidades e da lógica da fabricação, por isso a necessidade de contínuo disciplinamento para mantê-la. Conforme Richard Miskolci (2006) tal processo também tem consequências subjetivas, já que a subjetividade está diretamente associada à materialidade do corpo. “E, a história da criação de corpos é, também, uma história dos modos de produção da subjetividade” (MISKOLCI, 2006, p.682).

Neste sentido, percebo que as regras que regem o processo de se tornar travesti vão muito além das técnicas corporais propriamente ditas e alcançam as formas como as travestis são compreendidas, como elas passam a fazer parte de um processo de legitimação e a maneira como entendem o mundo ao seu redor a partir da experiência do corpo. De sorte que

O corpo é visto cada vez mais como um instrumento para atingir modelos identitários que nada diferem de imposições sociais difundidas pelos mais diversos meios de convencimento: da educação à mídia. Os modelos de identidade são cada vez mais difíceis de atingir e exigem também altas quantias, além de incomensurável esforço físico-corporal e tempo. Disciplina é um dos valores mais cultuados e expõe o *ethos* ascético do culto contemporâneo ao corpo, um modo de vida impulsionado pelo desejo de integração aos valores constitutivos da cultura dominante (MISKOLCI, 2006, p. 682).

O culto à disciplina é a valorização de uma modalidade de aplicação do poder, pois, segundo Foucault (2005), um regime disciplinar caracteriza-se por certo número de técnicas de coerção que exerce um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos. É uma forma de vigiar que atinge, particularmente, os gestos, as atitudes, os corpos. São estas técnicas de individualização do poder que se produzem sobre o discurso das regras naturais, portanto, das normas. Se antes a disciplinarização era pensada por Foucault (2005[1975]) sob os regimes fechados das instituições, hospitais, prisões e escolas, cada vez é maior a emergência de se discutir também a interiorização das normas, como técnicas internas de assujeitamento e como técnicas de si.

A partir desta discussão, seria a experiência das travestilidades, formas de bioasceses que subvertem o imperativo do binômio masculino-feminino, a partir da produção de seus corpos? Com as *novatas* travestis sou seduzida a refletir acerca da subversão por diferentes ângulos, que não tomem como partida uma automática compreensão de algumas de suas experiências, como mera repetição/subversão da dominação machista e sexista das relações de gênero homem-mulher. Primeiramente, esclareço que comungo da mesma ideia de Bento (2006) quando diz que a própria experiência *trans*

é em si mesma subversiva. E, também com a proposta de Butler (2010[1993]) de que as travestis, por meio da reiteração, ou seja, da estrutura imitativa pela qual se produz o gênero hegemônico, são subversivas ao desafiar a pretensa naturalidade e originalidade da heterossexualidade. Ainda mais se levamos em conta o alto investimento material e simbólico necessário para se tornar travesti.

Contudo, compartilhamos todos dos mesmos sistemas simbólicos relativos para os gêneros, e, deste modo, torna-se difícil estabelecer pontos exatos de repetição ou subversão às normas dominantes da heteronormatividade. Por isso, relacionar travestis à subversão pode ser uma associação leviana, com a qual mantenho reservas, assim como ao estabelecimento de uma divisão concreta entre o que repete ou subverte nas experiências de gênero e sexualidade. Butler (2010[1993]), ao afirmar que a própria heterossexualidade hegemônica é um esforço constante e repetido de imitar suas próprias idealizações, explica os problemas que há em argumentar que entre as travestis haveria uma assimilação e logo uma subversão, “a veces son ambas cosas al mismo tiempo; a veces se trata de una ambivalencia atrapada en una tensión que no puede resolverse y a veces lo que se da es una apropiación fatalmente no subversiva” (BUTLER, 2010[1993], p.189).

Desta maneira, a ambivalência em minha experimentação pelo universo das travestis *iniciantes* não foi diferente, e por isso pude refletir, ainda que a própria experiência seja subversiva por denunciar a naturalização do sexo e do gênero, a travestilidade, muitas vezes, reafirma o binarismo e o essencialismo (PELÚCIO, 2009). Também confirma os esquemas ativo-passivo, força-fragilidade, altivez-submissão, fazendo emergir possibilidades “tanto al servicio de las desnaturalización como de la reidealización de las normas heterossexuales hiperbólicas de género” (BUTLER, 2010[1993], p.184), como aparecem nos ensinamentos e textos pessoais escritos às *novinhas* pelas travestis que já *estão no processo*:

Sou delicada como uma mulher e forte como um homem para enfrentar todos os desafios. Sou a garota sentada na calçada do colégio esperando o namorado, sou a garota que luta para ser aceita. Sou o garoto que brinca com bonecas e também sou a boneca. Tenho a suavidade para ser forte. Tenho a coragem de ser quem eu sou. Tenho a coragem de um rei e o glamour de uma rainha. Tenho a biologia de um macho e a identidade de uma fêmea. Eu sou a rosa, eu sou os espinhos.

(Trecho extraído do *Blog Casa de Bonecas: um lugar onde as bonecas pensam*⁴⁴)

As atribuições ao que “é” do masculino e do feminino tramitam entre os discursos das travestis em relação ao que é natural e da essência de homens e mulheres, rendendo-as assim à normatização dos corpos e gêneros. Do mesmo modo, as travestis ao descreverem o que é ou não referente às travestis parecem reproduzir políticas de reconhecimento, aceitação e relações de poder que também levam em conta a naturalização dos gêneros como a verdade “natural” sobre o sujeito. Como proposto por Foucault (2005), o poder interiorizado materializa-se no corpo, produzindo sujeitos e capilarizando-se, no caso das travestis, pela norma das *transessências*, modelos legítimos, verdadeiros e disciplinados por padrões de uma estética programada.

Por outro lado, ousou dizer que com as travestis *iniciantes*, aquelas que estão aprendendo formas de produção e de técnicas sobre si mesma, visualizei possibilidades de recusa aos ideais normativos. Traço aqui uma discussão sobre as experiências de *aprendizes*, talvez um pouco incipiente, mas que tem me convidado a tateá-las como formas de resistência que apontam na direção de uma constituição de estética da existência *das novatas*. Ou seja, se há algo de transgressor, para além da própria experiência das travestilidades, atrevo-me aproximá-las às práticas de uma re-invenção de si mesma e das relações com o outro, impetradas pelas travestis *iniciantes* como forma de resistência ao assujeitamento.

Para desenvolver melhor este pensamento, ainda que embrionário, lanço mão primeiramente ao que Michel Foucault estabelece como resistência a partir dos anos 1970. Neste período, o autor retoma o termo de modo menos próximo ao termo transgressão, anteriormente discutido com um caráter de exterioridade à normatização. Neste retorno, Foucault (1995[1982]) afirma que a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder.

Ao partir do pressuposto de que as relações de poder são estabelecidas em todo lugar, Foucault (2008[1979]) entende que a resistência é a possibilidade de atuação pelas frestas, nas quais são

⁴⁴ Trecho do texto intitulado “*Quem sou eu? Travesti com muito orgulho*” que pode ser acessado neste *blog* destinado às *novatas* travestis: <http://www.casadebonekas.com/?p=1955#more-1955>.

agenciadas possibilidades de transformação. No entanto, “a resistência não é anterior ao poder que ela enfrenta, é coextensiva a ele, absolutamente contemporânea” (FOUCAULT, 2008[1979], p.137). Por não se tratar de uma relação cronológica existente entre poder e resistência, é necessário deslocar-se da ideia de um par resistência/poder, logo liberdade/dominação, para que se reflita mais lucidamente sobre estas relações.

Um dos motivos que me levou a associar algumas práticas das travestis que estão começando às formas de resistência propostas por Michel Foucault, circula em torno da noção de que resistência deve apresentar as mesmas características que o poder “tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele, vem de baixo e se distribui estrategicamente” (FOUCAULT, 2008[1979], p.136). Pois percebo a criação de pequenos espaços de resistência, quase imperceptíveis, nas maneiras pelas quais as *novatas* tentam subverter a lógica da experiência das mais velhas, melhor descrita a seguir. Mesmo que estejam se produzindo como sujeitos de um discurso normatizado da travestilidade, é possível olhar com mais atenção às recusas a determinadas técnicas corporais tidas como “fundantes” da experiência travesti desencadeadas entre as *iniciantes*. As relações que as *novinhas* estão estabelecendo no mundo virtual, no qual a internet tem deixado a *cafetina* com menos poderes sobre o corpo e a vontade delas e a descentralização da prostituição como forma de vida entre as *travinhas adolescentes*, tem sido alguns dos movimentos que referencio às formas de resistência.

Afinal, se resistência e poder coexistem, é necessário que não sejam tomados como positivos e negativos, respectivamente, pois não são contra o poder que nascem as lutas, e, no caso das travestis, algumas recusas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação. Para Foucault (2008) se não houvesse resistência, não haveria efeitos de poder, uma vez que aí estaríamos engajados em problemas de obediência.

Outro ponto relevante quando me proponho a retomar, mais uma vez, a questão da experiência das travestilidade como subversiva em si mesma, é que, ao analisar as micro-relações mais específicas que se produzem entre as travestis e àquelas que buscam se legitimar como sujeito desta experiência, as *novatas*, o que percebo é que as resistências podem, por sua vez, fundar novas relações de poder. Tanto quanto, novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência (FOUCAULT, 1995[1982]).

Nesta possibilidade simultânea de existência entre poder e resistência, aponto as formas de resistências das travestis *iniciantes* na

direção da constituição de algo aos modos do que Foucault (2006c[1984]) chamou de estética da existência. Estilística que não faz emergir a figura do sujeito soberano, fundador e universal, “penso pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação” (p.291).

Na visão de Foucault (2006c[1984]), a estética da existência está ligada à moral greco-romana conduzida para a ética, na qual a emergência está em fazer da vida uma obra de arte, diferenciando-se de uma moral cristã, na qual se trata essencialmente de obedecer a um código. A respeito desta atitude de tomar a si mesmo como objeto de elaboração Margareth Rago (2002, p.15) comenta que, “problematizar a relação estabelecida com o mundo, com o outro e consigo mesmo parece, assim, condição fundamental para que se possam abrir novas saídas, mais positivas e mais saudáveis, para o exercício da liberdade e a invenção da vida”.

Acredito que reinventar a vida é a maneira encontrada por muitas travestis *iniciantes* para transitar por entre os duros investimentos para tornar-se travesti. Além das novas formas de existência que algumas buscam, distanciando-se dos modelos hegemônicos da “construção” travesti, também há aquelas que abrem mão da legitimidade, são aquelas “*que colocam um jeans, uma camiseta e um brinco, e pronto, quero assim viver e me chamar travesti!*” Para Foucault (2006c[1984]), a estética da existência é uma prática ética de produção de subjetividade, que se assujeita e também resiste e, desta forma, se constitui como atitude política.

Sobre esta discussão, Richard Miskolci (2006) pontua duas questões: a primeira é que não há uma relação simples que associe os novos estilos de vida, que emergem com as estéticas de resistências, ao exercício de sexualidades não hegemônicas.

O ponto de onde emerge a estética da existência não é a sexualidade, antes a transgressão que ela pode instaurar diante dos modelos relacionais existentes. A constituição de novas relações para consigo e para com os outros é uma forma de resistência que exige um esforço de desenraizamento, descorporificação, ou seja, de rejeição das oposições aprisionantes entre masculino e feminino, corpo e identidade, assim como a mais conhecida de todas: a oposição entre corpo e alma (MISKOLCI, 2006, p. 691).

Por isso, não me atrevo a afirmar que toda *novata* é transgressora e inventiva na experiência sobre si mesma, pois como mencionei antes não são poucos os exemplos de repetição dos modelos heteronormativos oferecidos nas falas das travestis. Entretanto, me interessa em problematizar, por exemplo, as relações existentes entre as “*manas*”, ou seja, travestis *iniciantes* que compartilham seus saberes em relações de sociabilidades. São experiências que, assim como a recusa a determinados padrões corporais e discursos de verdade acerca da travestilidade, reivindicam novos espaços e novos corpos, mesmo que sem o compromisso com mudanças. Enfim, responsabilidade com uma *transformação* que guie à criação de novos estilos de vida, conforme discutido por Miskolci (2006), mas que chama a atenção por ser um tipo de relação peculiar somente às *novinhas*, que diferentes das travestis mais velhas, não se inibem em expressar carência e desejo de que alguém mais experiente lhes ensine e proteja. E que, principalmente, esteja engajada, compartilhando as mesmas conquistas e dificuldades em tornar-se travesti.

É aí que entra a segunda questão pontuada por Miskolci (2006), que trata da reinvenção de si mesmo e de uma nova cultura de si que também se produza em novas relações com o outro, em novas sociabilidades. Esta pesquisa, ao me possibilitar conviver algumas tardes no espaço doméstico de jovens travestis, proporcionou-me conhecer diferentes relações e o modo de estabelecê-las, as quais pude presenciar, entre as “*manas*”. Além dos novos vínculos familiares que ouvi durante as conversas com as *novatas*, especialmente com suas mães, novas relações também familiares que me incitaram a refletir acerca das possibilidades de relações baseadas em ética. Relações capazes de criar subjetividades mais libertárias e, a partir delas, novas formas de sociabilidade, portanto, estilísticas da existência.

Desta maneira, ciente de que agitei diferentes, mas não dissociadas, questões teóricas como problematização, técnicas de si e disciplina, subversão e repetição, poder, resistência e estética da existência, elenquei algumas pistas que descrevem com mais detalhes as práticas que conheci junto às travestis *iniciantes*. A fim de melhor esclarecer muitas questões aqui citadas, e talvez pouco aprofundadas, tracejei um caminho percorrido pelas *novatas*, que segue seu rumo por entre as formas de disciplinamento de quem busca reconhecimento na relação consigo mesma e com as outras travestis, bem como modos de existência por entre as frestas dos modelos hegemônicos.

Não quero dizer com isso que apresentarei um caminho rígido e sistemático a ser trilhado por quem deseja tornar-se travesti, muito

menos especializadas dicas e conselhos que ouvi das *novatas* com as quais conversei. Trata-se de algumas técnicas do que Ortega (2008) definiu como biossociabilidade, com regras de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos. Cabe a cada *novata* ser responsável pelo autocontrole, auto-vigia e auto-governo, pois uma das garantias de sua legitimidade como travesti também está associada à sua capacidade de autodisciplina (MISKOLCI, 2006), às normas prescritas pelas mais travestis mais velhas, pelos *sites*, pelos clientes. Enfim, pelos manuais que produzem as regras, e os jogos do verdadeiro e falso sobre as travestis.

Contudo, não são deixados de lado, e por isso também são delineados os caminhos por entre as formas de resistência rumo a novas estilísticas de resistência, por vezes, cursados pelas *iniciantes*, libertariamente ou, até mesmo, por silenciosas e invisíveis formas de se apresentar.

“Não me chama travesti ainda!”

Cena 4: *Estávamos quase chegando ao shopping quando perguntei se preferia que eu me referisse a ele no masculino ou no feminino, mesmo percebendo desde o início de nossa conversa que sua fala transitava pelos gêneros ao referir-se a si mesmo. Fui assimilando o deslizamento pelas palavras e percebi que quando falava a respeito das “irmãs”, sobre montaria, festas, militância ou namoro, optava sempre pelos pronomes femininos. Porém, também me dei conta de que, quando conversávamos sobre escola, família e futuro profissional, o pronome masculino era o escolhido. Fui deslizando junto, por entre, os pronomes e entendi melhor o sentido desta mobilidade, quando ela/ele me disse delegar pouca importância a este tipo de escolha. Por não se considerar travesti, é como se esta exigência, do uso exclusivo dos pronomes femininos, ainda não fizesse parte de sua nomeação. Por outro lado, prefere, por enquanto, ser chamado/a por seu nome de registro o que faz com que o uso dos pronomes masculinos seja mais frequente. Mesmo ignorando tais escolhas, parecia não haver normas que impedissem sua subversão às flexões gramaticais, por isso “a fulano” mostrava-se como a estratégia mais eficaz encontrada para conjugar-se no mundo. Justificava-se por acreditar que existam dois tipos de gays muito diferentes: os gays e as gays. Explica-me que “os gays são estes que tem aqui em Floripa, são metidos a bofinhos, bem vestidos, com roupas bem*

masculinas ou homem-fashion e se chamam de bichas. As gays são as monas, assim que nem eu, bicha que dá close, arraza e, se pudesse, estaria sempre no salto alto mostrando o corpão e se chamando no feminino, tipo a fulano! Noto que as bicha daqui ficam passadas só porque eu não tô nem aí e mostro minha barriga na rua, isso porque não viram eu e minhas amigas lá em São Paulo”. Pergunto se as gays sempre querem tornar-se um dia travesti, ela/ele me responde que não, pois “tem aquelas que só querem dar close mesmo, ser gay que se monta, mas não passa disso. Já as que querem, as novinhas são as cdzinhas, iniciantes ou transformers”. Curiosa porque nunca tinha ouvido falar sobre as transformers, pergunto se o apelido tem proximidade com o termo “transformistas”, me explica que não. Neste caso, transformers são aquelas que estão “no meio do caminho da longa transformação”. O termo faz referência a um brinquedo infantil da década de 80, metade carro, metade robô. Querendo conhecer mais sobre os apelidos e as fronteiras que demarcavam a autorização para se chamar de travesti, pergunto se ele/ela se define com algum dos apelidos que mencionou: “nem de longe me sinto travesti, falta muuuuito (passa a mão pelo corpo), acho que sou apenas uma iniciante que mal sabe se maquiar e tem muito a aprender!”

Por meio das conversas pessoais e virtuais que tive com as travestis *iniciantes*, conheci nomeações que marcam seus corpos em processo, por isso, mais do que chamá-las de *travinhas*, *novinhas*, *novatas* ou *iniciantes*, os apelidos são formas de diferenciá-las de quem já é *toda travesti*⁴⁵. Assim, *cdzinhas*, *ninfetinhas*, *gayzinhos*, *viadinhos* ou *as gays*, se armam em categorias, das quais muitas vezes também fazem parte as expressões pejorativas como *bicha-homem*, *pokémon*, *viado de peito*, *homem de peruca* e *transformers*, entre tantas outras formas de serem chamadas que se manifestam em diferentes territórios, espaços geográficos ou locais e grupos de sociabilidade.

Se nomear é um ato (AUSTIN, 1971) garantido pela performatividade, pode-se dizer que esta ação se funda a partir da interpelação de quem as chama. Assim, os apelidos, neste contexto, extrapolam as zombarias ou subcategorias do universo *trans*, pois, “el llamado es *formativo*, si no ya *preformativo*, precisamente porque inicia

⁴⁵ Gíria usada para distinguir àquelas que já estão *toda feita* e, por isso, podem se considerar travesti completa ou *toda travesti*.

al individuo en la condición sojuzgada del sujeto” (BUTLER, 2010[1993], p.179-180).

O apelido dado às travestis *iniciantes* torna-se uma ação que denuncia “aquilo que ainda não é”, o processo, “o que está por vir”, o “quase”. Afinal, elas não são travestis, mas também não são “os gays”. Ao tomar estas nomeações como parte de sua experiência, e, desta forma, de seu corpo, as *novatas* se situam na arena das categorizações, pois quando eu perguntava a elas “*tu te considera uma travesti?*”, algumas respondiam “*sou apenas uma iniciante*” ou “*falta muito, sou novata*”. Além daquelas que, no perfil do *facebook*, já se autodefinem “*Fulana Cdzinha*”, não apenas usando a categoria como um nome ou apelido, mas como seu sobrenome. No mesmo sentido, as *iniciantes* que residem na casa da *mamy* me fizeram um alerta “*somos travestis, mas ainda não somos completas!*”.

Por mais difícil que seja para muitas travestis que estão começando, encontrar um espaço de legitimidade entre o que se reconhece, ou não, como sujeito da travestilidade, percebo que, ao serem interpeladas pela minha pergunta, elas recorrem ao léxico possível de nomeações que está à sua disposição. Assim, demonstram que a lei – neste caso a interpelação – impõe temor, por não “poderem” se considerar travestis, mas ao mesmo peso, confere-lhes reconhecimento. Mesmo sendo menores, hierarquicamente, na escala da travestilidades, são estas nomeações “do quase”, “do seu processo” que garantem um tipo de existência social a quem ainda não é travesti. São estes apelidos que transferem as *novatas* da região exterior de seres indiferentes ou impossíveis ao terreno discursivo ou social do sujeito da travestilidade (BUTLER, 2010[1993]).

É importante salientar que, neste múltiplo e criativo terreno das nomeações, geração e classe também fazem parte do que separa a existência das “pessoas que querem se tornar travesti” daquelas consideradas mais inferiores que, diariamente, sofrem insultos das outras travestis como se fossem um “defeito, algo inacabado”. Ainda que as travestis *de verdade* afirmem que sua feminilização é um processo sem muita clareza de um final (PELÚCIO, 2005; 2005a; 2009), percebi que no caso das *iniciantes* mais jovens, na faixa dos 13 aos 18 anos, os apelidos apresentam-se no diminutivo e são usados como atrativos em *sites* e *chats* pelas que se prostituem: “*Uma boneca iniciante toda gostosinha vai começar a sacanagem pela primeira vez*” ou “*Deliciosa travinha procura...*”, e ainda, “*Travesti ninfetinha participa de uma foda deliciosa*”. A estas jovens é possível conferir o *status* de “pessoas que querem se tornar travesti”. São consideradas pelas travestis mais velhas

como desinibidas, ambiciosas e, por isso, são novidades requisitadas pelos clientes na *pista* e nos *sites*.

No entanto, entre as travestis que conheci, um distinto rol de apelidos é criado para identificar as que são velhas e pobres, pois quanto mais tardia em sua iniciação ou pobre se é, mais debochados são os apelidos. Não obstante, estas categorias criadas no interior dos grupos de travestis em forma de “piada interna”, pegam “carona” em zombarias acerca do quesito mais valorizado entre as travestis, a feminilização. Ou seja, as *novatas* com mais de 30 anos – que não querem ser *crossdressers*, mas sim travestis – são chamadas pelas travestis *de verdade* por apelidos que soam uma farsa, são consideradas *fakes*. Nos casos de *iniciantes* que já foram casadas, tem filhos, e, por vezes, até netos, a impossibilidade é ainda maior, pois é como se elas nunca pudessem experienciar as travestilidades, e suas histórias de vida apontariam para uma masculinidade intrínseca (já foram marido, pai e avô), e, por isso, incompatível à legitimidade no universo *trans*. A estas são comuns os apelidos de *bicha-homem*, *viado de peito* e *homem de peruca*⁴⁶. Gostaria muito de tecer discussões mais amplas a respeito das *novatas* mais velhas, entretanto, notei que elas raramente se exibem, e dificilmente mostram seus rostos, sendo comum no *facebook* vê-las em fotos que mostram apenas seus corpos com vestes socialmente femininas. Por conseguinte, nenhuma aceitou conversar pessoalmente comigo ou se mostrou disposta a participar da pesquisa.

Sobre as diferenças de classe pude observar que, sendo a experiência da travestilidade já de forma estigmatizada transferida à pobreza (CARRARA; VIANNA, 2006; KULICK, 2008), um preconceito similar também acontece em relação às *iniciantes* que fazem parte das periferias e favelas (DUQUE, 2009), e, neste caso, dirigido a

⁴⁶ Com estes apelidos remonto dois cenários que associam a mesma farsa, conferida às *iniciantes* com mais 30 anos, a situações distintas, uma de perseguição e outra lúdica: a primeira relembra as nomeações dadas, na segunda metade do século XIX, pelos jornais, ao noticiar a prisão dos “*affeminados*” e “*homem-mulher*” (SANTOS, 2007). Eles usavam estes grosseiros apelidos num explícito repúdio à transgressão da norma. A segunda rememora as brincadeiras e zombarias feitas em relação aos homens que, experimentam uma inversão temporária, ao saírem vestidos de mulher, estritamente, durante os dias do carnaval. Todos sabem que eles estão apenas se divertindo e, por isso, suas masculinidades não são colocadas em xeque. Entretanto, nenhuma travesti *de verdade* é bem aceita ou deve usar fazer parte do grupo de foliões (GREEN, 2000; TREVISAN, 2007; KULICK, 2008).

qualquer idade. A pobreza, segundo James Green (2000) é associada à “doença” e “perversão sexual”, há pelo menos mais de um século, nos quais *bichas pobres* se constituíram em oposição aos *gays ricos* (MARSIAJ, 2003).

Essas formas de discriminação podem ser percebidas, também, na busca das travestis pela legitimidade, na qual os esforços simbólicos são importantes (gestos, atitudes e relações), mas dependem em grande parte de um alto investimento financeiro. Neste jogo de “quem pode mais” investir em si mesma, as *novatas* pobres são atropeladas por uma agressiva lista de apelidos, que as qualificam como *bichas feias* (DUQUE, 2009), e a estas se ligam também as *travequinhas pão com ovo*, as *pokémons* e as *transformers*. Noto que as *iniciantes* moradoras de periferias, mais do que “quase travestis”, se é que algum dia serão assim reconhecidas, são consideradas o processo “mal-feito”, e, desta forma, associadas a tudo que é tido como decadente pelo universo das travestis.

Uma das *novatas* com a qual tive a oportunidade de passear, e juntamente com ela conhecer alguns locais em Florianópolis, reside em uma periferia na grande São Paulo. Foi dela que ouvi pela primeira vez, talvez por ser um código territorial, a expressão *transformers*. Em longas conversas que mantivemos virtualmente, pelo *MSN Messenger*, ela me fala das dificuldades em ser pobre e querer tornar-se travesti, pois beleza/feminilização está associada ao *acué*⁴⁷. Sua mãe é analfabeta e dona-de-casa, seu irmão está preso, e sobre o pai, ela não ouve falar dele há muito tempo. Ela me fala que neste contexto é difícil ficar *toda feita* de maneira rápida. Por isso, *se montava*⁴⁸ só pra sair com as amigas, ir à platéia de programas de televisão⁴⁹ e garantir uma renda pelos *bicos* que fazia dançando em uma banda de forró pelo interior de São Paulo.

⁴⁷ No *Bajubá*, *acué* é sinônimo de dinheiro.

⁴⁸ Conjugo o verbo no passado pelo fato de que, atualmente, por meio de relatos e fotos que me envia por email, observo que ela já está *se montando* com mais frequência para ficar em casa e sair às ruas. Como acompanhei seu processo durante quatro meses, no decorrer do texto, será possível perceber sua impressão a respeito de si mesma e sobre as outras pessoas a sua volta, diante de sua gradativa transformação.

⁴⁹ No *facebook*, ela costuma postar várias fotos suas e de suas *irmãs*, participando da platéia de programas exibidos da televisão brasileira— Tudo é Possível, O Melhor do Brasil, Eliana e Superpop —. Tenho observado, que nos últimos anos, ainda que não existam mais os quadros específicos na televisão como eram exibidos na década de 80, abrilhantados pelos shows de

Além das nomeações e apelidos recebidos, outro ponto que mencionei anteriormente é o trânsito dos discursos das travestis por entre os pronomes masculinos e femininos, ao referirem-se a si mesmas. Contudo, para muitas, o uso exclusivo do pronome feminino se faz como luta política e uma exigência. Mostra disto é que há mais ou menos uma década uma das reivindicações da militância *trans* nacional diz respeito ao uso dos pronomes femininos, tendo como conquista maior o direito ao nome social⁵⁰ no ano de 2010.

Mesmo assim, operar com os pronomes femininos e masculinos ao mesmo tempo não se trata apenas de uma característica das travestis *iniciantes*, ou daquelas que ignoram esta luta política por reconhecimento, pois é possível perceber que muitas travestis experientes e militantes também deslizam pelos binarismos linguísticos, enquanto outras chegam até mesmo a optar pelo uso exclusivo dos pronomes masculinos. Estas últimas, geralmente, não fazem parte de movimentos militantes.

Este embate em torno da linguagem, atrevo-me pensar, trata-se, entre as travestis que estão iniciando, mais do que um passeio pelas expressões. Suponho que este fenômeno emerge da ausência de um reconhecimento, que autorize serem chamadas de travesti e/ou pelo seu nome social. Para tanto, utilizar termos *o fulana* ou *a fulano*, não aparece como problemática para quem está *no processo*. Percebo que esta mobilidade nas expressões, ainda mais acentuada entre as *novatas* travestis, expressa sua condição de “quase lá” e, por isso, uma das formas de resistência àquilo que não podem se autointitular, mas que se manifesta a partir da subversão das marcas de linguagem frente à exigência da militância – numa posição política de “*ah, tanto faz!*”. Já

transformistas (SILVA, 2007; TREVISAN, 2007), a internet tem ampliado espaços a este público. Pois, a frequente postagem de vídeos engraçados ou artísticos no *youtube*, por travestis e *drags queens*, em sua maioria anônimas e pertencentes às camadas populares, têm proporcionado a elas convites para participar como atração nestes programas de auditório citados acima, tornando-as assim conhecidas pelos brasileiros. Entre elas cito travestis como Luiza Marilac e Laila Dominique.

⁵⁰ Projeto de Lei 72/07 de autoria do Deputado Luciano Zica implementado em 12 estados do Brasil que prevê o direito ao uso do nome social por travestis e transexuais maiores de 18 anos em documentos internos de escolas públicas e privadas e em serviços públicos de saúde. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=82449&p_sort=DESC&p_sort2=A&cmd=sort>.

que, para as travestis mais experientes, um dos critérios mínimos para se chamar travesti ou ser respeitada pelo nome social, é o de ser *travesti 24h*, condição pouco condizente com a realidade de algumas *novatas*.

Às *iniciantes* que já estão *quase completas*, como as três *novatas* que visitei, a exigência do pronome feminino é policiada pela *mamy*, e o nome social é (re)criado a qualquer momento, o que fez com que muitas vezes eu me perdesse entre as conversas ou nos perfis de *facebook*. Esta rápida mudança de nomes também costuma ser feita pelas que ainda não se *montam* diariamente, e, assim, não usam com frequência o nome social que criaram para si mesmas. A exigência de um nome social entre estas parece, por enquanto, não fazer parte de seu reconhecimento sobre si mesma e frente às outras pessoas.

Percebo, nessas mobilidades, o quanto nós pesquisadoras colaboramos nessa hiper-vigilância em torno dos pronomes, pois, no intuito de respeitar a luta dos movimentos de militância *trans* e adequar-se ao “politicamente correto”, nos tornamos menos sensíveis às *novatas* ao nos incomodarmos com a insegurança linguística que a mobilidade nos causa, sem levar em consideração que muitas ainda não se reconhecem como sujeitos da experiência. Neste sentido, Butler (2010[1993]) chama a atenção para a subversão com “aparência de lealdade” que se pode experimentar quando rearticuladas as bases dos limites fixos da inteligibilidade:

Los nombres no llegan a generizar plenamente a los personajes cuya femineidad y masculinidad se esperan que afirmen. El nombre no logra retener la identidad del cuerpo dentro de los términos de la inteligibilidad cultural; las partes del cuerpo se apartan de cualquier centro común; se alejan unas de otras, llevan vidas separadas, se transforman en sitios de investidura fantasmática que se niegan a quedar reducidos a sexualidades singulares (BUTLER, 2010[1993], p.203).

Não em vão muitos autores já mencionaram o uso indiscriminado dos gêneros durante as falas das travestis. Alguns associam a infância, família e pré-modificação corporal como o momento em que mais se situam na linguagem como parte do masculino. Enquanto que os assuntos sobre as colegas com as quais se identificam, clientes e amores fazem com que refiram-se a si mesmas no feminino (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; BORBA; OSTERMANN, 2008; BRAGA, 2010). Entre as *iniciantes* percebi situações semelhantes, porém como elas não

se consideram travesti ou travesti *completa*, ainda não há uma fronteira entre o anterior e o posterior às *transformações* corporais, limitando, assim, uma obrigatoriedade entre as fronteiras entre o que eram e o que se tornaram.

Para além da discussão sobre o uso dos pronomes, identifiquei o título deste subcapítulo com a frase que constantemente ouvi das *iniciantes*: “*Não me chamo travesti ainda!*”. A partir dela, observo que as forças do caráter linguístico entre as travestis, estabelecidas por categorias, não permite que qualquer pessoa se denomine travesti, pois a estas se reservam categorias diferenciadas que, brevemente, tento pincelar.

Um dos apelidos, talvez um dos poucos, mais populares tanto entre as *iniciantes* quanto entre as mais experientes, talvez seja o de *boneca*. É um apelido usado, há décadas, para descrever as travestis, e tem sido usado, atualmente, como uma forma carinhosa dos amigos, clientes e as próprias *novatas* travestis referirem-se a si mesmas. Além de ser muito utilizado entre as travestis que são usuárias das redes sociais.

Sobre a popularidade da expressão *boneca*, sou levada a associá-la à perfeição corporal e idealizada dos brinquedos que não apenas imitam mulheres, mas, acredito, enunciam mulheres. Uma vez que, se produzem sujeitos, padrões corporais e desejos a partir do brinquedo mais socialmente reconhecido como de um universo feminino – as bonecas. Percebo por meio delas, a hiperidealização de um determinado feminino, quando levo em consideração o número inexpressivo de mulheres que possuem a estética corporal (re)apresentada por estes brinquedos. Também aproximo o uso do apelido *bonecas* às travestis em função da plasticidade de seus corpos, na maneira como borram as margens de um esquema binarista e heterocentrado a partir do corpo como uma experiência generificada. Porém, do mesmo modo, sou levada a pensá-las pelo viés de uma construção plástica, quase irreal, pouco natural e, por que não, também passiva.

Outros apelidos são mais específicos e restritos às *novatas*, entre eles o *gayzinho* é uma das primeiras nomeações pelas quais as jovens que sonham se tornar travesti são chamadas. Denominam aquelas que já assumiram sua orientação sexual, mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios (PELÚCIO, 2007; 2009). Uma variação do *gayzinho* é mencionada em alguns grupos ou territórios, estas são *as gays*, que, de acordo com uma das *iniciantes* com quem conversei, é como melhor se distinguem dos homossexuais masculinos aquelas que são *monas* ou *bichinhas que se montam*. Como bem

explicou Sandra uma das informantes da pesquisa de Benedetti (2005, p.08): “*As gays são as gays, travestis são travestis*”.

Quanto às *cdzinhas*, anunciei anteriormente sua relação com as *crossdressers*, porém não parto do pressuposto que exista qualquer ligação direta entre o fenômeno *crossdressing* e a experiência da travestilidade. Contudo, muitas *cdzinhas* que conheci por meio do *facebook* relataram ser esta a forma que encontraram para se autodenominar, momentaneamente, até se tornarem travestis. Outras alegaram se reconhecer como *crossdressers* novinhas (independente da idade), mas curiosas por aprender um pouco mais sobre a experiência e não tornar-se travesti. Talvez seja esta uma das categorias mais fluidas que conheci por não estar entre os gays e as travestis, mas na fronteira entre as *crossdressers* e as travestis. Por isto também é comum encontrar *cdzinhas* que se definem em seus perfis como heterossexuais.

Já em relação às expressões *bicha-homem*, *pokémon* e *transformers*, noto que na maioria das vezes são utilizadas em tons ofensivos para falar sobre as *iniciantes*, grande parte delas pobres. Geralmente são usados como deboches de uma travesti em relação ao corpo da outra, ao fazer uso do termo para denotar o que elas pensam em relação à aparência da *novata* e *inexperiente* travesti – as julgam como feias e pouco femininas. Algum destes insultos ou “*brincadeiras*”, como definem algumas, pude observar no plano virtual, por meio de fotos que circulam no perfil do *facebook* de travestis que são minhas “amigas” na rede social. Sob os títulos: “*Só as Penosas*⁵¹” e “*Familia Pokémon*”, as imagens exibem um grupo de *iniciantes* da periferia, no qual muitas pessoas compartilham e postam comentários ridicularizando suas aparências e condição social/financeira⁵²:

⁵¹ Termo que também faz referência às *travinhas pobres*.

⁵² São imagens de autoria anônima que circularam pelo *facebook* em 2011 sempre acompanhadas de piadas e zombarias. Até a escrita deste trabalho as pessoas que estão na foto eram desconhecidas, por isso seus rostos estão desfocados.



Fonte: Facebook



Fonte: Facebook

Também pude presenciar, na casa onde residem as três *novatas* na periferia de Florianópolis, os efeitos destas classificações insistentemente dirigidas a uma travesti jovem, pouco experiente, com recente uso de hormônios, sem silicone, e por isso, insegura com sua aparência, como relato no diário de campo:

Cena 5: Enquanto todas estavam esparramadas pelas camas do pequeno quarto, me deixei confortavelmente repousar em um sofá, ao lado da mais jovem delas. Dirigida a esta, ouvi sem parar uma das brincadeiras recorrentes entre as jovens – chamá-la por “feia” ao invés de dizer seu nome –. Explicavam que usam este xingamento como brincadeira entre elas para se apropriar do insulto, que sempre ouviram, e torná-lo engraçado. A novata ao meu lado era a mais tímida, e mesmo calada, demonstrava claramente a irritação. Sempre saía do local e se isolava quando as “brincadeiras” começavam, porém sua irritação incitava ainda mais a zombaria das demais. Ela era a mais jovem⁵³ e menos experiente, tanto na prostituição, quanto na

⁵³ Durante nosso diálogo, afirma ter 18 anos, mas desconfio desta afirmação. Embora tenha cerca de 1,80 e corpo volumoso, aparenta menos idade, talvez uns 16 anos que ela não assumiria pelos riscos que envolvem *mamy* manter em casa uma menor de idade.

construção corporal (começou há quatro meses), o que parecia oferecer permissão à hostilidade das colegas. Estas acreditavam serem detentoras de um poder que a experiência lhes confere. Percebi com elas que as violências praticadas pelas mais velhas em idade quando lhe colocavam apelidos e fazem zombarias, agora pareciam se repetir entre as jovens. Porém, entre estas, o que contava é o tempo de experiência, mesmo que curto, “os doces⁵⁴” que já levaram e as histórias que tinham para contar frente àquelas que ainda estão descobrindo formas de (sobre)vivência no universo trans.

Outras expressões, também aparecem na fala das *iniciantes* quando se referem ao que desejam para si mesmas, ou seja, elas também produzem suas próprias categorias vislumbrando a pós-transformação. Geralmente, as mais mencionadas são as *finas*, já citadas em outro capítulo⁵⁵, e as *tops*, pois elas representam modos de ser, de se produzirem e comportarem-se. Algumas *novatas*, com as quais tive acesso, se inspiram e sonham tornarem-se parecidas.

Sobre ser *top*, percebi que muitos sentidos lhe são atribuídos, entretanto a compreensão mais próxima de que cheguei é que se refere às travestis consideradas lindas e *glamourosas* pelas *novatas*, não apenas pelo sucesso na construção corporal, mas também pela boa situação financeira. Beleza e *acué* são duas grandes conquistas que, juntas, podem proporcionar uma terceira, também associada às *tops*: torná-las famosas no circuito de festas e shows no universo *trans*. Larissa Pelúcio (2010) comenta outra característica citada por suas informantes sobre as *tops*, não devem falar o *Bajubá*⁵⁶, pois esta é considerada linguagem de rua. Assim como a autora, compreendo estas novas formas de relacionamentos e comportamentos entre as travestis (*finas e tops*) como um processo de embraquecimento e, conseqüente, ascensão social.

⁵⁴ Gíria usada quando algo ruim (uó) ou constrangedor acontece na *pista*.

⁵⁵ Ver em nota 20.

⁵⁶ Na nota 9 comentei o uso do *Bajubá* entre as travestis.

Nem mesma eu escapei à hierarquia das nomeações e, mesmo sem transformações corporais, passei por um gradativo processo durante minhas visitas ao espaço doméstico de *mamy* e suas *iniciantes*. Assim como as experiências delas, meu processo também não estava pautado em uma linearidade. Com exceção da *mamy*, que desde a primeira vez em que conversamos refere-se a mim como *bebê*, percebi que as jovens travestis que lá residem foram se referindo a mim de forma gradual: ao me conhecer me chamavam de *guria/menina*, no decorrer das conversas foram se referindo a mim como *amapô*⁵⁷, gírias e formas de me reconhecerem geracionalmente (menina) e pelo meu sexo (mulher). No entanto, já nas últimas conversas que tivemos, observei que todas as travestis da casa passaram a se referir a mim como *mona*. Gíria usada pelas travestis para se referirem umas às outras e que, talvez, melhor expressasse naquele instante minha relação de pertença, intimidade e carinho em momentos tão íntimos entre elas. Pois, para quem vive da *pista*, a tarde e os momentos de sociabilidade compartilhados durante as refeições fazem parte de ritos de cumplicidade e família (KULICK, 2008; PELÚCIO, 2005; PERES, 2005).

“Vai ficando mulher devagarzinho a cada dia”

Cena 6: *Pelo crescente movimento das travestis, que transitavam alvoroçadas pela casa, percebi as horas passando. Era uma tarde fria e chuvosa de uma sexta-feira dando lugar a mais uma noite de trabalho. Enquanto uma travesti escovava a peruca, a outra telefonava para os clientes mais habituais. Caminhei pela casa e fiquei olhando as roupas cuidadosamente dispostas pela cama. Ao tocar no sutiã senti seu volumoso enchimento, e, distante, ouvi a voz da jovem que me gritava dizendo não ver a hora de colocar peito. Ela se aproximou e contou-me que, em breve, embarcaria com as amigas para São Paulo, para colocarem próteses, pois achava uma loucura colocar silicone líquido pelos riscos, inclusive, de morte. Uma outra travesti interrompeu nossa conversa: “eu amapô? sou fake mesmo! Uso enchimento na bunda, nos peitos e peruca. Os bofes⁵⁸ tudo já sabem e nem dão bola!” Confessei à*

⁵⁷ No *Bajubá*, *amapô* é sinônimo de mulher, quase sempre refere-se “àquela que tem *buceta*”.

⁵⁸ Gíria que se refere à homem.

travesti que me falava sobre as próteses que até então achava que ela tinha implante de silicone: “que nada, é só hormônio que, por sinal, me cai muito bem!”. Pois, ao contrário de muitas que sofrem efeitos colaterais, espinhas e caroços pelo corpo por conta da ingestão de hormônios, ela não. Apenas sentia o sintoma dos hormônios na alteração de humor “tem dias que esses hormônios me deixam louca, bem atacada mesmo, é só olhar as travas, ficam tudo bem doidas!” Enquanto conversava ela seguia em direção à pia, abriu uma das gavetas e retirou uma sacola. Despejou todo seu conteúdo encima da mesa e muitas cartelas de medicamentos caíram. Explicou que este era o seu “coquetel” e, como numa prescrição médica, descreveu as dosagens que fazia com todas aquelas pilulas anticoncepcionais: “uma vez por mês coloco uma cartela inteira no liquidificador e misturo com água, tomo um copão. No restante do mês tomo uma pílula de cada cartela todos os dias (5 pilulas diferentes ao dia)”. Interrompi e perguntei como aprendeu, ela me disse que foi testando as alterações em seu corpo. Mas, me avisou que a receita não para por aí, pois “uma vez ao mês faço uso do contraceptivo injetável e também do adesivo no braço”. Exibiu a parte interna no braço com o adesivo anticoncepcional. Contou-me que com isso os quadris aumentaram (levanta a blusa e me mostra), os seios cresceram um pouco (aperta um deles com a mão), a bunda se espalhou (de acordo com ela o suficiente), a voz ficou um pouco aguda (tem a voz grave, mas diz gostar dela assim). Na bunda achou necessário acrescentar um pouco de silicone líquido “foi a pior dor que senti na minha vida, aquele líquido desce queimando tudo e elas⁵⁹ massageiam sem parar, gritei muito! só depois disso entendi a dor que as travestis mais velhas falam tanto. Acho que até compreendo um pouco da implicância delas com a gente. Nossa, dói muito aquilo tudo”.

Desde que comecei a me interessar pelo estudo das travestilidades, minha atenção foi chamada à recorrência de algumas frases na fala das travestis, quando o assunto é a construção de seus corpos. Poderia até mesmo dizer que *montando e desmontando* frases e ouvindo sobre aspectos vitais na *montaria* de seus corpos seria possível reuni-las, e, em diálogo com as leituras sobre o assunto, resumir em *travesti que é travesti, tem hormônio circulando no sangue e silicone*

⁵⁹ Referência às *bombadeiras*, travestis especializadas em *bombar*, aplicar o silicone líquido.

penetrando na carne.⁶⁰ A partir dos diálogos que já tive, percebo que sejam travestis mais velhas, mais jovens, experientes ou *novatas*, assim como *blogs* e *sites* especializados no assunto, a maioria menciona frases parecidas com esta, como a fórmula básica para se construir *uma linda boneca*.

Ao adentrar neste terreno aquoso dos hormônios e silicones, e mais contemporaneamente das intervenções cirúrgicas, transcorro de modo simultâneo acerca da valorização dos corpos e da centralidade que eles ocupam na discussão das experiências *trans*. Tendo em vista que corpo ora aqui (re)contado não é uma superfície de inscrição, mas espaço de criação e, portanto, de sobrevalorização. Ao tomar como referência o universo *trans*, ou até mesmo outra experiência generificada, observo que é o corpo que ocupa o destaque. Tem sido a grande apoteose das identidades, e, em alguns discursos chega, até mesmo, a ser aquilo que possibilita o sujeito existir dentro ou fora de alguma categoria.

Não tomo o corpo como um contorno, a “casa que habitamos” ou o invólucro no qual incidem os valores da cultura. Refiro-me ao corpo que é possível de ser fabricado e assim, objetificado. Aquele que não está no detalhe anatômico, em formas definitivas ou provisórias e, por isso, é datado. Interessa-me pensar o corpo que se dispara em multiplicidades, o que cabe aproximar à noção proposta por Beatriz Preciado (2011) como “multidões”, ao se opor aos corpos que repousam em identidades naturais (homem/mulher) e em práticas sexuais (heterossexual/homossexual). Para a autora, analisar as experiências corporais como multidões é falar “sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como ‘normais’ ou ‘anormais’” (PRECIADO, 2011, p.16), ou seja, pensar os corpos que tentam a fuga aos ideais heteronormativos.

Para deixar mais clara a ideia de “multidões” e assim debruçar-me nesta análise do corpo, proposta pela teórica *queer*, permito-me algumas digressões acerca de termos acionados nestes primeiros parágrafos. Afinal, da mesma forma que os corpos são múltiplos, fluidos e *montáveis*, as ferramentas conceituais – diferença sexual, poder sobre os corpos e multidão – são escorregadias e provisórias, e, deste modo,

⁶⁰ Compilação de frases que já ouvi entre as travestis somadas a leituras dos textos de Hélio Silva (2007), Marcos Benedetti (2005; 2006), Don Kulick (2008), Larissa Pelúcio (2005a; 2007) e Tiago Duque (2005).

constituem a história dos corpos, dos sujeitos e da produção de subjetividades.

Começo pela diferença sexual na maioria das vezes tomada como diferença material, e desta maneira tem sido fundamental ao desenvolvimento de uma espécie de genitalização dos modos políticos e econômicos de vida e assim, de uma genitalização das subjetividades.

Uma detalhada discussão sobre isso é feita por Thomas Laqueur (2001), ao analisar o império da biologia, no qual atuam forças estratégicas que ditam a moral sob quais homens e mulheres se diferenciam. O autor faz um levantamento histórico e problematiza a partir de que momento os corpos sexuados passaram a ocupar espaços e se fazerem como temas a serem estudados. Laqueur (2001) demonstra com seu texto que apenas depois do século XVII as diferenças anatômicas e fisiológicas começaram estrategicamente a ser publicadas, e, debruçadas nelas, emergiram corpos contornados pelo modelo de um sexo único, não em vão, derivados do modelo masculino. À medida que avançaram os estudos sobre a anatomia, mais o corpo tornou-se a representação de uma carne única, pautada na ideia aristotélica universalista e genérica. As mesmas vertentes nas quais derivam os discursos que legitimarão a subjugação da mulher.

A partir do desenvolvimento de tais estudos, os humanos eram vistos como homogêneos em sua organicidade, na qual a vagina e o útero da mulher nada mais eram do que o escroto e o pênis do homem, porém invertidos. Os homens e mulheres delineados, neste contexto, além de se constituírem em um corpo único, eram indivíduos com pênis para fora ou para dentro, característica que definia suas finalidades procriativas, as atribuições específicas de cada gênero e, principalmente, a manutenção de uma estabilidade microcós mica e, ainda, macrocós mica de hierarquias na ordem social (LAQUEUR, 2001).

Tratava-se de hierarquias fundadas sob o *status* de Natureza, nas quais a existência de um único sexo favorecia a distinção entre os exemplares mais perfeitos, os masculinos, e os menos perfeitos rotulados como femininos (FOUCAULT, 1983). Nesta perspectiva, o movimento sempre está na “cadeia superior do ser”, não há registros de homens que se tornaram mulheres, pois a ordem da “Natureza sempre tende alcançar o mais perfeito”, e nunca o contrário (LAQUEUR, 2001, p.170).

Nesta espécie de primazia do gênero em que as coisas se ordenavam, o corpo era apenas algo sólido corpóreo, anatômico e fisiológico, e o gênero criou assim também o sexo. Um dos focos de discussão na obra de Laqueur (2001) é o argumento de que os motivos

pelos quais os seres humanos não podem ter dois sexos válidos é menos biológico do que político e cultural. Afinal, os homens (in)formam e as mulheres concebem. Esse é o ponto de referência no qual a concentração estrategicamente estava nos homens tanto em relação aos órgãos genitais, quanto na linguagem e, deste modo também, nas relações de soberania dos homens sobre as mulheres.

Em sua trajetória histórica Laqueur (2001) diz que em alguma época do século XVIII o sexo que nós conhecemos hoje foi inventado e, finalmente, ovários e testículos passaram a ter nomes diferenciados. Os fatos fisiológicos do corpo são tidos como verdade e a anatomia sexual distinta passa a decidir sobre uma variedade de reivindicações nos contextos sociais, econômicos e culturais, agora sob a organização das relações naturalmente baseadas na diferença sexual.

Foi com o intuito de destacar as tramas que propiciaram a primazia da diferença sexual na existência dos sujeitos, que conduzi esta descrição histórica até aqui. A fim de afirmar que não importa o modelo produzido na história, seja dos dois sexos ou até mesmo o do sexo único, trata-se de um discurso construído, uma história da diferença que produziu a essência, logo a verdade sobre os sujeitos, seus corpos e as relações de si mesmo e com os outros.

Assim, a partir de 1700, o que antes não era necessário nomear passou a ser inseparável da linguagem e altamente científico, consoante aos fatos as genitálias passaram a ser criteriosamente nomeadas. Segundo Fernando Silveira (2001) o corpo se transformou em campo de múltiplas indagações a serem discorridas pelas ciências e em perene produção de verdades sobre o próprio indivíduo. No mesmo fluxo das “maravilhas” das descobertas científicas sobre o sujeito, o século XIX tornou-se a grande época de ascendência da patologia. As luzes foram lançadas ao estado dos órgãos e foram os corpos das mulheres que marcaram esse processo civilizatório: os corpos femininos com males intrínsecos, e os masculinos com males externos (SILVEIRA, 2001).

Nesta direção, a verdade sobre o corpo humano foi procurada nas áreas da Medicina, Biologia, Antropologia, Psicanálise, Ciências Sociais, Demografia, Psiquiatria, Direito entre outras. Conforme Guacira Louro (2004) a sexualidade passou a ganhar centralidade na compreensão e na organização da sociedade. Os estados preocuparam-se em controlar as populações, garantir a vida e a produtividade do seu povo a partir da disciplinarização da família, da reprodução e das práticas sexuais, sendo que o discurso científico, combinado aos discursos da igreja, da moral e da lei, tornara-se o olhar “autorizado” sobre o sujeito.

De acordo com Louro (2004) as descobertas e classificações dos corpos tenazmente perseguidos pela Sexologia terão a linguagem e as teorizações marcadamente masculinas, por isso não soa estranho que

as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa, que o comportamento que os das classes média e alta, dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais, tenham se constituído na referência para estabelecer as práticas moralmente apropriadas ou higienicamente sãs (LOURO, 2004, p.79).

Deste ponto em diante, recorro ao “poder sobre os corpos”, ferramenta que acionei anteriormente para falar sobre o regime dos corpos e a produção de categorizações. Assim, falo de um poder que é possível pelas suas capilarizações e exercícios frente à disciplinarização do mundo, sendo orquestrado pela massiva produção de saberes. Ou seja, pela persistente produção e exercício das formas de governo e dos procedimentos disciplinares os quais ordenam o mundo e os indivíduos. Conforme Foucault (2008[1979], p.186) para que este poder disciplinar seja exercido “é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber”.

A autoridade de um “saber sobre” com o peso da verdade, segundo Foucault (2007[1976]), delegou ao corpo o *status* de profundidade, deste modo tornou-se alvo de exploração sendo persistentemente vasculhado e definido. Eis aqui o encontro entre a diferença sexual e o poder sobre os corpos, pois com a diferença sexual sendo percebida como a grande “marca” da verdade, será no corpo que irão incidir dispositivos disciplinares que visam o aprisionamento dos corpos, a expressão do prazer, bem como o confinamento dos corpos orgânicos. Inspirada nesta discussão e também nas palavras de Helio Cardozo Jr. (2005), compreendo que a disciplina dos corpos é um domínio de técnicas que almejam adestrá-los, assaltar também ao corpo criativo a fim de cotizá-lo a diversas funções, e sob diferentes campos do saber.

Nesta linha de pensamento Judith Butler (2010[1993]) compreende que o sexo⁶¹ não apenas funciona como norma, mas como

⁶¹Sexo que não se institui apenas como prática (como ato sexual em si), mas trata-se também de uma “economia regulatória”. Economia, no sentido

parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, pelo poder de produzir, demarcar e diferenciar os corpos que controla. Assim, da clivagem que ritualizava a morte ao interesse em calcular a vida tecnicamente, Beatriz Preciado (2011) afirma que este é também o momento em que heterossexual X homossexual emergiu como preocupação. Sobre esta nova relação de oposição a ser regulada Wittig (2006[1992]) chega relacionar à dominação da heterossexualidade não uma prática sexual, mas um regime político que administra os corpos e as vidas. Questiono-me então: se abrem possibilidades para que os corpos se revoltem contra o poder?

Para Cardozo Jr. (2005) sim, pois o espaço à fuga também se produz e é fartamente ilustrado por Foucault ao mencionar a existência de possibilidades de resistência dos corpos à disciplinarização. Segundo ambos os autores, os corpos podem escapar dos dispositivos que se veem perfurados, questionados e tornados ineficientes, sendo esta cruzada também um dos efeitos do poder.

Nesta perspectiva, Foucault (2008[1979]) tece uma discussão acerca dos efeitos da relação entre corpo e poder

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde, contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor (FOUCAULT, 2008[1979, p.146).

foucauldiano, contempla práticas corporais, condutas e, também prescrições, interdições e exclusões. Sobre essa reflexão, e outras que serão mencionadas a seguir, agradeço especialmente à Profa. Juliana Perucchi, ao Prof. Fernando Pochay e à Profa. Mériti de Souza pelas importantes contribuições feitas após a leitura desse trabalho.

Aliada a esta ideia foucauldiana de uma revolta dos corpos contra o poder, sou seduzida a pensar que, ainda que o poder esteja penetrado e exposto no próprio corpo, abrem-se possibilidades de fuga, as mesmas às quais Preciado (2011) se refere ao inaugurar o termo “multidões”. Segundo a autora, as multidões de corpos emergem como uma forma de combate ao “Império Sexual” e como desvio à diferença sexual – nesta concepção, percebida não mais como a base natural que legitima a ação política. Neste combate ao domínio do heterocentrismo como uma forma de normalização da vida, o que importa não é a diferença sexual, mas as multidões de corpos construídos sob a sombra de “anormais” em benefício da regulação normativa dos corpos. Para Preciado (2011) esta multiplicidade de anormais é a potência a qual o Império Sexual se esforça em normalizar, consolidando um Império dos Normais que para se constituir depende de um engenhoso conjunto de técnicas, conforme descrito pela autora

[...] desde os anos 1950, [o Império dos Normais] depende da produção e da circulação em grande velocidade do fluxo de silicone, fluxo de hormônio, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, definitivamente, fluxo dos gêneros. Com certeza, nem tudo circula de maneira constante e, sobretudo, os corpos não retiram os mesmos benefícios dessa circulação: é nessa circulação diferencial de fluxos de sexualização que se desempenha a normalização contemporânea do corpo (PRECIADO, 2011, p.13).

Ao depender deste conjunto de técnicas que objetivam a normalização e a normatização, os corpos denunciam que esta forma ideal é forçosamente materializada através do tempo. De acordo com Butler (2010[1993]) a materialização das normas não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas depende de uma reiteração forçada e, por ser desta forma, já denuncia que não é natural e, portanto, que os corpos não se conformam. Segundo a autora, na materialização o sujeito não é autônomo ou submisso. O que se estabelece nesta repetição são as possibilidades de espaços entre uma subjetividade e um agenciamento.

Nestes espaços se produzem as multidões de diferenças se constituindo no “entre-fluxos”, as quais Preciado (2011) sinaliza que não são “um tipo de margem ou reservatório de transgressão” (p.14) em

oposição às estratégias identitárias. O que a existências das multidões torna necessário admitir é que os corpos não são mais dóceis. Na visão da autora, a multiplicação de corpos é um processo de “desidentificação” – tomando emprestado o termo de Teresa de Lauretis (1994) – e explicando que algumas de suas estratégias políticas são: as formas atuais de identificações estratégicas, os desvios das tecnologias do corpo e a desontologização do sujeito da política sexual. Políticas estas que vão lentamente revelando-se a partir da problematização a seguir sobre os corpos *trans*.

Até então, ao discorrer historicamente a maneira na qual entendo o corpo, a diferença sexual, o poder das normas e dos saberes, e a potência dos corpos tentei apresentar a linha de pensamento epistemológico que me guiou pelas experimentações e pelos encontros com corpos *in transformação* de travestis *iniciantes*. A partir das ferramentas conceituais discutidas até aqui e dos diálogos com as travestis, elaborei pistas que passaram pelo meu corpo e pelos afetos que me levam a rememorar experiências em/de processos fluidos, que acredito que sendo contemplados desta forma fazem com que “revelem-se em toda a sua potência e precariedade” (DAMÁSIO, 2011, p.235).

Por isso, elaborei esta longa contextualização teórica para associar as experiências das travestis *iniciantes* não apenas aos corpos revoltados ou aos docilizados pelas normas, mas também aos corpos das multiplicidades, nas quais Preciado (2011) diz que “não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p.18).

Desde o início do texto tenho anunciado que o corpo é um dos principais *locus* de convergência nos quais os processos se produzem e legitimam a travestilidade. Deste modo, a partir das ferramentas conceituais, posso dizer também que é onde as corporalidades não se restringem ao corpo-identidade. Também não se limitam ao corpo unitário que aprisiona subjetividades sobre algum território, mas aquele que é agência e experiência de sexualidades. Segundo as palavras de Anne Damásio (2011) é o corpo que é projeto onde sexo, gênero e sexualidade se encontram em uma materialização que não esgotam o “repertório de composições corporais possíveis” (p.213).

Nesta engenharia corporal observo que seja nos modos de se vestir, na forma de arrumar o cabelo, fazer a maquiagem, fazer uso dos hormônios, injetar/implantar o silicone, idealizar padrões masculinos e femininos, ou ainda nas formas de aprender tudo isso, o que está em jogo para as *novatas* travestis também é a produção contemporânea de

um “pavor da carne”. Conforme Francisco Ortega (2008) este pânico geral em torno da boa saúde, da beleza e do culto ao corpo jovem tem encontrado na tecnobiomedicina um lugar de deleite. No caso das travestis, é sabido que as tecnologias não foram criadas primeiramente voltadas para elas, pois foram chegando residualmente o que na visão de Silva (2007) já dissiparia suas marcas exóticas, se considerarmos que a experiência travesti é beneficiária e tributária de toda esta tecnologia.

Com isso a discussão que mais uma vez se apresenta é a de que as mesmas práticas corporais, que as torna subversivas por um lado, por outro, as tornam capturadas pela norma. Começemos pelos hormônios, segundo James Green (2000) usados pelas travestis desde o final da década de 60, e que tiveram sua importância citada na pesquisa de Hélio Silva no início dos anos 1990. Considerada no trabalho deste autor não apenas como a “poção” do contorno corporal, mas também da formação de uma moral, de um caráter, a relação com os hormônios é ilustrada em sua obra a partir de dois diálogos diferentes. No primeiro, uma travesti diz que *“travesti tem que ter silicone, hormônio, não tem travesti sem hormônio”*. No segundo, uma queixava-se de que *“a rua estava uma pouca-vergonha”*, pois segundo ela algumas travestis colocavam camisinha cheia de água no sutiã e iam para a batalha (SILVA, 2007, p.170). Alguns anos depois, mas ainda na mesma década, Marcos Benedetti também discutiu a importância fundamental do hormônio para a construção da travestilidade, pois *“é essa substância que, ao misturar-se ao sangue, instaura uma nova condição no corpo: a condição de travesti”* (BENEDETTI, 2007, p.16-17).

Permito-me afirmar, quando analisadas as obras que ganharam relevância sobre as travestilidades até a atualidade, não importa a década, o hormônio continua uma “tendência” entre as travestis. Muito mais do que isto, a relevância de seu uso traz à cena sua função de (re)criação, de manutenção e de garantia de feminilização ao agir sobre os corpos. Traz à cena principalmente o saber, ou seja, as técnicas e a engenhosa manipulação dos líquidos, comprimidos e adesivos que moldam a existência de um novo sujeito.

Noto em minhas incursões pelo universo *trans* que anos se passaram e as técnicas de “arredondar” e dar “forma” aos corpos tornando-os mais femininos, evoluíram desde o hormônio. Atualmente, há um variado *menu* à disposição não apenas das travestis, mas de qualquer pessoa que busque conformar-se aos padrões estéticos. Em sua maioria é destinado a quem deseja esculpir-se sob os modelos de beleza hegemônicos: pele branca, longas madeixas lisas, magra e gostosa, mas

sem perder a delicadeza. Além das possibilidades de conquista de um dos valores mais preciosos, a naturalidade.

Conforme o trecho extraído do diário de campo, no início dessa seção, é possível ter ideia não apenas da importância conferida pelas travestis aos efeitos dos hormônios, mas principalmente, ao ritual, ao aprendizado, à testagem e à comprovação das técnicas como formas de desvendar-se a si mesma no que envolve sentir o hormônio invadindo as superfícies do corpo. Entre as travestis *iniciantes* pude ver alguns efeitos do processo hormonal quando ainda recentes, pois além da sacola de pílulas anticoncepcionais e dos adesivos contraceptivos que exibiam nos braços, vi também os quadris arredondados por entre as curtas roupas que vestiam. Também ouvi sobre seus desmaios quando doses altas foram ingeridas e notei os seios crescidos quando uma delas ficou nua em minha frente ao se esquecer de minha presença durante a visita de uma vendedora de sutiãs, de calcinhas e de fantasias eróticas.

Neste dia, entre calcinhas tigradas, sutiãs brilhosos e camisolas transparentes formou-se um alvoroço em torno da vendedora e todas foram logo experimentando as peças que mais chamavam suas atenções. Uma das travestis, já sem calcinha, se deu conta de que eu estava por perto e gritou “*ai esqueci, ela é mulher!*”. Aos risos continuou nua perguntando minha opinião a respeito das peças.

Em meio às gargalhadas e desfiles das travestis com fantasias de diabinho e coelhinho, compradas para se *montar* e irem à *pista*, sou levada a pensar sobre este feminino que os hormônios levam às entranhas, que modelam os quadris, fazem crescer um pouco dos seios, afinam a voz e, segundo algumas travestis, quando acordam não deixa o pênis ficar ereto. Os efeitos desta “fórmula básica” na materialização da travestilidade entre as *iniciantes* tem pressa, por isto altas dosagens são ingeridas (cartelas inteiras) pelas *novatas* que se prostituem pela urgência da feminilização do corpo. O que segundo elas garantiria, inclusive, uma maior aceitação por parte da clientela.

A partir das jovens travestis ouvi dois tipos diferentes de relações estabelecidas entre o uso dos hormônios e o sustento financeiro. O primeiro tem relação com as *iniciantes* que se prostituem, pois estas acreditam que os hormônios garantem uma procura maior dos clientes que valorizam a feminilidade, além de considerarem que os hormônios agem melhor em seus corpos por serem jovens. Por isso as *novatas* que *batalham* na *pista* fazem uso cada vez mais cedo dos hormônios.

Na pesquisa de Pelúcio (2009) ela observa que as *ninfetas* que se prostituem, embora tenham o corpo pouco transformado, “compensam as poucas curvas e carnes com o frescor de quem acaba de entrar na

noite e, muitas vezes não têm a marca de barba” (p.59). Refere-se também à ousadia com que as *novinhas* transam com seus clientes, o que faz com que as travestis mais velhas por vezes sejam menos requisitadas.

Porém, entre as *iniciantes*, que não buscam a *pista* como forma de se sustentar financeiramente, um segundo tipo de relação parece se estabelecer com os hormônios e o trabalho. Estas dizem não desejar fazer o uso dos hormônios antes de terem um emprego fixo. Uma delas menciona que tem consciência de que *já é difícil conseguir emprego como gayzinho homem, imagina como travesti? Não, não quero hormônio agora, não dá pra mudar o corpo e sonhar com um super emprego como eu sonho!*

Dois questões me ocorrem quando penso sobre as *iniciantes* que não querem, no momento, fazer uso de hormônio. A primeira parece se aproximar à questão da prostituição, pois estas *novatas* demonstram não ter a mesma urgência daquelas que estão cotidianamente na *pista* disputando a aceitação dos clientes. Também não fazem parte da difícil concorrência por um espaço territorial na *pista*, que depende, inclusive, da aceitação das mais experientes no local – quanto mais feminina, mais respeitada se é neste espaço. Pois, sob o olhar atento das mais antigas na *quadra* é possível *batalhar* em locais mais visíveis, mantendo-se protegidas pelas esquinas pouco iluminadas e na beira das estradas desertas.

A segunda questão que levanto a respeito das *novatas* que recusam o uso dos hormônios tem íntima ligação com seus corpos. Coincidência ou não todas as travestis com quem conversei, mesmo *desmontadas*, exibiam um corpo privilegiado no universo *trans*. Tanto as travestis que conheci quanto a jovem citada por Tiago Duque (2009) em sua dissertação como uma *novata* que não deseja se hormonizar, todas exibem corpos magros, com traços faciais delicados e são consideradas pelas demais como “*femininas por natureza*”. O que não faz com que sejam mais reconhecidas *como* travestis ou deixem de receber os apelidos ofensivos daquelas que já estão *toda feita*⁶². Na pesquisa de Duque (2009) a *iniciante* também menciona ao autor as poucas possibilidades de trabalho como um dos impeditivos para aderir a hormonização.

⁶² As travestis *toda feita* são mais *montadas* corporalmente em relação às travestis iniciantes. Elas fazem uso dos hormônios, silicone, salto alto, roupas, acessórios e intervenções cirúrgicas.

Um último ponto que gostaria de fazer alusão sobre os hormônios é quanto à perturbação *nervosa* que as travestis mais experientes relatam sentir, e que da mesma forma foi citada entre as mais jovens. Comentários como “*eles nos deixam atacadas*” ou “*as travas ficam tudo loucas*” são comuns entre as travestis que fazem uso de hormônios. Contudo, o que realmente chama a atenção é a relação feita entre os sintomas de irritação e a falta de controle emocional com a circulação de características femininas pelo corpo hormonizado. Em outras palavras, a alteração de humor é considerada um sintoma que as posicionaria, ainda mais, no universo da natureza feminina (PELÚCIO, 2005a; BENEDETTI, 2006; SILVA, 2007; KULICK, 2008; DAMÁSIO, 2011). Um modelo essencialista que atribui às mulheres a “doença dos nervos” e os sintomas da natureza uterina como as “*histéricas*” que ficam nervosas e “*naqueles dias*”. Percebi que entre as travestis é comum perguntar quando alguém está muito irritada “*tá tomando muito hormônio?*”.

Deste ponto em diante, para além dos hormônios, posso dizer que, quando *montadas no acué*⁶³, as travestis conseguem acessar mais facilmente outras tecnologias que ajudarão a feminilizá-las como depilações a laser, redução dos ossos faciais, implante capilar, redimensionamento da testa, raspagem do pomo-de-adão, entre outras inúmeras técnicas do que Preciado (2008) chamou tecnocorpo. Para elaborar este termo, a teórica *queer* baseou-se na ideia do tecnopoder discutida por Donna Haraway (1991) como uma forma de tecnologia de gênero que codifica, descodifica, programa e desprograma. São estratégias sintéticas, maleáveis, suscetíveis de serem transferidas, copiadas, produzidas e reproduzidas tecnicamente pelos sexos e gêneros dos “bio” e “tecno” sujeitos.

Pelos caminhos desta rede tecnológica, outro investimento considerado indispensável, depois dos hormônios, ao reconhecimento das travestilidades é o uso do silicone em sua composição líquida, sendo injetado por várias partes do corpo. Juntamente com a hormonização, a técnica de *bombar-se*⁶⁴ durante muito tempo significou a entrada definitiva no mundo das travestis (PELÚCIO, 2009). O procedimento é realizado pelas *bombadeiras*, travestis que se especializam em aplicar silicone líquido clandestinamente nas outras. Por meio de agulhas veterinárias o líquido oleoso é injetado geralmente nas coxas, quadris,

⁶³ Com uma boa quantia em dinheiro.

⁶⁴ *Bombar* significa injetar silicone líquido no corpo.

seios e bunda; e sua quantidade é medida por copos, por isso as travestis costumam dizer “*injeitei tantos copos*”. Acredito que um dos maiores efeitos já relatados sobre o silicone líquido, além da forma rápida que dá ao corpo, pois são espalhados por massagens feitas pelas *bombadeiras*, são as dores que elas relatam sentir. As travestis que fizeram uso das injeções dificilmente esquecem a queimação do líquido que parece “rasgar” a pele invadindo a superfície cutânea. Uma espécie de “invasão consentida” que marca o ritual de entrada do novo corpo⁶⁵.

A sensação de dor tornou-se uma das maiores características de legitimidade entre as travestis, atrevo-me até a dizer que é um dos processos que constituem o que chamei anteriormente de *transessência*. Pois, *a dores da beleza* como são conhecidas no universo *trans* e as formas de resistir a elas “são compartilhadas, e são dores públicas que anunciam a iniciação da *novata*. Há a expectativa de que ela passe por isso para se tornar travesti, e não mais o *viadinho*, o *gayzinho*. Quanto mais a travesti conhecer na carne os efeitos dessa adesão, mais o terá na alma” (PELÚCIO, 2009, p.232).

Entretanto, entre as *iniciantes* que tive acesso, poucas relataram ter recorrido a este procedimento, discurso que também apareceu nos achados da pesquisa de Tiago Duque (2009) com travestis adolescentes no interior de São Paulo. Mesmo as *novatas* que me contaram ter feito algumas aplicações de silicone líquido, disseram ter feito na bunda e nos quadris, mas jamais fariam nos seios. Compartilho da mesma ideia de Duque (2009) de que o imperativo de *bombar* o corpo talvez tenha perdido um pouco sua força entre as travestis mais jovens, e muitas direções me levam a apontar alguns possíveis motivos desta decrescente adesão ao procedimento.

Além da própria dor que, pelo que escutei das *iniciantes*, tem sido pouco *glamourizada* entre a nova geração de travestis, a justificativa que mais apareceu entre as *novatas* que demonstraram grande rejeição ao silicone líquido tem relação com o discurso da saúde. São citados o medo e até mesmo o exemplo de mortes já ocorridas com travestis conhecidas por conta das complicações do silicone líquido. Relatam o temor de que ele *escorra para o coração*, como acreditam que pode acontecer quando o silicone é injetado nos seios.

⁶⁵ “Invasão consentida” atravessada por certa “dor corretiva”. Essa foi uma das reflexões da Profa. Juliana Perucchi a respeito desta passagem no texto. Segundo ela, esta invasão consiste em corrigir o “erro” da natureza de terem nascido em um “corpo de homem” é dolorido.

Atualmente o silicone líquido tem sido alvo de preocupação de algumas políticas públicas de saúde LGBTTT e de redução de danos (DUQUE, 2005; 2009) frente aos perigos de infecções, devido às grandes perfurações realizadas na pele, que são cobertas por pedacinhos de papelão recortados e colados com *super bonder* para a cicatrização. E, principalmente, pelas chances do líquido *descer* para outras regiões do corpo obstruindo órgãos vitais. Eu mesma presenciei em outra pesquisa uma destas complicações, vi os efeitos de um silicone que estava na bunda e que *desceu* para a perna causando inchaço e dores, impossibilitando a travesti de caminhar em função do excesso de pus amarelado que era excretado pelos poros da perna.

Outra direção em relação à recusa das jovens ao silicone líquido, parece estar apontada para a questão de classe por ser considerada, entre as *iniciantes*, coisa de *travinha pobre* ou de quem se prostitui e, por isso, precisa das “formas” corporais mais depressa. No mesmo sentido parece ter relação também com *status*, pois as travestis *tops*, como muitas *novatas* que desejam se *transformar*, asseguram que não têm, nem nunca terão, esse “lixo” no corpo (PELÚCIO, 2009).

Sejam guiadas pelo medo da morte, pela garantia de saúde, pela condição financeira, *status* ou pela pressa ou não em *botar corpo*, o fato é que a adesão às próteses de silicone e não mais ao líquido injetável parece ter sido muito maior nestes últimos anos. As três *iniciantes* que visitei estavam com viagem marcada, e há meses, guardando os *acuéis* para *botar peito* com próteses. Mesmo que o preço de uma cirurgia deste tipo tenha diminuído consideravelmente nos últimos anos, ainda é reduzido o número de travestis que conseguem pagar o valor de uma prótese. Seja *batalhando na pista* ou exercendo qualquer outra profissão, o acesso ainda não é tão fácil. Porém, muitas *iniciantes* têm recorrido à antiga prática do enchimento no sutiã, a fim de esperar um pouco mais para juntar seu dinheiro e *aí, quando botar peito, botar de verdade*. Por isso, algumas parecem não se importar em ser momentaneamente um *truque*, como relatou a *novata* que me disse assumir aos clientes *que nada ali é de verdade*⁶⁶. Na ocasião, ela levantou a blusa e me mostrou a sobreposição que faz todos os dias com três sutiãs e mais uma calcinha com *bundinha* de enchimento.

Além do tempo e do investimento necessários para seguir o processo de *transformação* inicial que se constitui em *botar o peito* e em *fazer a bunda e/ou os quadris* com auxílio de silicone e hormônios, há

⁶⁶ Conforme citado no trecho extraído do diário de campo, no início desta seção.

uma passagem simbólica muito intensa neste processo. Ao inserir estes elementos em seus corpos as *novatas* se posicionariam, cada vez mais, na categoria das *mulheres 24h*, ou seja, estariam tateando o “tornar-se travesti” e adquirindo legitimidade neste espaço que valoriza o corpo fluido, com a condição de que a *montagem* nele seja mais duradoura, portanto, na carne e nos nervos. A expressão *24h* opera em oposição ao *gay*, *que se monta*, ou ao *viado de peito* ao denotar a rejeição às *montagens* feitas por um espaço curto de tempo ou para ocasiões específicas (boates, shows ou apenas para curtir com os amigos). Não em vão, cada processo mais permanente tem sido celebrado publicamente, como percebi em postagens do *facebook* que diziam:

Novata: ai, vou turbinar amanhã, estou muito nervosa, mas feliz por mais esta conquista...

Amig@: vai lá mana arraza com os novos melões! Tu merece muito isso! Sorte lá.

Novata: não vejo a hora! Obrigada pela força. Já estou rezando para tudo dar certo.

Ao navegar pelos *blogs*, pelo perfil do *facebook* e a partir de conversas informais que tive com as travestis no *MSN* e pessoalmente, sou convidada a pensar que o retorno do uso de enchimentos, a diminuição pela procura do silicone líquido e a espera um pouco mais paciente pela prótese, em alguns casos, também parece aproximar-se das questões que envolvem as idades das *novatas*. Tendo em vista que algumas *iniciantes*, pela pouca idade, convivem com a intolerância dos pais e ainda residem com eles, por isso não possuem dinheiro muito menos autonomia para *transformarem* seus corpos mais definitivamente. Entra em discussão o que Tiago Duque (2009) intitulou “*montagem estratégica*”, realizada por aquelas *novinhas* que não podem se *montar* onde e quando bem entendem. Para o autor trata-se de uma nova relação com o dispositivo do armário, em meio às exigências de um universo social, pois as *novatas* se *montam* e *desmontam* apenas em locais em que é permitido, longe dos familiares e entre amigas. Assim, esta *montagem* é um modo de recriarem a si mesmas no intuito também de se deslocarem das violências, pois são possibilidades de sobrevivência que algumas jovens travestis têm encontrado para esconderem de seus familiares o que não passa apenas pela desconfiança acerca da sua homossexualidade, mas pela descoberta da travestilidade.

Eu tive a oportunidade de vislumbrar a *montagem estratégica* em dois espaços diferentes. Primeiro por meio do diálogo com a jovem

paulista que, em nossa primeira conversa, me contou que mantinha suas roupas e maquiagens escondidas na casa de uma das *irmãs*, modo como chamava as amigas e vizinhas de bairro na faixa dos 13 aos 17 anos. Estas se reuniam todas as tardes no quarto de uma delas para se *montar* e tirar fotos, quando tinham a oportunidade fugiam de casa na madrugada para irem *montadas* às festas longe do bairro. Ela tinha muito medo que a mãe encontrasse suas roupas, por isso as mantinha bem escondidas e, antes de chegar em casa, *tirava tudo correndo*.

O que se percebe é que, na montagem estratégica, as *novatas* começam a se *montar e desmontar* com maior facilidade, é desta maneira que algumas jovens têm experienciado a travestilidade dentro de suas casas, até o momento de conseguirem conquistar o mínimo de aceitação dos pais ou autonomia financeira, para sair de casa e se *transformar*. Os elementos mais importantes nesta experiência diferenciada da *montagem* são as perucas, sutiãs com enchimento ou que imitam próteses e os acessórios facilmente removíveis. Acessórios que foram em outras épocas utilizados e hoje foram abandonados pelas travestis, mas, ao que tudo indica, estão retornando como um modo de sobrevivência para algumas *novatas*, especialmente aquelas que ainda transitam em espaços escolares e familiares que, por vezes, são muito ou até mesmo os mais hostis.

Compartilho da ideia de Duque (2009) ao discutir também sobre o mapeamento dos locais da cidade como um importante modo de garantir a segurança de si mesma, feito pelas travestis *iniciantes* que se *montam e desmontam*. Por isso, quando querem ir a alguma festa que não conhecem, se previnem perguntando: *lá pode ir montada?* Como um meio de assegurar que há a chance de usar a *montaria* mantida guardada bem longe dos olhos dos parentes e vizinhos.

O segundo espaço em que tive acesso a esta montagem estratégica foi no plano virtual, pois um dos *blogs* que acompanhei destinados às *novatas* travestis, traz, em um de seus *posts*, informações a respeito de novidades estéticas para quem “ainda não é definitiva”, como sugerem sobre o uso de imitação de próteses mamárias “removíveis”, mas “realísticas”:

CDZINHAS DO BRASIL

CDZinhas do Brasil
O Blog Das Cd's

Próteses mamarias realísticas

Posted on domingo, 21 de dezembro de 2008 by Kamilly

Próteses mamarias realísticas.

Para quem procurava próteses mamarias (breast form's) agora é possível encontrar aqui no Brasil.

 Próteses mamarias realísticas tem a aparência, toque e mobilidade idêntico ao seio natural. São preferidos especialmente depois de uma mastectomia bilateral ou como aumento substancial dos seios. A aparência deste grupo de próteses é impressionantemente realística.

About Me
Kamilly

Sou uma pessoa que participa de tudo relativo ao GLS.

[Visualizar meu perfil completo](#)

Categories
voltando

Fonte: *Czinhas do Brasil: O blog das Cd's.*

deixando ao usuário a liberdade de usar sua(s) prótese(s) com roupas especiais, particularmente aquelas que deixam os ombros e/ou costas descobertos, tal como os vestidos "strapless" ou ainda vestidos que pronunciam o decote.

Próteses Realísticas

Seios como os naturais...! o atributo feminino mais aparente são os seios.

 Lindos seios de silicone, postos em segundos com um soutien com frente aberta. Os seios podem ser removidos facilmente com um exclusivo sistema de "velcro."

O Natural bra consiste de um conjunto de um par de próteses mamarias especialmente realistas em termos de formato, consistência, mobilidade, toque e aparência, e um soutien com frente aberta.

As próteses podem ser removidas do soutien facilmente por um sistema de velcro, cujos elementos estão integrados tanto nas próteses como no soutien.

Fonte: *Czinhas do Brasil: O blog das Cd's.*

O post, além das dicas e informações sobre uma *montagem* que possibilita a *desmontagem*, traz também a maneira como as travestis

podem (re)criar a função da tecnologia, pois a prótese mamária, antes endereçadas às mastectomizadas, passa a fazer parte de suas *montarias*. A esta possibilidade de transgressão aproximo o que Preciado (2004) denomina como um tipo de incorporação desviante às “tecnologias de gênero”. Tecnologias estas entendidas por Lauretis (1994) como uma maquinaria de produção de discursos, que apoiados nas instituições do Estado (escola, família, etc.) produzem as categorias de gênero pelas quais seremos interpelados como homens ou mulheres. Segundo Lauretis (1994) esta interpelação é “o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa, como sua própria representação” (LAURETIS, 1994, p.220). Em outras palavras, trata-se de uma produção de conhecimento de si genericada.

Contudo, em meios a estas tecnologias de gênero, o interesse de Preciado (2007) está nas suas possibilidades de falhas, pois o desvio e a transgressão a elas denunciam que há uma “citação descontextualizada” e um “uso impróprio” das tecnologias de normalização. Com isso se produzem as discontinuidades e os modos de subverter seu uso, os quais Pelúcio (2009, p.90) relaciona à utilização que as travestis fazem da “tecnologia protética e hormonal para transformarem seus corpos de homens em ‘outra coisa’ – pois não se tornam mulheres (nem o pretendem), e tampouco seguem sendo homens”. Para a autora, as travestis denunciam com isto, ainda que sem intencionalidade, possíveis apropriações não planejadas dessas tecnologias. É neste sentido que as tecnologias de gênero falham conforme atesta o uso feito pelas travestis.

Outro tema presente no *post* é a menção feita à naturalidade em forma de “realidade” como um dos capitais corporais. Pois a aparência natural é citada no *blog* como “aparência realística” e parece ter íntima ligação com um tipo de feminino, e, conseqüentemente, com a busca de reconhecimento das *iniciantes* entre as travestis. Na busca desta naturalidade, que as tornará ainda mais legítimas entre as travestis, acredito que está em jogo uma nova padronização corporal entre as *novatas*, por isso atualmente são desqualificadas aquelas que seguem o modelo *traveção*. Este é considerado um modelo de travesti que *bota corpo* seguindo o padrão de valorização dos seios fartos, bunda grande e com silicones distribuídos pelos lábios, seios, quadris e coxas, corpos estes muito reverenciados por clientes na Europa entre a década de 80 e 90 (PELÚCIO, 2009). Atualmente este espaço é destinado às *ninfeinhas* magras, aquelas que ainda não têm marca de barba, nada de grandes volumes, decotes fartos ou aparência voluptuosa.

Assim, ao mesmo tempo em que a naturalidade é uma das grandes virtudes nestes novos processos de composição do “feminino

travesti”, é possível perceber a semelhança cada vez maior entre estes padrões corporais e o antigo apelido *boneca*. Nos *blogs* que tratam de assuntos *para iniciantes*, uma das imagens mais utilizadas é a da boneca *Barbie*, como uma referência feminina de beleza, magreza e delicadeza, embora naturalidade não seja sua maior característica. Seria então uma naturalidade construída e protética?

Penso isto, ao refletir acerca da discussão que Beatriz Preciado (2008) tece sobre a existência de uma plasticidade dos próprios órgãos sexuais e do gênero, até então interpretados como da ordem dos naturais. Ao mencionar o “gênero protético” esta autora entende que o gênero não é apenas discursivo e linguístico, mas, sobretudo, protético, ou seja, puramente construído e ao mesmo tempo internamente orgânico. Ao trazer à cena a ideia de prótese, Preciado (2008) fala de elementos que ultrapassam a mera imitação, criando e reconfigurando, o que pretende complementar (exemplifica a partir do dildo). Desta forma, coloca em questão a coincidência dos limites da carne e do corpo, uma vez que a prótese “não pode ser estabilizada, definida como orgânica ou mecânica ou como corpo ou máquina, vai pertencer por um tempo ao corpo vivo, mas resiste à incorporação definitiva” (PRECIADO, 2008, p.33). Partindo desta noção eu aproximaria os elementos da *montaria* das travestis às próteses de gênero, bem como os estilos e padrões de beleza estabelecidos, atualizados e perseguidos por elas como parte de uma naturalidade que se insere no corpo, extrapolando uma mera imitação do feminino.

Para falar um pouco mais sobre os novos padrões corporais das travestis que estão começando, trago observações que tenho feito acerca das referências buscadas por elas, e estas apontam para mulheres ricas e famosas, e, claro, também magras e belas. Noto que geralmente são citadas mulheres como Paris Hilton, Lady Gaga, Shakira, Rihanna, Beyoncé⁶⁷. Para Tiago Duque (2009) estas novas referências estéticas das novas travestilidades, por serem muito diferentes daquelas que

⁶⁷ Estas duas últimas, Rihanna e Beyoncé embora sejam mulheres negras seguem um padrão de beleza feminina e branca, exibem cabelos lisos ou no máximo longos cachos, ambas possuem traços faciais finos e delicados e suas performances são sensuais. Tenho percebido que especialmente Beyoncé é uma das artistas que tem o corpo mais admirado pelas travestis *novatas*, pois mesmo sendo magra ela se distingue das outras mulheres citadas por ter um corpo mais próximo do considerado “típico brasileiro”. Referência esta que se baseia no culto aos quadris, bunda e seios um pouco maiores, mas nada exageradamente fartos ou muito distantes da “naturalidade da mulher brasileira”.

foram disseminadas pelo mercado do sexo, expressam que um dos efeitos do poder sobre estes corpos está na cautelosa nova modelagem, no intuito de posicioná-las “melhor” nos espaços de governamentalidade. Seriam feminilidades construídas de acordo com os contornos de uma nova imagem, que garantiria a elas respeitabilidade nos espaços formais, tornando-as mais delicadas, menos escandalosas, mais comportadas, menos vulgares. Para Pelúcio (2009, p.112) estas novas construções ainda “subvertem o gênero e, paradoxalmente, também enfatizam o caráter de assujeitamento, por trás do culto contemporâneo a padrões de normalidade, saúde e beleza”.

Se novas formas de travestilidades estão sendo produzidas na mesma corrente em que se produzem os novos padrões estéticos, posso dizer que está sendo produzido, também, um novo feminino, bem como novos modos de se experienciar o “tornar-se travesti” e os critérios que o legitimam. Afinal, se a experiência das travestilidades é seu próprio corpo generificado, suas transformações corporais falam, portanto, da materialização de um gênero (BUTLER, 2010a[1990]).

Esta materialização é possível a partir da reiteração de normas que prescrevem o que é ser feminina e pelas quais performativamente atuam as disciplinas e tecnologias biopolíticas como “máquinas para naturalizar o sexo” (PRECIADO, 2007). São tecnologias legitimadas por discursos nas quais as travestis são alvo, há muito tempo, como demonstra a discussão que travei nesta seção passando pelo saber médico, farmacêutico, da moda e da mídia na busca pelos meios de intervenção cirúrgicos e químicos (hormonais) que visam, sobretudo, adequar os sexos e torná-los inteligíveis a partir de uma matriz heteronormativa (PELÚCIO, 2009).

Porém, mesmo os discursos sendo parte de seus corpos, as travestis ainda assim não se tornam inteligíveis. Mostra disto está nas pistas que tentei traçar, no que envolve os desvios subversivos ao uso das tecnologias do corpo, transgressões ainda hoje requeitadas pelas mais jovens e que seguem atestando as falhas destas tecnologias. Assim como as possibilidades de *montagens* e *desmontagens*, estratégicas fabricadas pelas *iniciantes* como tentativas de (re)criação de si mesma, sobre os corpos e das transformações envolvidas pelo incessante aprendizado, testagem e experiência de novas formas de se tornar travesti. É sabido que são corpos múltiplos, fabricáveis, testáveis e protéticos, que buscam uma naturalidade “realística”, e que ao mesmo tempo em que escapam aos planejamentos, são guiados pelo objetivo de serem reconhecidos entre as travestis, e, quem sabe, torná-las inteligíveis como sujeitos da travestilidade.

“Todo mundo olha, não tem jeito!”

*Assim como no caso dos meninos de rua, o
problema não é o travesti.*

*A questão é quem os mata, espanca e
desdenha.*

*Talvez possamos estabelecer uma linha de
comunicação entre o risinho no canto direito da
boca do intelectual macho (ou do gay
respeitado) com a bala que fere o seio
esquerdo do travesti.*

*O risinho cria na verdade a ambiência que
neutraliza a decisão de apertar o gatilho.*

Hélio Silva - Travesti: a invenção do feminino.

Cena 7: Entramos no shopping e o olhar curioso de quem chegava em um lugar novo fez com que mudássemos de assunto. Ela passava o olho pelas vitrines e juntas apontamos com o dedo as coisas que achávamos bonitas. Sem nos prendermos muito em uma única loja andamos em círculo pelos andares do shopping. Ao passar por um dos estabelecimentos, percebi, através dos vidros da vitrine, que duas vendedoras nos espiaram e se cutucaram após passarmos pela frente. No instante, fiquei em dúvida se estavam olhando para nós, até que andamos mais um pouco e fui percebendo que muitas pessoas nos acompanhavam com o olhar, soltavam risinhos e apontavam em nossa direção. Caminhamos em torno de uma cafeteria muito movimentada e não foi diferente. Experimentei junto com ela a sensação de ser vigiada e a forma como sentimos isso no corpo. Os membros do corpo ficaram mais lentos, pernas e braços adormeciam desafiados por aqueles olhares. Foi quando percebi que ela, que até então conversava sem parar, passou a falar mais baixo e pausadamente. Tive certeza de que estava compartilhando do mesmo desconforto que aqueles estranhos olhos causaram em mim. Paramos de conversar. Ela primeiro, e lentamente depois eu. Não demorou para que ela se manifestasse: “nada muda né, em todo lugar é assim... todo mundo olha!”. Não hesitei em perguntar: “e isso te incomoda?”. Ela me respondeu que no início sim, incomodava muito, mas agora não, “pelo menos aqui em Floripa só olhavam e apontavam” o que já a deixava bem feliz. Considerava muito pior em São Paulo onde as pessoas olhavam,

xingavam e gritavam “viado do caralho, bicha afetada e tudo mais de pior”. Durante muitos dias lembrei aquela situação e ficava feliz em saber que ela havia criado formas de lidar com tal violência. No entanto, inquietava pensar que atos menos expressivos, mas tão cruéis quanto esses tornavam-se “comuns e menos piores”, quando a base para comparação acabava sendo tantas outras agressões letais e cotidianas.

Para dar início a esta discussão pensei em começar por dados estatísticos referentes à criminalidade, e, mais precisamente, pelo hediondo número de travestis assassinadas todos os dias. Por se tratarem de crimes que acontecem na *batalha da pista*, em festas, bares, restaurantes, beira de estradas e dentro de suas próprias casas em todos os estados de nosso país (MOTT; ALMEIDA; CERQUEIRA, 2011), imaginei que trazer o debate a partir destes dados mostraria a dor e a intensidade das marcas produzidas pela violência, a qual as travestis enfrentam e, nem sempre, resistem. No entanto, apresento esta sensação a partir da experiência de meu próprio corpo nesta pesquisa, para falar um pouco sobre a violência e a discriminação. Não ousou dizer com isto que os dados alarmantes de homicídios contra travestis não nos afetam, ou que senti na pele a mesma sensação de medo, estigma e ódio dos quais as travestis frequentemente são alvos. Nem uma coisa, nem outra.

Certamente eu nunca conseguiria expressar a experiência das travestis que sofrem discriminação, nem tampouco tentaria. Mas escolhi falar do que senti como um meio de posicionar meu corpo público e também político durante minha experimentação nesta pesquisa. Como um modo de expressar a sensação de vulnerabilidade, que assalta nosso corpo diante da discriminação. Vem-me aqui a ideia do “exposto” pela qual Judith Butler e Adriana Cavarero (2007[2005]) definem aquilo que é precisamente da condição do humano, ao entenderem que somos uma pluralidade de seres únicos expostos uns aos outros. Uma exposição que, na impossibilidade de excluir, prevê a violência. Tendo em vista que o “estar exposto” denuncia a vulnerabilidade dos corpos à violência, pois implica a compreensão do corpo como uma dimensão pública tal que

El cuerpo implica mortalidad, vulnerabilidad, agencia: la piel y la carne nos exponen a la mirada de los otros pero también al contacto y a la violencia. El cuerpo también puede ser la agencia y lo instrumento de todo esto, o el lugar donde “el hacer” y “el ser hecho” se tornan equívocos.

Aunque luchemos por los derechos sobre nuestros propios cuerpos, los mismos cuerpos por los que luchamos no son nunca del todo nuestros. El cuerpo tiene invariablemente una dimensión pública; constituido como fenómeno social en la esfera pública, mi cuerpo es y no es mío. Desde el principio es dado al mundo de los otros, lleva su impronta [...] (BUTLER, 2006, p.40-41).

Neste sentido, penso a partir de Butler (2006) que o corpo não serve como fundamento ontológico, e, portanto, não antecede ao discurso. Isso não quer dizer que possa ser reduzido ao discurso, mas sim que é este o meio pelo qual temos acesso ao corpo. É apoiado no discurso que os corpos se produzem, se revoltam e também se legitimam.

Segundo Cavarero e Butler (2007[2005]), admitirmos que somos humanos equivale a dizer que somos expostos, e deste modo somos também dependentes, vulneráveis e, carentes de proteção e de um reconhecimento público. Entretanto, há uma situação paradoxal que se apresenta, pois ao consentirmos o valor dessa singularidade exposta, “deveríamos ser capazes de dar conta dos comportamentos ‘humanos’ que procuram negar e destruir precisamente essa condição humana” (CAVARERO; BUTLER, 2007[2005], p.661), ou seja, os abjetos. Estes se referem às ações que procuram destruir as condições ontológicas do humano e, por isso, são consideradas “inumanas”.

Ao me lançar na empreitada política e epistemológica da desontologização pontuo como uma das condições necessárias o entendimento de que os significados do corpo derivam das normas de gênero e sexualidade, normas essas que operam na cultura, na sociedade, na política. As políticas do corpo, por sua vez, são concernentes, em última instância, às normas que fazem/produzem vidas vivíveis. Podemos dizer, portanto, que os corpos são efeitos de uma dinâmica de poder de forma indissociável às suas normas reguladoras e, assim, governados em sua produção pela norma regulatória do sexo (TONELI; AMARAL, 2011).

A fim de garantir o controle da norma, a *performance* repetida entra em questão a partir dos gêneros reencenando uma nova experiência daquilo já significado socialmente, de sorte a estabelecer sua legitimação. Essa ação pública (repetição estilizada de atos) é a forma do gênero manter sua estrutura binária, de criar a aparência de substância, uma ilusão identitária, assim como as noções de sexo essencial e de

masculinidade ou feminilidade (BUTLER, 2010a[1990], p.200-2001). Essa ficção reguladora do gênero é produzida por meio da violência da norma da heterossexualidade compulsória naturalizada que exige a coerência estável e oposicional entre sexo, gênero e desejo (TONELI; AMARAL, 2011).

Sob os fundamentos da existência/exigência de uma coerência é que os corpos tornam-se a maneira pelas quais as pessoas são invadidas e violentadas pelo corpo do outro e pelos discursos. Quando penso a violência como uma forma de invasão do corpo, acolho a situação vivida no *shopping* como uma atuação do olhar vigilante que tenta descobrir onde estaria instalada a coerência nas travestis entre o que “é ou não é?”. Como se fossem olhares duvidosos que esperam algo do incoerente se mostrar, uma voz mais grave, uma barba mal feita ou qualquer marca da “natureza” masculina que escape em discordância aos acinturados corpos femininos-fabricados exibidos pelas travestis.

Em outros momentos em que também transitei com travestis pelas ruas, percebi que, mesmo que eu me distraísse com as conversas, era impossível não ouvir os xingamentos quase sempre relacionados às suas práticas sexuais e a seus corpos. No caso da *iniciante*, o deboche e o risinho no canto da boca também pareciam apontar para seu corpo em processo. O franzir das sobrancelhas das pessoas que nos assistiam caminhar pelo *shopping* parecia marcá-lo com o carimbo do estranho e do pouco nominável. Ainda que a *novata* não exibisse seios siliconados ou curvas arredondadas pelos hormônios, mas apenas um curto cabelo loiro, mini-blusa e calça jeans, esta condição de “quase” travesti a mantinha em uma zona pouco legítima, a tal ponto de não ser reconhecida pelos transeuntes como travesti (e a partir desta experiência ser ofendida). Talvez as *iniciantes* ainda pouco transformadas não tenham relação com a visão sobre as travestis construídas pelo discurso da mídia, da sexologia e da religião que produzem o “discurso popular” que irá reconhecê-las sob os atributos de escandalosas, corpos volumosos, pobres e vulgares. Porém, mesmo que as *novatas* estejam distantes desta figura construída, a falta destes atributos não as protege das discriminações das quais são vítimas.

Quando perguntei como eram os insultos que ela ouvia em São Paulo⁶⁸, a jovem travesti me descreveu os ataques violentos que, por pouco, não sofreu em seu corpo, como no dia em que teve que correr

⁶⁸ As ofensas em São Paulo foram mencionadas pela travesti *iniciante* no trecho extraído do diário de campo, no início desta seção.

pelas ruas com o salto alto na mão, enquanto três homens a ameaçavam com facas. Também falou sobre as ofensas de que ela e as *irmãs* eram vítimas na maior parte das vezes, ao se referirem a elas com o nome de doenças e de animais (como *gazelas*, *aberrações* e *bizarrias*), além das pessoas que passam de carro e tentam arrastá-las pela bolsa ou atiram latas de cerveja contra elas enquanto andam na noite *montadas* pelas ruas.

Segundo as *iniciantes* com quem conversei, quando os insultos são dirigidos a elas a impressão que passa é a de que o desconforto daquele que xinga é ainda maior, pois quando são *novinhas* e pouco transformadas, os agressores não conseguem direcionar sua violência nem ao feminino (travesti) nem ao masculino (gay). Perdidos nestas fronteiras, os agressores modelam outras formas de violência, que, segundo elas, faz com que elas se sintam como uma “coisa” estranha e, por isso, sem nome.

O que está em jogo nestas formas de violência é a atuação do imperativo heterossexual que opera como normalizador ao permitir a existência de certas identificações sexuadas, na mesma medida em que exclui e repudia outras. Este imperativo requer a produção simultânea de seres abjetos, que não são “sujeitos”, mas que constituem a condição de possibilidade de existência dos “sujeitos” considerados como tal. São os abjetos, os invivíveis que circunscrevem a esfera do vivível (BUTLER, 2010a[1990]). Essa “não-existência” acaba por colocar pessoas como as travestis no plano do abjeto, corpos cuja existência parece não importar. De fato, importam, pois os abjetos precisam estar lá, ainda que numa higiênica distância, para demarcar as fronteiras da normalidade, de sorte que

Lo abyecto designa aquí precisamente aquellas zonas “invisibles”, “inhabitables” de la vida social que, sin embargo, están densamente pobladas por quienes no gozan de la jerarquía de los sujetos, pero cuya condición de vivir bajo el signo de lo “invisible” es necesaria para circunscribir la esfera de los sujetos (BUTLER, 2010[1993] p.19-20).

O abjeto por ser aquilo que é expelido do corpo é descartado e, por isso, é tornado literalmente “Outro”. Ao serem expulsos como elementos estranhos estabelecem exatamente o estranho, a construção do “não eu” como abjeto e estabelecem também as fronteiras do corpo que serão os primeiros contornos do sujeito.

A estas relações de abjeção aproximo a experiência das *novatas* travestis e toda problemática das políticas de reconhecimento no que envolve tornar-se um sujeito legítimo das travestilidades as quais venho desenvolvendo neste trabalho. Ao tecer as tramas das histórias e experiências das *iniciantes* percebo que a discriminação feita pelas travestis mais experientes em relação a elas, por vezes, pode ser lida como uma tentativa de tornar a travestilidade, até então abjeta, uma esfera mais vivível. Pois, ao tornar as *novatas* menos legítimas estão posicionando-as no Outro da travestilidade. Com isso, reflito se o jogo de hierarquias para alcançar reconhecimento produzidas pelo discurso da travestilidade não almeja também tornar a travestilidade uma experiência mais humana e “respeitada” no universo *trans*, ainda que para isso seja necessário excluir e desumanizar outras formas de experienciá-la⁶⁹.

O que sugiro é que por meio da complexa escalada rumo ao reconhecimento, as *novatas* travestis, muitas vezes, tornam-se “a abjeção da abjeção”. Ainda que as próprias travestis construam-se nas zonas invisíveis são as *iniciantes* que, por vezes, também ocupam as posições *menos humanas* frente às experiências das outras travestis e *inumanas* não somente à heterossexualidade, mas também às homonormatividades. Mesmo que estejam se construindo sob os similares padrões hegemônicos da travestilidade.

Esclareço que definir o humano mais com referência ao *inumano* do que ao *não-humano*, de acordo com Cavarero e Butler (2007[2005]), não se trata apenas de um jogo de palavras, uma vez que o não-humano diria respeito tradicionalmente aos animais, enquanto que o inumano refere-se a uma negação do humano, que é interna ao próprio humano. Ao compararem a ideia de humano à barbárie de Auschwitz, as autoras refletem que é “como se a natureza humana fosse uma questão que não tem a ver com o lugar da espécie humana na classificação do mundo dos seres vivos, mas sim com o modo como os humanos desvelam para si mesmos o paradoxo da sua humanidade” (BUTLER, 2010[1993], p.650). O inumano, conforme a tese proposta pelas autoras, aparece em primeiro plano e mostra-se em sua terrível potência toda vez que a

⁶⁹ Esta discussão foi contemplada com a leitura do conto “O Vergalho” de Machado de Assis, sensivelmente feita pela Profa. Juliana Perucchi, durante sua arguição como banca examinadora desse trabalho. O escrito foi publicado em 1881 e faz parte do romance: Memórias Póstumas de Brás Cuba. Disponível em <<http://www.spectroeditora.com.br/fonjic/machado/romances/cubas/68.php>>.

vítima da violência é um ser indefeso, desarmado, ou seja, reduzido à sua pura vulnerabilidade.

A esta condição de vulnerabilidade relaciono a situação que experimentamos no *shopping*, porém mantenho o cuidado em não qualificar as travestis que estão começando como pessoas que são alvos de níveis maiores ou menores de violências, quando comparadas às travestis mais experientes. Mas gostaria de destacá-las a partir de minha aproximação com a realidade das travestis *novatas*, pois com elas passei a prestar mais atenção nas possíveis relações e implicações existentes entre o corpo em *transformação*, a pouca idade de algumas, a classe social e a desigualdade de gênero entrelaçadas aos poderes das violências normativas.

Consoante à ideia de Fernando Pocahy e Henrique Nardi (2007), a partir de uma pesquisa de intervenção em direitos humanos e experimentações da sexualidade voltada à população jovem em Porto Alegre, posiciono minha discussão, tendo em vista que em nosso país “as marcas da desigualdade social reforçam àquelas da discriminação ligada à orientação sexual e às performances de gênero” (POCAHY; NARDI, 2007, p.47). Por isso, a emergência de colocarmos em debate a desnaturalização do gênero proposta por Judith Butler (2002) como uma estratégia para conter a violência das verdades que o governam, pautadas na heterossexualidade adulta e procriativa das classes médias como o caráter natural, evidente, normal e produtivo.

Na mesma direção, Gayle Rubin (1998), ao destacar a necessidade de se problematizar estas normas que regulam as práticas e os desejos sexuais, propõe a ideia de hierarquia social das formas sexuais, a qual elege como o bom sexo aquele realizado entre heterossexuais, no âmbito do casamento monogâmico, com fins procriativos e não comerciais, em pares de mesma geração e com o uso restritamente do corpo. O mau sexo, anormal e, portanto, condenável consiste, segundo esse modelo da moral social, naquelas práticas que envolvem sujeitos homossexuais, sozinhos ou em grupos, promiscuidade, fins comerciais, material pornográfico ou sadomasoquismo.

Nesta hierarquia das sexualidades sob as normas regulatórias que as qualifica como abençoadas e saudáveis em oposição às anormais e depravadas, as travestis estão entre estas últimas quando o assunto são suas práticas e desejos sexuais. Neste sentido, ligada às idéias de Pocahy e Nardi (2007) julgo importante também destacar a potência do imperativo heterossexual quando associado ao discurso da pobreza, da

juventude, do machismo, da homofobia e da transfobia como formas de assujeitamento.

Discursos estes que colaboram para situar na posição de abjetas o lugar das jovens travestis *iniciantes*, que são pobres, que *batalham* na *pista* e são consideradas pelo discurso governamental como adolescentes⁷⁰. Que situam as *novatas* que são invisíveis e alvos da homofobia dentro de seus lares (que as sustentam financeiramente), das escolas e das instituições que lhes devem proteção. Entendo por homofobia uma forma de violência às pessoas que não correspondem ao ideal normativo da sexualidade, que também pode ser entendida como a violência normativa do “heterossexismo”, por considerá-las inferiores ou anormais.

No mesmo sentido, as travestis *novinhas* abjetas também são as vítimas do discurso da criminalização da pobreza, da putafobia e da transfobia, pois além de colocarem em questão a legitimidade de sua sexualidade por serem jovens, “podendo ser um desejo passageiro ou uma fase”, também acionam o discurso machista por entender que elas “abriram mão” da superior masculinidade biológica e natural com que nasceram, para se tornarem mulheres fabricadas e inferiores.

Nestas artimanhas do assujeitamento, além da vulnerabilidade social a qual estão expostas, as *novatas* pobres “se construíram no avesso da norma, tanto do ponto de vista da heteronormatividade como da homonormatividade, esta última marcada muito nitidamente pelo acesso aos fetiches das grifes e pelo consumo no lucrativo ‘mercado pink’” (POCAHY; NARDI, 2007, p.58). Estas são normas que manterão por muito tempo as *novatas* com pouco *acué* para se *montar* à margem das travestilidades e muito distantes das *tops*, além de manterem sua posição, ainda mais abjeta, quando comparadas ao *status* dos gays e lésbicas *chics* consumidores do “alto padrão de consumo GLS”. Um modelo fabricado pela mídia comercial que gira em torno dos gastos com beleza, moda, turismo e lazer.

Nesta lógica, uma das questões que pude perceber no *shopping* é que se trata de um território visitado por muitos gays a fim de passear e, principalmente, fazer compras, movidos pelos sedutor “mercado pink” por meio do qual a discriminação é ressignificada pela visão de que “os gays são grandes consumidores”. A partir da norma regulatória, os gays

⁷⁰ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA são considerados adolescentes e sob a tutela do Estado pessoas entre doze e dezoito anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>.

admitidos, além dos consumidores, são aqueles que experimentam sua homossexualidade dentro do tipo comportado, dócil, limpo, branco e intelectualizado, higienizado, e que em nada lembram as *afetadas*, as *gayzinhos* e as *travequinhas* comumente ridicularizadas.

Esta “hierarquização das vidas” (POCAHY; NARDI, 2007) torna as existências mais ou menos humanas, e assim vivíveis, inteligíveis e legitimadas por meio da norma. Articulada com a noção de inteligibilidade, esta violência da norma desloca nossa atenção da idéia de uma violência exercida sobre um sujeito pré-formado para uma violência que se dá “dentro” do processo de formação da subjetividade. Nesse sentido, acolho o pensamento de que ela é uma violência “primária” na medida em que permite duas operações fundamentais: i. a existência daquilo que tipificamos como violência, e que se relaciona com o aparato jurídico, militar, político, cultural e às alterações físicas, e, ii. o “apagamento” destas últimas. Ou seja, é a violência normativa que permite que o sujeito se submeta às violências do dia-a-dia, assim como a invisibilidade destas (TONELI; AMARAL, 2011).

Este apagamento, que invisibiliza a violência tornando comuns e banais as agressões, os insultos, as surras, bem como a expulsão dos lares e das escolas, aparece muito entre as jovens travestis, principalmente, entre aquelas que dependem financeiramente dos familiares ou ainda entre as que não querem perder o vínculo afetivo, na maior parte das vezes, com a mãe e com os irmãos. Uma das *iniciantes* me relatou os frequentes insultos da mãe que a chamava de *doente e vergonha da família*. Outra, mesmo que aparentemente triste, me contou que relevava e pouco se importava com as agressões do pai conforme descrevo no diário de campo:

Cena 8: Ficava nítida a empolgação dela ao me contar sobre seu retorno à cidade natal após começar sua transformação. Ela muito vaidosa e orgulhosa com sua beleza era incansável em me dizer que as pessoas comentavam em sua cidade o quanto estava ficando linda. Segundo ela toda vez que ia lá “deixava a cidade óooo de queixo caído”. Também comentou sobre sua ótima relação com a mãe que a apoiava e compreendia. Era “o filho único” entre as três irmãs e também “o mais novo”. Muito contente contou-me

que sempre foi muito respeitada pela família e orgulhava-se disto como sua grande conquista, pois sabe que muitas travestis sofrem mais com seus familiares do que na rua. Entendi com isso que na rua elas aprendem a virarem-se sozinhas ou umas com as outras, em casa nem sempre, pois é difícil lidar com a mágoa que causa a ofensa vinda de quem se ama. Senti que sua empolgação diminuiu quando falou de sua relação com o pai e das frequentes ofensas que ele não cansa de lhe dirigir. Não deixou de falar do terrível silêncio dele nos momentos em que a viu vestida de mulher e fez que não a conhecia. “Até que teve um dia que ele me arrastou pela rua, pelos cabelos, para eu ir pra casa e me vestir como homem, nunca dei bola... ele nunca ajudou nós em nada, nem pensão pagou para minha mãe... não merece que eu dê satisfação”. Mesmo contando o episódio com tristeza disse que não se abala, pois não depende dele financeiramente. No entanto, com lágrimas nos olhos contou que nas comemorações do dia dos pais sempre presenteou sua mãe e dificilmente revelava às pessoas que tem um pai.

A violência normativa conforme Butler (2010a[1990]) a concebe, envolve sempre as normas de sexo, gênero e sexualidade. Nesse sentido, compartilho com ela a ideia de que o gênero é uma *performance* com consequências punitivas, uma vez que punimos àqueles que “falham” na relação de coerência oposicional imposta pela heteronormatividade. Punição motivada por sua condição desumanizada em função de sua sexualidade ou gênero não-normativo.

Como venho discutindo nesta seção, estes são os seres abjetos, “as imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros e ficam fora do humano, constituem, a rigor, o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece” (BUTLER, 2010a[1990], p. 162). Minha intenção em trazer esta discussão não comunga da ideia de que travestis são vitimizadas e de

que as *iniciantes*, na mesma proporção, são frágeis jovens. Mas, sim que o campo de abjeção, no qual se posicionam as *novatas*, aciona outros pontos centrais em suas experiências, por serem menores de 18 anos e frequentarem a escola ainda sendo dependentes do sustento familiar. Situações estas que, aliadas aos discursos da criminalização da pobreza, do combate aos desvios sexuais e da higienização da sexualidade, tornam seus corpos vulneráveis à invasão do outro pela homofobia e pelo machismo.

Quando acolhi a ideia de abjeção para falar sobre a violência normativa, que incide sobre as travestis, não tive o objetivo de falar apenas de uma minoria discriminada e dos preconceitos em relação às sexualidades, que fogem à coerência programada. Mas, também, do descaso e da banalização da violência dirigidas a estes corpos invisíveis às leis e ao judiciário e, por isso, tornados crimes impunes. Conforme pesquisa de Sérgio Carrara e Adriana Vianna (2006), as travestis, em sua maioria, são vítimas de execução e não são identificadas, pois não estão nos registros civis e são enterradas como indigentes. Por se prostituírem são associadas ao tráfico de drogas, a roubos e à perturbação de ordem pública; importando muito pouco a solução de sua morte e até mesmo o *fato* de sua morte. Frente à situação destes corpos que parecem pouco importar, evoco Butler (2010a[1990]) ao defender que visibilizar a violência normativa é um esforço para “fazer a vida possível” e mostrasse, portanto, como uma empreitada teórico-política.

Por fim, retomo mais uma vez à importância da “não-existência” das travestis e da mesma forma das *novatas*, como figuras não-reconhecidas entre as próprias travestis, uma vez que garantem os contornos do normal, do inteligível e do vivível. São exatamente essas possibilidades outras de configurações das identidades de gênero falhas, descontínuas, subversivas e ilógicas do ponto de vista da matriz cultural heteronormativa que “criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade. E, consequentemente, disseminam nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero” (BUTLER, 2010a[1990], p.39).

“Pista não é pra todas!”

Cena 9: Quando perguntei se já trabalhou em São Paulo ela me contou que nunca teve emprego fixo, pois sempre priorizou estudar. Muitas

vezes foi convidada pelas amigas para ir fazer pista, pois várias delas são novinhas também e se prostituem. Mas achava que assumir a pista não era pra ela, embora não visse problema algum na profissão. Apenas achava que não se adaptaria em transar com quem não tem vontade. Contou que “já matou” a curiosidade e experimentou a batalha na pista “fui montada pra esquina com elas, não demorou 10 minutos e um carro parou, eram três bofes querendo programa”. Me falou do medo que sentiu e que apenas decidiu aceitar com a condição de que as amigas a acompanhassem. Os clientes aceitaram e todas foram juntas. Para ela a experiência “foi muito legal, nunca vi forma mais rápida de se ganhar dinheiro”. Naquela semana conseguiu comprar suas primeiras roupas e maquiagens para “se montar de verdade” que, para esconder da mãe, guardou na casa das amigas. Mesmo impressionada com a facilidade deste mercado lucrativo, o seu temor pareceu maior do que a empolgação. Ela acreditava que dificilmente suportaria fazer um programa estando sozinha com um cliente.

Na primeira visita que fiz às três travestis *iniciantes* que residem juntas, uma pergunta me chamou a atenção: *Nestas tuas andanças por aí tu conheceu travesti que estudou... que tem outras profissões? Que... não se prostitui?*

Por “estas andanças” muitas perguntas as travestis já me fizeram, pois suas curiosidades a respeito de minhas experiências pairavam sobre nossos diálogos, na maioria das vezes, na mesma proporção com que eu me interessava sobre a vida delas. No entanto, esta pergunta foi uma das mais curiosas por alguns motivos interessantes, que lanço para discussão. Primeiramente pelo fato da pergunta sobre uma das experiências na travestilidade (a profissão) ter sido dirigida a mim, ainda que eu me esforçasse em não me posicionar como uma especialista, *expert*, ou seja, como uma profunda conhecedora do universo *trans*. E sim, como alguém curiosa pelas suas experiências pelas quais nutro total respeito e admiração, e ainda como alguém compromissada com suas lutas, disposta em experimentar-me neste universo por meio da pesquisa.

Um segundo ponto é que dificilmente uma travesti experiente faria esta pergunta, ainda mais para mim, pois o contato com outras travestis é uma fonte rica de ensinamentos e de infundáveis histórias que demonstram “bons e maus” exemplos sobre a vida de outras travestis.

Percebi que realmente esta era uma pergunta de quem ainda está conhecendo as possibilidades das travestilidades, de quem está experimentando formas de se posicionar em um universo tão amplo. Enfim, de quem está tateando modos de existir dentro da experiência na

qual deseja ser legitimada um dia. Quem me perguntou sobre a existência de outras possibilidades profissionais das travestis, além da *pista*, estava apenas há quatro meses se *transformando* e descobrindo as artimanhas deste mundo. Talvez, por vergonha de perguntar em frente as outras travestis com mais experiências e por ter se sentido a vontade para conversar comigo, a *novata* não hesitou em aproveitar um dos poucos momentos em que ficamos sozinhas, para me lançar perguntas. Entendi que havia também outros dois interesses presentes na pergunta dela: conversar sobre a escola e a respeito de travestis que não se prostituem e seguem outras profissões. Cada um destes assuntos foi dividido neste trabalho e serão discutidos nas próximas duas seções. Aqui me ateno a falar um pouco mais sobre os sentidos atribuídos à *pista*.

Segundo aprendi com as travestis, a *pista* é um dos espaços mais importantes para a construção de si, visto que é durante a *batalha* que aprendem as malícias da noite, as negociações de território com as *cafetinas* e os jogos de sedução com os clientes. Por ser um dos espaços mais comuns onde a feminilidade das travestis é desejada, a *pista* é um dos terrenos em que as *ninfetas* também buscam reconhecimento entre as mais velhas, sendo que as mais bonitas são valorizadas pelos clientes, bem como as ativas e desinibidas sexualmente, e é assim, portanto, que vão adquirindo o respeito das demais. Na visão das mais velhas estes atributos são facilmente relacionados às jovens travestis, tendo em vista que, por serem *novinhas*, são mais *atrevidas sexualmente* (PELÚCIO, 2009).

Deste modo, à beira da estrada, a praça, a *pista*, a esquina ou a *quadra* são os lugares públicos mais conhecidos em que as travestis se prostituem, sendo estes pontos de encontros não somente do negócio do desejo, mas também de aprendizagem, existência e resistência. Segundo Marcos Benedetti,

É na convivência, nos territórios de prostituição que as travestis incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais) e muitas vezes ganham ou adotam um nome feminino. Este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente (BENEDETTI, 2005, p.70).

Em muitos casos são nestes espaços que *novatas* ainda *gayzinhos* veem, pela primeira vez, outra travesti. Também é nas esquinas que algumas *iniciantes* garantem *acué* para começar a *botar corpo*, sendo estes os locais onde muitas relatam sentir pela primeira vez a sensação de pertencer a algum lugar, um lugar que começa no corpo de outra travesti. O primeiro contato com as *travestis de verdade*, ainda na adolescência, também é descrito por Marcos Benedetti,

Vistos e criados como meninos, as travestis quase sempre têm uma mobilidade maior do que a das meninas. Àqueles meninos é permitido circular mais livremente pela vizinhança e aventurar-se à noite pelas ruas. Muitos, cientes de sua “inadequação” procuram espaços públicos de sociabilidade que respondam as suas angústias. Seja nas cidades de médio porte, ou nas metrópoles, os espaços à margem são facilmente localizáveis, pois são demarcados. É para essas praças, ruas, largos e avenidas que costumam ir furtivamente aqueles curiosos rapazinhos (BENEDETTI, 2005, p.70).

Destas calçadas que ecoam a movimentação frenética do salto alto avisando sobre a presença das travestis, também emergem outros significados. A partir de minha aproximação com a realidade das travestis, que estão começando, aprendi que muito pouco de “vida fácil” tem a prostituição, pois para muitas a rua também se configura como um espaço de medo, vulnerabilidade e violência, principalmente, para as *novinhas* que pouco, ou até mesmo nada, conhecem sobre o espaço e seus códigos.

Muitas *novatas* relatam a negociação que às vezes é necessária fazer com a *cafetina* ou com as *donas da quadra*, para garantirem sua segurança em relação aos transeuntes que as ameaçam, dos *ladrãozinhos* que rondam suas bolsas e para prevenir brigas entre as travestis que são rivais. Por serem *iniciantes*, as jovens travestis relataram que, por vezes, alguma porcentagem também pode ser cobrada a mais pelas “protetoras”, quando precisam defendê-las diante das travestis mais velhas que se incomodam com a presença de *gente nova no mercado*. Por isso, se proteger e ser protegida, bem como estar sempre alerta com os roubos, agressões e em dia com os traficantes de drogas, de acordo com as travestis mais experientes, são algumas das regras que as

iniciantes devem de antemão conhecer, se quiserem uma vida “mais tranqüila” na *pista*.

Entretanto, nem todas as jovens que almejam tornarem-se travestis têm acesso à ardilosa teia de negociações e códigos territoriais, que envolvem estar e permanecer na *pista*. Muitas *novinhas* vindas do interior para a capital ou até mesmo as que se aventuram *batalhar* nas esquinas das pequenas cidades e vilarejos, não imaginam as relações de propriedade, hierarquias e normas que podem existir no disputado metro quadrado das calçadas. Ouvi sobre o pavor que a rua causa, quando desconhecida, e os efeitos causados por esta ingenuidade das travestis que estão iniciando conforme trecho extraído do diário de campo:

Cena 10: *Ela me chamou em um canto da casa como quem desejava conversar longe das outras. Durante a conversa me contou que tudo começou se montando em casa, colocava roupa, maquiagem e salto alto. Como nunca tinha conhecido uma travesti, apenas sabia que estava se construindo como algo que não era uma mulher. Achava que era uma outra coisa, mas não sabia o que era muito bem. Resolveu experimentar a rua, pois um dia passeando sozinha pela pequena cidade viu alguém numa esquina que lhe chamou muita atenção. Quando soube que aquela era uma travesti não pensou duas vezes em acompanhá-la na pista, entendeu que queria ser como ela. Nunca pensou que houvesse qualquer tipo de negociação e muito menos que existissem as “donas” do espaço depois que o sol vai embora e a noite toma conta da disputada calçada. Colocou uma blusinha justa, uma mini-saia, salto alto e foi para a esquina. Contou que o resultado veio rápido “quase me mataram! As mais velhas que já faziam pista lá e eram de outras cidades, os bofes que passavam, as cafetinas donas da quadra... todo mundo! Eu nem imaginava que existia essas coisas, achava que era só ir pra esquina e pronto! Os bofes*

riam de mim porque eu não tinha corpo feminino. Elas me xingavam com gírias que eu nem conhecia, não sabia nem o que era!”.

Quase todas as *novinhas* com as quais conversei, não negaram as dificuldades enfrentadas no início, para se prostituir. Além do conjunto de regras e ensinamentos sobre a *pista* e a comunicação, geralmente feita com os termos do *bajubá*, os quais apenas *as travestis de rua* sabem ensinar, nem todas resistem às relações que se estabelecem na *pista* ou pretendem viver apenas dessa profissão. Percebi isso quando, um mês depois da conversa mencionada acima, retornei à casa das três *novatas* e soube que a travesti que falou de sua ingenuidade e dificuldades enfrentadas para se prostituir, havia abandonado por algumas semanas a *pista*. Suas colegas de casa me disseram que *ela andava depressiva, chorosa, só queria ficar em casa. Não adianta, pista não é pra todas! Nem todas aguentam!*

Mesmo com relações por vezes pouco acolhedoras, que parecem afastar algumas *iniciantes* da *batalha* diária da rua e compartilhando da ideia de Duque (2009) de que o universo do mercado sexual entre as jovens travestis atualmente parece ser menos central, ainda assim creio que seja possível afirmar que a prostituição é provedora de um simbolismo do “ser travesti” ao aliar prazer, dor e inversão de convenções socialmente aceitas. Tenho observado estas novas relações com a rua desde que conversei com a travesti *iniciante*, que não se prostitui, mas que *matou* sua curiosidade experimentando o sexo tarifado⁷¹. Com ela percebi a existência de novas referências profissionais entre as travestis que estão começando, mas também a inegável referência ao mercado do sexo presente no discurso das *novinhas*, mesmo entre aquelas que não se prostituem (DUQUE, 2009).

Nessa constante presença da prostituição como modo de vida e forma de construir-se entre as travestis, Tiago Duque (2009) formula algumas reflexões que o levam a pensar por que, mesmo entre as jovens *iniciantes*, na travestilidade a referência de feminilidades continua sendo a da sexualização ligada à prostituição e não aquelas presentes na família e na escola. Ao elaborar uma resposta provisória para tal fato, o autor leva em consideração que o mercado do sexo continua sendo um dos únicos espaços em que o desvio à norma heterossexual e, principalmente, a transgressão das normas de gênero encontram espaço e

⁷¹ Refere-se ao trecho extraído do diário de campo que intitulei Cena 9.

aceitação. Situações muito diferentes das que são descritas pelas *novinhas* em relação à família e à escola, na maioria das vezes preocupadas em impor a heteronormatividade e, na mesma linha, exigir a coerência entre sexo-gênero-desejo-práticas sexuais.

Os desvios a esta linearidade são duramente perseguidos, o que na visão de Duque (2009) tem colaborado para que a *pista* continue sendo tão atrativa como possibilidade de transgressão das normas. E também continue sendo entendida como um espaço de experimentação de si onde, sempre há quem incentive a sua *transformação* corporal, além de ser o lugar em que se sentem admiradas. Não em vão, o mercado do sexo mesmo com todas suas dificuldades e vulnerabilidades em função dos riscos de sua exposição é “claramente onde a cultura travesti se desenvolveu plenamente com os contornos que hoje conhecemos” (DUQUE, 2009, p.149).

Em relação às *iniciantes* que não querem se prostituir, essa recusa não torna suas vidas mais fáceis, pois não *conseguem acué* para *se montar e botar corpo*. Algumas vão experimentar a travestilidade trancadas em seus quartos que, em alguns casos, é seu único espaço para transgressão às normas de gênero. Porém, manter-se dentro de casa, por vezes, significa fazer das violências normativas praticadas pelos familiares condições corriqueiras e menos visíveis, portanto, apagáveis e “suportáveis”. Mas, não menos doloridas àquelas que escolhem manter-se em seus lares.

Para muitas *novinhas* que não *fazem pista*, a prostituição está relacionada com *transformação* corporal, pois acreditam que não há como se manter no mercado do sexo sem atender às exigências dos clientes, como explica uma das informantes da pesquisa de Don Kulick (2008, p.112): “*homem gosta de ver corpo, peito, entendeu?*” Logo, *botar corpo* acabaria indo de encontro aos planos de seguir outras carreiras profissionais. Para algumas *iniciantes* com quem tive contato, *transformar-se* corporalmente e ao mesmo tempo ir em busca de um futuro profissional fora da *pista* são relações dificilmente bem sucedidas. Por isso, a vontade de estudar, fazer faculdade e ter um “bom” emprego parece ser também um dos motivos que levam algumas jovens a não se prostituir e por isso, elas relataram não ter pressa em fazer uso de hormônios e silicones, ainda que muitas *novatas* utilizem a prostituição como um meio de custear também seus estudos.

Outra relação que as jovens travestis me disseram ser muito complicada é a de *botar corpo* e manter-se em casa. Don Kulick (2008) exemplifica estas dificuldades que envolvem *transformação* corporal e a convivência familiar, ao associar as primeiras *transformações* de jovens

travestis com mais ou menos 12, 13 anos, com a expulsão de casa. Segundo o autor é quando começam a usar shortinhos curtos e blusas amarradas na altura da cintura, deixando crescer os cabelos e unhas, e passam a usar batom e maquiagem longe de casa que algumas abandonam seus lares ou são escorraçadas de casa. Muitas acabam encontrando como abrigo e sustento o trabalho na *pista*.

Enfim, mesmo que as jovens estejam buscando e até mesmo colaborando na ampliação de outros espaços de trabalho para travestis, a *pista* continua sendo o lugar que mais facilmente está associado por muitos discursos, principalmente pelos da mídia, da religião e da saúde, e, inclusive, entre elas mesmas, como demonstrou a pergunta que me foi feita e descrita no início deste texto. Sou ciente de que muito lentamente outros campos profissionais estão aos poucos aceitando travestis e transexuais como funcionárias, conforme demonstram alguns estabelecimentos comerciais, pequenas empresas, prestadoras de serviços terceirizadas, novelas e teatro, além dos salões de beleza e das casas especializadas em shows artísticos, que foram os primeiros ramos aos quais as travestis sempre puderam afiliar-se.

Embora o campo de trabalho esteja se ampliando, tenho notado que continuar associando as travestis à prostituição é também um modo de mantê-las ligadas à marginalização, pois mesmo que já existem discussões que diferenciam as *profissionais do sexo* (visão de profissão como qualquer outra que implica direitos e deveres jurídicos) e a *prostituição* (termo ligado às putas e à promiscuidade carregada de valores morais) ambas as nomenclaturas continuam na prática (PELÚCIO, 2009) se referindo a elas como “problemas” sociais, de saúde e segurança pública. As *travestis de rua*, como são conhecidas, continuam sendo consideradas uma classe economicamente desprivilegiada (DUQUE, 2009). Seus corpos são alvos fáceis das campanhas de saúde, no que tange à prevenção de doenças sexuais, e suas vidas ainda estão diretamente associadas à criminalidade e ao perigo (PELÚCIO, 2009).

Contudo, seja pelo prazer de estar na *pista*, pela rua como um espaço de sobrevivência ou como uma experiência momentânea visando os lucros para *botar corpo*, o que percebo é que as travestis encontram, na prostituição, um lugar de desejo, sociabilidade e de trocas que as auxiliam no conhecimento sobre intervenções e técnicas corporais. Compartilho da ideia de Pelúcio (2009, p.290) de que “toda uma ética e estética são apreendidas na prostituição e com a prostituição, constituindo-se um local/instituição de aprendizado e reconhecimento de si, para si e pelos outros, sejam clientes, outras travestis ou uma *mãe*”.

Apesar disso, *fazer pista* ou recusá-la, em nada parece distinguir as travestis frente à estigmatização, à violência física e simbólica, pois elas permanecem vulneráveis e expostas, independente, das escolhas e de seus modos de vida.

“Quando tiver dinheiro vou ser travesti completa, aí ninguém me segura”

Cena 11: Ela desejava muito ser “comissário” de voo. Já buscava um curso para fazer depois que terminasse o último ano do ensino médio. Queria viajar o mundo em um avião e, por isso, não queria apressar sua transformação, pois achava que seria muito mais fácil tornar-se comissário como homem e não como travesti “aí sim, depois que eu tiver meu dinheiro e meu emprego vou poder virar o que eu quiser, uma travesti toda turbinada, desses mulherões sabe? Aí minha mãe não vai poder falar nada e tenho certeza de que na rua vão me respeitar mais quando eu estiver uma mulher completa”.

Como mencionei na seção anterior, seja por um motivo ou por outro, a travestilidade é sempre associada à *pista* até mesmo entre as próprias travestis que não escolheram o mercado do sexo como sua profissão. Por isso, entre as *novatas* conhecer ou saber de alguma travesti que não se prostitui desperta muito interesse, por mais que algumas relatem gostar de se prostituir e não queiram abandonar a atividade.

Em uma tomada geral, posso dizer que conheci nesta pesquisa poucas travestis *iniciantes* que se prostituem. Embora todas as que residiam na única casa em que visitei *batalhem na pista*, nos outros contatos que mantive (um pessoal e mais de trinta virtuais) durante todo o ano de 2011 e início de 2012, o sustento mencionado pelas jovens travestis distribuíam-se em variadas atividades. Outro dado é de que um número expressivo destas *novatas* residem com a mãe ou, pelo menos, é a mãe o familiar mais citado entre as pessoas com quem moram.

A maioria das *novatas* com menos de 16 anos de quem sou “amiga” virtual no *facebook* frequenta a escola e cursa o ensino médio. Aquelas que já estão com mais de 18 anos trabalham em diferentes funções como cabeleireiras, maquiadoras, como atendente de telemarketing, dançarina de banda de forró, atendente do MacDonal’d’s,

performer em shows de travestis, *hostess*⁷² de boate GLS, vendedora de loja, teleoperadora de empresa de comunicações, *DJ*, entre outras⁷³. Vejo que, mesmo que um número significativo de travestis continue exercendo funções pouco remuneradas quando comparadas ao que algumas travestis dizem receber *fazendo programas* dentro e principalmente fora do Brasil, consigo visualizar um crescente número de locais que estão começando a empregar travestis, especialmente as mais jovens, que estão frequentando ou terminando o ensino médio.

Acredito que diferentes questões políticas e econômicas tem favorecido esta gradativa abertura de vagas de trabalho, como o engajamento da militância de travestis e transexuais em inserir um maior número de pessoas *trans* no mercado de trabalho e o crescente interesse de ONGs em oferecer cursos profissionalizantes, para que as travestis tenham outras formas de sustento além da *pista*. Também é importante mencionar os projetos do Ministério da Saúde, que têm contratado travestis como agentes de saúde e educadoras sociais. E, claro, o aumento de interesse por parte das travestis em atividades remuneradas que não apenas a prostituição.

Essas são algumas condições de possibilidade que tem girado em torno das novas travestilidades e que se mostraram durante minha trajetória de pesquisa com travestis (desde 2008 a 2012) como novas preocupações políticas, econômicas, de saúde, de educação e de direitos humanos em relação a elas, ainda que seus efeitos sejam muito lentos e graduais.

Entretanto, chamo a atenção para dois efeitos que podem estar se produzindo e se alastrando à custa da atenção à vida profissional das pessoas do universo *trans*. Refiro-me a rede normalista e normativa, que pode estar envolvida no discurso da “necessidade de melhores oportunidades às travestis”. Levanto esta questão ao entender a importância e a urgência de que novas oportunidades de trabalho façam parte das pautas de políticas para a população *trans*. No entanto, percebo

⁷² Segundo as travestis a *hostess* é a recepcionista da boate é quem apresenta o evento, a festa ou a “casa” ao cliente que chega ao local.

⁷³ Informações que obtive em conversas instantâneas pelo MSN e por meio das informações contidas na categoria “Trabalha em” no perfil do *facebook* das travestis *iniciantes* que me adicionaram como “amiga” nessa rede social. Nos perfis pesquisados constavam informações de acesso público sobre o nível de escolaridade, local de nascimento e de moradia, data de nascimento, gênero (masculino ou feminino), interesse por homens ou mulheres e interesses musicais, literários, etc.

também como efeito desta preocupação, a produção de um discurso cada vez mais discriminatório em relação ao mercado do sexo. Muitas travestis que não se prostituem ou se posicionam em classes sociais “mais elevadas” costumam discriminar as travestis que *fazem pista*, e por meio do discurso político “precisamos tirá-las desta vida” algumas alas da militância LGBTTT também parecem comungar da mesma ideia.

Assim, saliento a sutileza com que as normas regulatórias se fazem presentes em alguns discursos, os quais posiciona a prostituição, muito mais do que um antigo problema, ligada à marginalidade, mais como uma falha de conduta e de moral a ser rechaçada do que uma profissão que, somada às outras atividades, pode se constituir como um amplo campo de oportunidades e opções às travestis.

O segundo efeito que julgo muito importante salientar, tem relação com a crescente busca das travestis *iniciantes* por profissões que não são ligadas ao mercado do sexo. Motivadas por este interesse observei que muitas jovens estão permanecendo por mais tempo na escola, concluindo o ensino médio e tentando desviar dos altos índices de evasão escolar que ainda recaem sobre a população de travestis.

No entanto, o interesse por outras profissões, muitas vezes, também abre possibilidades para uma visão idealizada e libertadora entre as *iniciantes*, como aquela que aparece no trecho extraído do diário de campo que descrevi no início desta seção⁷⁴. No trecho, a jovem travesti imaginava que estar em um “bom emprego”, o de comissário de voo *como homem*, iria garantir-lhe a independência financeira, permitindo não apenas uma *transformação* corporal, respeito e legitimidade frente às outras travestis e à família, mas também a ideia libertadora de que ficaria livre da violência e da discriminação. No decorrer da conversa menciona, que somente depois que alcançasse a estabilidade financeira *as pessoas na rua vão respeitar mais*, assim poderia andar na rua tranquilamente com seu marido e adotar filhos.

Embora eu tenha trazido a discussão da profissão das travestis sob diferentes ângulos, permito-me afirmar que se por um lado as travestis que se prostituem, ou mesmo as que não estão na *pista* continuam vítimas da violência e da discriminação, por outro, a crescente luta por outras formas de acesso ao trabalho tem trazido às *iniciantes* novos modos de existência e de pensar sobre si. Digo isso ao rememorar a conversa que tive com uma *novata* de 20 anos, que planeja sua aposentadoria da *pista* conforme trecho extraído do diário de campo:

⁷⁴ Cena 11.

Cena 12: *Eu estava quase indo embora da casa delas quando uma das jovens travestis chegou do salão de beleza. Carinhosamente me abraçou e pediu que eu ficasse mais um pouco, pois ainda não tinha conversado comigo naquele tarde. Sentei novamente no sofá e ela me disse que lembrou muito de mim na noite passada enquanto assistia televisão. Por conta da forte chuva que caiu a noite toda, resolveu ficar em casa assistindo o Programa do Jô Soares. Por acaso uma das entrevistas do programa era com um romancista que falava sobre a pesquisa que fez com travestis no Rio de Janeiro. O livro que ele escreveu virou peça de teatro e agora filme, “mona lembrei na hora de ti, ele era que nem tu se ia pra casa das trava e pra pista e na maior dificuldade tinham várias que nem queriam falar com ele, bem como tu nos contou”. Falou também do interesse que teve pelo livro “anotei o nome e tudo, quero comprar”. Perguntei se ela já tinha lido algum livro escrito por travestis. Ao me responder que não, disse que quer começar a ler para se inspirar e escrever o seu próprio livro “planejo para minha aposentadoria escrever um livro sobre minha vida, quero contar tudo que já passei. Já imaginou eu realizando meu sonho de falar sobre meu livro no Programa do Jô?!”. Quando perguntei como e quando planeja sua aposentadoria, ela me explicou que sabe que não vai demorar tanto tempo, “não vai ser quando eu ficar velhinha”. Disse que é ciente de que a pista cansa e o sucesso entre os clientes não dura muito tempo. “Aí quero gastar o dinheiro que venho juntando, dar um carro para minha mãe, viajar e escrever meu livro”.*

Com isso, percebi que estão sendo delineados os contornos de uma nova forma de se pensar a experiência das travestilidades entre as jovens que estão começando. Não faço alusão apenas às atualizadas maneiras de se aprender e investir na *transformação* corporal, como discuti em momento anterior ou o modo pelo qual elas têm ressignificado o espaço da *pista* frente às novas oportunidades de trabalho. Mas penso que destes novos contornos emerge a (re)invenção de novos modos de “ser travesti”, mesmo que intimamente ligados às referências das travestis mais velhas e, por isso, a importância da legitimidade por elas conferida. O que visualizo no planejamento do futuro profissional entre as travestis *iniciantes*, mesmo nos idealizados e concebidos por algumas como uma forma libertadora às violências normativas, é a sinalização de uma expansão dos espaços de (re)existência para aquelas que desejam tornar-se travesti sob novos critérios estéticos e profissionais, bem como a ampliação de novos caminhos para se discutir e experienciar as travestilidades.

“Mal sabem o que passamos no início, acham que nascemos prontas!”

Quando nos convencemos de que um grupo não vale nada, é subumano, estúpido ou imoral, e desumanizamos os seus membros, podemos privá-los de uma educação decente, sem que nossos sentimentos sejam afetados.

Elliot Aronson – O animal social

Cena 13: Enquanto tomávamos café e juntas degustávamos os deliciosos pães e doces trazidos da padaria por uma das iniciantes, elogiávamos a beleza da mesa posta pela outra jovem. Mamy, modo como as três novatas chamavam a dona da casa, brincava comigo “olha só essas minhas filhas foram educadas em colégio suíço!”, referindo-se ao “refinado” comportamento das jovens à mesa. Eu sabia por conversas anteriores que as três jovens não tinham cursado todas as etapas escolares, tampouco essa havia sido uma fase tão glamourosa quanto imaginavam que era estudar em escolas suíças. Sobre esse momento da vida delas, a mais experiente entre as novatas caracterizou como algo que “sempre foi um horror”, pois foi onde teve os piores apelidos e que apenas encontrou alívio quando saiu da escola. A partir desse relato, a outra jovem também relembrou os variados apelidos que recebia, de acordo com cada novo personagem gay que aparecia na novela⁷⁵. Nos contou que a fim de se defender da violência que sofria na escola precisou ficar amiga “do menino mais temido da escola, aquele que batia em todo mundo”. Mas o que a deixava orgulhosa mesmo era ter se tornado presidente do grêmio estudantil. Segundo ela, foi sua

⁷⁵ Citou os nomes de alguns personagens assumidamente gays que os colegas costumavam chamá-la como Abelardo, Sarita, Uálber, Zeca, Rubinho entre outros que participaram de novelas da Rede Globo exibidas a partir do final da década de 90. Atualmente novelas e minisséries globais também apresentam em seu elenco personagens travestis e transexuais como em *O Pai Ó*, *O Brado Retumbante*, *Aquele Beijo*, *Amor em 4 Atos*, *Queridos Amigos* e *Hilda Furacão*, etc.

maior vingança aos colegas homofóbicos, foi quando “tiveram que me engolir!”. Nesta batalha diária que se tornou a escola, a violência dos colegas, e na mesma medida o desrespeito dos professores que insistiam em chamar os pais para queixarem-se da afeminação de seus filhos, a escola tornou-se terreno árido para a aceitação da gradativa transformação dessa jovem. Assim como as outras duas colegas da casa, a novata abandonou a escola antes de concluir o ensino médio.

No início de 2011 o ingresso de uma travesti como caloura do curso de graduação em uma das universidades públicas de Florianópolis/SC foi muito comemorado pela militância de travestis e transexuais, por coletivos LGBTTTs e por núcleos de pesquisa ligados à universidade. Não apenas pela conquista no vestibular, que resultou sua aprovação, mas por ser uma travesti que estava acessando o ensino superior e talvez uma das poucas que se tem notícia na cidade. Infelizmente, o ingresso de travestis na universidade não é um episódio cotidiano, pois o ensino superior não é um problema inicial e pontual que envolve o acesso das travestis à educação, mas sim o efeito de toda uma trajetória de vida escolar marcado por discriminação e violências de toda ordem. Os xingamentos, as ofensas morais, étnico/raciais, agressões físicas e apelidos são naturalizados dentro da escola como uma forma de punição aos desviados das normas, numa forma de dizer a eles e a elas “quem mandou se comportar assim” (BENTO, 2011, p.554). Pois, estas normas responsáveis por manter a linearidade do sexo biológico em consonância com o gênero buscam garantir a formação do que reconhecem como indivíduos normais e saudáveis dentro do contexto escolar.

Segundo a pesquisa “Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar” realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – INEP (2009) em uma amostra nacional de 18,5 mil alunos, pais e mães, diretores, professores e funcionários de escolas, foram revelados que 87,3% dos entrevistados têm preconceito com relação à orientação sexual⁷⁶. Dados como estes ilustram os motivos que levam tão poucas travestis a acessarem e principalmente se manterem nas escolas brasileiras. Desta forma, não é estranho que a baixa escolaridade, na maioria das vezes, associada à pobreza e à discriminação faz com que as

⁷⁶ Os dados da pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – INEP estão disponíveis em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf.

travestilidades sejam experienciadas muito distantes das instituições de ensino e das profissões com cargos mais remunerados.

Como ilustraram as falas que mencionei no trecho que foi extraído do diário de campo, o ciclo de exclusão escolar para as travestis se inicia quando ainda são *gayzinhos* e começam aos poucos a *se montar*. Sua afeminação é alvo de piadas e de ações punitivas por parte dos professores e diretores que as culpam em frente aos seus pais por “comportamentos impróprios” ou “indevidos para um menino”. Na escola são prescritos às famílias como formas de lidar com o “problema” tratamento médico, psicológico (PERES, 2010), psiquiátrico, uma boa conversa com o filho ou, em alguns casos, a expulsão da escola. Assim, pulando de escola em escola ou permanecendo na mesma instituição sob o terror diário da ridicularização, os efeitos são a evasão escolar, ou seja, travestis cansadas de serem violentadas não resistem e são empurradas para “fora” das salas de aulas⁷⁷.

O que procede a esta situação segue a mesma direção da exclusão, sendo que poucas serão as travestis que mais tarde retomarão seus estudos em supletivos e raras irão persistir até o ensino superior. Mesmo às travestis que conseguem resistir ainda resta a difícil concorrência no mercado de trabalho (PERES, 2010) onde por fim o ciclo de exclusão se completa.

É neste sentido que o espaço escolar foi se configurando para algumas travestis como um lugar de terror, sofrimento e, para algumas, a lembrança de uma fase que deve ser apagada. Deste modo, a escola pode ser problematizada como um aparelho ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1983[1970]) que tem exercido a função de disciplinar os corpos e de regulá-los para o mercado de trabalho. Como uma instituição normalizadora tem produzido corpos úteis e dóceis (FOUCAULT, 2005[1975]). Úteis para a produção e exploração capitalistas e dóceis aos modelos existenciais impostos de passividade e submissão (PERES, 2010).

⁷⁷ Elaborei este entendimento ao compartilhar da ideia de Berenice Bento (2011) de que “evasão” no caso de travestis e transexuais é muito limitador diante da condição de insuportabilidade que vivem nas escolas. Pois segundo a autora “há um processo de expulsão, e não de evasão. É importante diferenciar ‘evasão’ de ‘expulsão’, pois, ao apontar com maior precisão as causas que levam crianças a não frequentarem o espaço escolar, se terá como enfrentar com eficácia os dilemas que constituem o cotidiano escolar, entre eles, a intolerância alimentada pela homofobia” (BENTO, 2011, p.555).

Segundo Louro (2007), a escola tenta equilibrar duas funções muito difíceis ao incentivar a sexualidade “normal” e simultaneamente tentar contê-la no intuito de adiá-la para mais tarde, ou seja, para a vida adulta. Por baixo do sagrado véu da sexualidade normal são produzidos os valores da heterossexualidade, minuciosamente protegidos e constantemente repetidos por meio de normas que regulam os gêneros. Para entender o modo como essas reiteraões carregam consigo as artimanhas regulatórias das normas de gênero, faço uso da discussão elaborada por Bento (2011, p.552), de que “se meninos gostam de brincar de boneca ou meninas odeiam brincar de casinha, logo terá um olhar atento para alertar aos pais que seu/sua filho/a tem comportamentos ‘estranhos’. Daí o perigo que a transexualidade e a travestilidade representam para as normas de gênero, à medida que reivindicam o gênero em discordância com o corpo-sexuado”.

São muitos os desafios na educação e as necessidades de que propostas curriculares e políticas pedagógicas sejam discutidas quando se trata de preconceitos e diversidades (LOURO, 2007). Para que a escola deixe de ocupar para a população LGTBTTT um espaço de “heteroterrorismo” entendido por Bento (2011), como um terrorismo contínuo em que cada enunciado incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica como “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”, “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, entre outras que não se cansam em reafirmar posições, papéis e exclusões.

Entretanto, se há uma engenharia de produção de corpos normais na mesma medida, há um processo incessante de produção de anormalidade atestando a precariedade do sistema de gênero e das sexualidades limitadas ao entendimento biológico. Se por um lado a escola fundamenta seus pilares sobre uma genitalização das relações sociais que já produziu muitas zonas abjetas, nas quais se posicionam, inclusive, as travestis, por outro posso afirmar que as novas travestilidades estão aos poucos sendo toleradas em espaços da educação formal (DUQUE, 2009).

Mais uma vez trago a importância das lutas políticas da militância de travestis e transexuais, que têm trazido à frente de suas discussões a necessidade de projetos de combate à violência e à discriminação dentro dos espaços escolares, até então, considerados “intocáveis”. As travestis *iniciantes* com quem fiz contato e que atualmente estão estudando, mencionaram a importância que tem os projetos, palestras e oficinas dentro das escolas que discutem com os colegas e professores temas como homofobia, machismo e sexismo, pois além de esclarecer dúvidas,

são ações que lançam o assunto para discussão em sala de aula com mais respeito e seriedade.

Algumas *novatas* relataram que em suas escolas são chamadas pelo nome social, dependendo da compreensão do professor, elas mantêm grupos de amigos e não se sentem discriminadas pelos colegas de turma. Porém, este espaço acolhedor não se estende para a escola inteira (DUQUE, 2009), pois o pátio e os banheiros continuam sendo territórios minados para quem está começando a *se montar*.

Esta relação dinâmica, que envolve a aceitação-desprezo no mesmo espaço, reflete um pouco dos jogos de cintura das jovens e *iniciantes* travestis e a importância mais uma vez atribuída ao mapeamento dos locais em que são bem vindas. A necessidade dessa astúcia me faz lembrar a fala de duas jovens travestis, ao refletirem sobre o público que escolhi para minha pesquisa, “*nossa, vida de iniciante é dureza mesmo... é mesmo amapô, ninguém fala sobre isso né?! acham que as travestis já nascem prontas e sabendo tudo que tem que saber, mal sabem o que passamos nesse início!*”

Mas não é só astúcia que garante às travestis sentirem-se seguras, pois ainda que entre as jovens travestis das quais me aproximei, quase todas estejam concluindo o ensino médio e se preparando para diferentes futuros profissionais, o medo da não-aceitação também se fez presente nos discursos de *novatas* que não conseguiram se manter na escola conforme relatei no diário de campo:

Cena 14: *Não foi difícil perceber o entusiasmo dela quando confirmei que conhecia travestis que são professoras, que estão na faculdade, em cursos técnicos, terminando o ensino médio em escolas ou em supletivos. Frente a isso, perguntei se ela não sentia vontade de voltar à escola. Surpresa com minha pergunta ela me respondeu muito desconcertada que não gostaria. Quando insisti em perguntar os motivos que a levavam a não retornar desabafou “não tenho coragem de voltar e enfrentar tudo de novo, gozação, gente apontando... faz muito tempo que saí, não dou conta!”. A mamãe entrou na saleta em que sozinhas estávamos conversando e ouvindo o final da frase lhe*

disse “já disse bicha, vamos lá na escola, eu te matriculo!” Diante de um profundo medo ela balançou a cabeça dizendo que não. Ali, naquele momento tive a sensação de que seu temor afirmava que não conseguiria mais uma vez ser a única travesti em um local, como já foi em sua cidade, muito menos sofrer novamente com a angústia diante do território desconhecido e com a violência que já conheceu.

Há pouco tempo atrás dificilmente uma travesti mais velha encorajaria uma jovem a retornar à escola ou imaginaria a travestilidade em outros espaços que não apenas o da *pista* (KULICK, 2008). Porém, não apenas as jovens *iniciantes* têm se beneficiado das pequenas frestas que estão se abrindo para as travestis continuarem e até mesmo retomarem seus estudos. Mostra disso, são projetos como o “TransPondo Barreiras”, “Educação sem Homofobia” e “Travesti e Respeito” dentre outros que se desenvolvem por muitos estados do Brasil, e que se preocupam em discutir e oportunizar à população *trans* o acesso à cursos supletivos entre outras questões. A *mamy* foi uma delas, retornou à sala de aula depois de mais de 20 anos e, por isso, o incentivo às jovens que residem com ela.

Retomando o título do capítulo “*Essa Boneca tem Manual: seguindo os passos para tornar-se travesti*” do qual esta e seções anteriores fizeram parte, alinhavo até aqui as pistas que tracejei para descrever um pouco das técnicas, regras, aprendizagens e formas de experimentar as travestilidades que conheci junto às travestis *iniciantes*. Passei pelas hierarquias das nomeações, pelas políticas de legitimação dos corpos, pelas zonas de abjeção e pela ressignificação da *pista*. Também discuti a ampliação das oportunidades de trabalho e, por último, o lento retorno e a recente permanência das travestis nos espaços de educação formal.

Todos estes caminhos me levam a crer que o interesse das *novinhas* em serem reconhecidas como *travestis completas*, *tops*, *travestis de verdade* ou simplesmente *travestis*, bem como a descoberta de novas formas de (re)invenção e construção de si mesmas, têm produzido entre as *novatas* a expansão dos modos de “tornar-se travesti” e de ocupar espaços de direito como trabalho e educação. Estão se produzindo novas estilísticas de resistência por entre as *transessências*, denunciando as falhas das normas regulatórias de gênero, que buscam

adestrá-las em conformidade com suas genitálias tão plásticas e fabricáveis quanto seu feminino.

4 “E dizer que saíram de dentro de mim!” aprendendo a ser travesti pelas redes de proteção das mammy’s



Quero uma mãe Travesti

Descrição:
COMUNIDADE VOLTADA AO PUBLICO GLS, TRANSEX,
TRAVESTIS, DRAG´S, LESBICAS E SIMPATIZANTES

Precisamos de uma mamãe TRAVESTI que nos adote e ajude a realizar nosso sonho. Que mostre o caminho das pedras, que queira nos fazer lindas e gostosas, e que faça de nós lindas meninas.

Queremos bombar o bumbum, colocar próteses de silicone, fazer laser no rosto, plástica no nariz e tudo mais que for necessário para nos transformarmos em uma bela menina.

Queremos uma mãe que nos proteja, nos ensine e nos ajude a trabalhar em paz na esquina pra ganhar o nosso sustento, afinal queremos roupas, perfumes e luxo.

Queremos ir pra Europa, turbinadíssima e ganhar muito dinheiro pra gente e pra nossa mãe, afinal, ela merece.

Bjux Oliver Stone

Fonte: Facebook. Disponível em:

<<http://www.Facebook.com/group.php?gid=97827375984>>.

“Só se a filha fica devendo. Ai querida, a mãe vira madrasta rapidinho. É Babado!”, foi o que disse a travesti Gladys Adriane sobre a relação entre as jovens e as mães à Larissa Pelúcio (2009, p.211) durante sua pesquisa com travestis em São Paulo. Cito esta fala por considerá-la uma das que melhor ilustram a tênue relação construída entre *iniciantes* e as mais experientes durante o processo de tornar-se travesti. Principalmente, por entendê-la como vital às travestis que estão começando, uma vez que envolve a aprendizagem de técnicas corporais, negociações na *pista*, apreensão dos códigos do grupo e seu reconhecimento dentro dos territórios, assim como a garantia de legitimidade, abrigo e segurança.

Salientei como tênue a relação estabelecida entre as *novatas* e as experientes travestis pela sutil fronteira que separa a acolhedora *mãe* desejada e descrita no *facebook* pelas *iniciantes*, conforme illustrei

acima, daquela *mãe* que é a responsável pelas cobranças simbólicas e financeiras. Por isso, comparada à visão popular construída sobre as madrastras.

Afinal quem são as *mães* na experiência das travestis que estão começando e que significados elas mobilizam em suas relações com essas *novatas*? Por meio de leituras e conversas com travestis de diferentes idades pude entender que todas as *mães* são travestis mais experientes. Porém, não são todas as experientes que são *mães* e muito menos são sempre bem mais velhas do que as *iniciantes*. Algumas *mães* são *cafetinas*, *bombadeiras*, *donas-da-rua* e da pensão, mas não necessariamente, pois ela pode ser apenas uma amiga que oferece abrigo, indica a melhor *bombadeira*, o nome e a quantidade de hormônios para alcançar a feminilidade desejada sem que seja paga por isso.

Acredito que, por não se tratar de uma denominação limitada, mas sim usada entre as travestis em diferentes locais, a forma de se referirem umas as outras também pode variar de acordo com cada território, pelas gírias do grupo e pelas relações estabelecidas entre as travestis. Algumas podem se chamar como *mães* e *filhas* (BENEDETTI, 2005), outras como *madrinhas* e *afilhadas* (PELÚCIO, 2009), além de se permitirem à criação de apelidos como *mamys e suas filhas*, os quais utilizavam as travestis que conheci durante minha pesquisa.

Caracterizo a *mamy* que conheci como uma *cafetina*, dona de duas casas, em ambas alugava os quartos a travestis, sendo que em uma dessas casas também era sua residência. Com idade acima de 50 anos, ela participava das atividades de uma Ong LGBTTTT na cidade e atuava em projetos governamentais como agente de saúde e educadora social. As casas que alugava eram, na realidade, três quitinetes⁷⁸ situadas em dois bairros diferentes de Florianópolis. No bairro em que ela me convidou para visitá-la, ficavam duas das quitinetes, que estavam localizadas em um terreno estreito e comprido, dividindo espaço com outras seis; todas de propriedade da *mamy* e seus familiares. Eram pequenas casas de madeira construídas de diferentes maneiras, algumas com duas peças e banheiro, como a que residiam *mamy* e a travesti mais *novinha*, e outras formadas por uma peça e banheiro no qual dormiam

⁷⁸ As quitinetes são moradias muito conhecidas em Florianópolis por serem pequenas peças construídas em prédios, em terrenos e também nos fundos das moradias familiares. Sua estrutura varia muito, mas geralmente constitui-se de uma grande peça dividida entre banheiro, cozinha e quarto, ou ainda, uma peça chamada de cozinha/sala com uma divisória que separa apenas o banheiro.

duas jovens travestis do RS. De todo o terreno, apenas essas duas quitinetes eram destinadas às travestis *iniciantes* que, ainda sem experiência na *pista*, vinham de outras cidades *batalhar* naquelas proximidades. Elas eram indicadas por travestis e cafetinas *colegas* da *mamy* em outras cidades e estados.

Com a presença constante da *mamy* em nossas conversas, as três jovens travestis me explicaram que o acerto entre elas consistia em taxas a serem pagas semanalmente. Sendo que a comida, a limpeza da casa e das roupas eram por conta das inquilinas. Não lhes era permitido *fazer programa* dentro das casas nem sair sem avisar a *mamy* onde iriam. Ainda que as funções da *mamy* não tenham sido criteriosamente listadas pelas *iniciantes* durante os dias em que estive com elas, algumas questões eram perceptíveis; como a exigência de uma sistemática alimentação ao redor da mesa com todas juntas. Pelo menos uma vez ao dia todas deveriam “*comer comida de sal e não ficar de lanchinhos antes de ir para a pista*”, dizia *mamy* a suas *filhas*. Acompanhei, pelo menos, umas três refeições durante as tardes de sexta-feira que compartilhei com elas. Notei que não importava o que cada uma estivesse fazendo, todas tinham que sentar à mesa e comer alguma coisa, inclusive eu.

O que, em um primeiro momento, parecia apenas um cuidado de alguém mais velho com a alimentação das mais jovens, revelava-se também um interesse financeiro. Compreendi essa relação quando uma delas me explicou que a grande quantidade de hormônios ingerida deixava o organismo muito fraco. Contou-me que há poucos dias a mais *novinha* entre elas desmaiou por ter ingerido hormônios via oral e injetável, e por não ter se alimentado direito. Com isso, percebi a diferença de entendimento que havia a respeito das funções da *mamy* entre as *iniciantes*, pois as jovens oriundas do Rio Grande do Sul, que já haviam *batalhado* em outras cidades e com outras cafetinas, tinham consciência de que esta atenção da *mamy*, além de cuidado, também tinha relação com a produtividade esperada delas. Visão diferente da mais jovem que, por ser a primeira vez que estabelecia relação com uma *mãe*, parecia não ter se dado conta da ambivalência que se constrói entre carinhos e lucros.

Mesmo com diferentes entendimentos e experiências, todas me fizeram reclamações em tom de brincadeira a respeito da *mamy* (na frente dela) a partir de uma referência cultural materna, que associa cuidado excessivo em relação à alimentação, doenças e drogas como preocupações de mãe que, comumente, são naturalizadas como *coisas de mãe!*

Na visão de Benedetti (2005), a relação entre *novatas* e as travestis mais velhas eleitas como *mães* posiciona-se em uma lógica maternal acionada para expressar as “linhagens” de lealdade, de proteção e de iniciação. Tal arranjo se configura como um modelo político de lideranças entre as travestis, ligado a modelos de *maternidade*. Valor que reatualiza a feminilidade no grupo (BENEDETTI, 2004; PELÚCIO, 2005) e transpõe para a gramática social das organizações familiares os mecanismos de cuidado, amparo, provisão, proteção e mediação segundo Fernanda Cardozo (2009).

Outra função importante exercida pela *mamy* era a indicação e o acesso aos hormônios e cuidados com a saúde. Se esta já era uma das colaborações dadas pelas *mães* no que diz respeito ao ensinamento e à manutenção da *transformação* corporal das travestis *iniciantes* (PELÚCIO, 2009), bem como as dicas que algumas já se preocupavam em dar sobre doenças sexuais, no caso dessa *mamy*, esta atenção era dobrada. Pois, como agente de saúde responsável pela distribuição de preservativos e lubrificantes e pelo controle da vacinação das travestis e seus clientes em alguns bairros de Florianópolis, seus conhecimentos sobre o acesso a diferentes tipos de hormônios (orais, injetáveis e em adesivos) eram ampliados. Desse modo, todas *suas filhas* eram periodicamente vacinadas de acordo com as campanhas de vacinação e ao mínimo sintoma de doença eram levadas pela *mamy* aos médicos nos quais ela confiava.

Entre esses cuidados com a saúde está também a cautela em decidir ir à *pista* em noites chuvosas e frias encima de um salto e com pouca roupa. Sob essas condições a *mamy* avalia, “de maneira quase maternal, o comportamento das despreocupadas *novinhas*. Ela sabe do deslumbramento com os primeiros tempos de prostituição que, com os sucessos iniciais no processo de feminilização, são realidades imperativas para as travestis” (PELÚCIO, 2009, p.150).

Percebi claramente algumas diferenças entre as casas e pensões de travestis que já visitei, quando comparadas à casa da *mamy*. Embora em todas elas eu sempre tenha sido muito bem recebida, a sensação de aconchego era facilmente transmitida pelo “clima” da casa de *mamy* e suas filhas. Era constante a troca de carinhos entre elas e, em muitas vezes, eu presenciei, pois costumavam deitar juntas, uma arrumar o cabelo da outra, prestar favores domésticos entre elas e também trocar presentes. Em função da divisão de alimentos pela qual uma comprava e todas as outras dividiam o valor pago, havia um constante diálogo na mesa. Falavam sobre os vizinhos, trocavam informações sobre os clientes, faziam desabafos sobre seus problemas, contavam histórias da

infância, mostravam fotos da família e se divertiam narrando as ocasiões inesperadas que aconteciam na *pista*.

Sendo a casa da cafetina um espaço cheio de regras e obrigações, compartilho com a ideia de Pelúcio (2009) de que também é onde se aprende a ser travesti e se vive a *transformação*. Nessa convivência há uma reiteração do cuidar-se, pois é ali que *gayzinhos* podem se *transformar* em travestis. Ainda, segundo a autora, é o espaço onde “se pode experimentar o destensionamento do feminino: *estar de neca desaquendada*, com o *chuchu* por fazer⁷⁹, *jogada* vendo televisão, entre um fazer e outro enquanto a noite não vem” (PELÚCIO, 2009, p.203).

Assim, além dos laços afetivos visivelmente construídos entre as travestis, a casa da *mamy* também se diferenciava das moradias que conheci por manter aspectos “familiarmente tradicionais”. Quero dizer com isso que algumas regras morais de convivência e sociabilidade eram impostas de maneiras muito parecidas com algumas consideradas “tradicionais” às casas paternas e maternas das travestis, conforme elas mesmas me relataram. Acredito que alguns motivos facilitavam essa proximidade, começando pelo fato do terreno das quitinetes ser dividido com outras famílias – havia uma intensa correria de crianças e idosos transitando –, *mamy* nasceu no bairro, por isso mantinha uma convivência e uma respeitosa amizade com a vizinhança e, principalmente, por ter sido imposta por ela a regra de que “*ninguém dorme o dia todo*”.

Muito diferente das casas e pensões que se colocam em oposição à casa paterna, conforme apareceu na pesquisa de Marcos Benedetti (2005) em Porto Alegre, Larissa Pelúcio (2009) em São Paulo e em minha monografia com travestis no interior do RS em 2009, nas quais o dia era destinado ao descanso, enquanto a vida era retomada apenas à noite para a produção do feminino seguindo uma nova madrugada de trabalho, na casa da *mamy* a rotina era outra. Para ela que se prostitui há mais de 20 anos e já ficou muito tempo afastada da família vivendo “*só da noite, da cafetinagem e das drogas*”, era muito importante a preservação do convívio com seus familiares e vizinhos – que a viram crescer – e valorizava também a proximidade com “*as pessoas comuns do dia-a-dia, não só com travestis*”. A partir disso, observei que a movimentação dos outros inquilinos era intensa pelo pátio, vizinhos que

⁷⁹ Segundo o *Bajubá*: *neca desaquendada* remete a estar com o pênis “solto”, sem estar escondido. A gíria *chuchu* associa-se aos fios de barba ou bigode quando estão aparentes no rosto.

passavam e pediam cigarro, criança entrando na sua casa de motinho e amiga pedindo dinheiro emprestado, eram corriqueiros. Automaticamente, percebi que as jovens travestis participavam do mesmo convívio familiar, lavavam roupas junto com as outras mulheres inquilinas da *mamy*, buscavam pães para as vovós que não podiam ir até a padaria e baixavam músicas no celular junto com as meninas adolescentes da vizinhança. Segundo a *mamy*, “*essas meninas não têm muita mordomia aqui em casa, não tem essa de chegar de manhã cedo e querer dormir o dia todo. Meio-dia essas crianças já começam a gritaria e eu jamais vou me privar disso, elas que cheguem cedo em casa, essa gritaria no pátio é vida... é família... é coisa boa*”.

Ao compartilhar alguns momentos desse vínculo entre jovens *iniciantes*, a *mãe* e as pessoas que participavam do mesmo convívio, me filio à ideia de Butler (2003) quando tece uma discussão acerca das relações entre pessoas e o estatuto do casamento. Para a autora é necessário revisar a organização social da amizade, dos contatos sexuais e da comunidade, para produzir formas de apoio e aliança não mais centradas no Estado. Com essa ideia, sou seduzida a pensar que por mais que seja uma relação também financeira, os vínculos estabelecidos, não apenas entre as travestis e *mamys*, mas também com aquelas que elas chamam de *amigas*, *irmãs* e *manas*, são formas de ressignificar os laços e a organização familiar que não são consideradas pela legitimação jurídica.

Baseada nessa tese Butler (2003) salienta a existência e o fortalecimento de laços de parentesco⁸⁰ que vinculem as pessoas umas as outras, independentes, de relações sexuais, sejam elas estabelecidas entre amigos ou membros da comunidade como laços comunitários. Aproximo essa concepção às *mães* que abrigam as *filhas iniciantes* e às *irmãs* que compartilham juntas experiências da travestilidade dentro de suas casas⁸¹. Nesse sentido, essas são

⁸⁰ Parentesco entendido como conjunto de laços de afeto e/ou comunitários que extrapolam a noção de família nos moldes como tradicionalmente tem sido definida pelos saberes jurídicos e das ciências sociais e humanas.

⁸¹ A jovem travesti paulista com quem durante meses conversei e acompanhei a transformação me “apresentou” virtualmente suas três *irmãs*. São jovens que se *montam* juntas e aprendem formas de experienciar as travestilidades dentro de casa tentando cuidadosamente esconder as *montarias* das vistas dos familiares. No ambiente virtual, todas adotaram nomes femininos que terminam com o mesmo sobrenome como é feito entre *irmãs* nas família “tradicional”.

relações de parentesco que atingem fronteiras que põem em questão a distinção entre parentesco e comunidade, ou que clamam por uma concepção diferente de amizade. Isso se constitui numa "ruptura" do parentesco tradicional, que não somente desloca o lugar central das relações biológicas e sexuais de sua definição, mas confere à sexualidade um domínio separado daquele do parentesco, permitindo também que um laço durável seja pensado fora da moldura conjugal e abrindo o parentesco a um conjunto de laços comunitários, que são irredutíveis à família (BUTLER, 2003, p.255-256).

Mesmo que pareça paradoxal, a valorização desses laços com as travestis e com sua família, por parte da *mamy*, não escondia sua preocupação em manter “a moralidade e os bons costumes” frente à vizinhança. Às suas *filhas novatas*, era expressamente proibido sair pela rua com roupas curtas, transparentes e decotes insinuosos, sem falar nas fantasias eróticas que deveriam ser exibidas apenas na *pista*. Ouvi a desaprovação dessas atitudes inúmeras vezes desde que cheguei pela primeira vez à residência delas, pois uma das *novatas* havia desafiado a *mamy* na noite anterior chegando às 14h em casa apenas com uma fantasia de diabinho. Muito irritada com a atitude da *filha* a *mamy* repetia “*acredita que essa bicha me apareceu de peruca pro lado com esses chifrinhos e só de calcinha? Quase morri de vergonha da vizinhança!*”. As advertências de *mamy* continuavam a ser feitas toda vez que elas insistiam em trocar de roupa com a porta ou janelas abertas.

Partindo do pressuposto de que o olhar atento da cafetina está em todo lugar, concordo com Pelúcio (2009, p.208) de que seu “papel organizador é ramificado na rede das travestilidades. Atua na rua, na casa e nos corpos. É tanto aquela que explora e até maltrata, quanto a que cuida”. Nesse sentido, situações que parecem paradoxais em relação às jovens, pautam seus motivos também em relações de lucro e convivência com a vizinhança.

Digo isso por que ao que tudo indicava as preocupações da *mamy* em manter “respeito” junto à vizinhança se agrava, primeiramente, por que uma vizinha reclamou a ela que seu marido corria para o muro de casa para assistir uma das *iniciantes* toda vez que ela passava com um vestido curto. Na concepção da *mamy* os seus vizinhos “*não têm que ficar vendo essas coisas!*”. O segundo motivo está ligado ao temor que a *mamy* tinha em ser presa novamente por cafetinagem. Pois, na primeira

vez em que isso aconteceu, ela só foi liberada por que não havia denúncia por parte dos vizinhos. Até mesmo o termo *cafetina* é evitado dentro da casa dela.

A relação de favorecimentos entre *mamy* e os *vizinhos* é curiosa. Com as mulheres o acerto é de que as *ninfetas* não “mexeriam” com seus maridos, com os homens, dependendo do favor prestado, há sempre a possibilidade de “dar uma voltinha”. As trocas se estendiam também aos parentes da *mamy*, pois à medida que fui me aproximando do convívio doméstico, fui aos poucos percebendo a construção de uma engenhosa rede de serviços em torno das jovens inquilinas da *mamy*. Seu irmão e sua cunhada levavam roupas íntimas e as fantasias eróticas para vender, a prima vendia calças de todo tipo, a mãe e o pai arrendavam o terreno e o tio *cobrava corridas* para levá-las de carro até a *pista* em dia de chuva. Com isso, saliento as “redes de serviços e cooperações”, citadas por Hélio Silva (2007), como arranjos geralmente invisíveis, mas que também fazem parte da produção diária das travestis, como médicos, costureiros, farmacêuticos, depiladores, maquiadores, manicures, pedicures, cirurgiões, donos de bares, de hotéis, motéis, boates e motoristas de táxi. Ou seja, o público que “as consome” não só sexualmente.

Voltando às regras da casa da *mamy* outro ponto me chamou atenção quando uma das *filhas*, percebendo que a colega de casa estava indo à padaria, pediu que ela mandasse um beijo para um dos moto-táxis com quem saiu algumas vezes. A repreensão por parte da *mamy* foi rápida: “*travesti apaixonada é travesti burra, não vai pra frente! Ficam bobas, não trabalham e só querem saber de fumar maconha, engordar e pensar no bofe! São muito novinhas tem que aproveitar para ganhar dinheiro e fazer a vida, pensar no futuro!*”

Durante nossos diálogos as três jovens me confirmaram que essa posição da *mamy* se faz na prática, realmente ela não aceita que as *novatas* travestis tenham namorado, e dão exemplos da maneira que ela encontrou para “*correr com os bofes*”. Uma das jovens narrou o dia em que “*uma delas estava se engraçando com um dos motoboys e a mammy foi lá... e disse pro guri que se ele queria estar com ela, ele que namorasse sério, apresentasse família, andasse de mão dada e beijasse no centro de Floripa! Ah, não dá outra até hoje os bofes fogem tudo da gente quando vêem a mammy!*”. Embora parecessem temerosas com as atitudes da *mamys* frente aos *bofes* notei que elas se sentiam protegidas, por saberem que há alguém que as defende. Disseram não se sentir ofendidas pela intromissão dela por que acreditam que “*é difícil um dia*

eles assumirem um relacionamento com a gente, eles só querem saber da gente assim... na sacanagem, sabe?!"

Assim, os laços de *mamy* e sua poderosa rede de proteção são intensos, nos quais o controle sobre os corpos das *iniciantes* fazia com que elas não necessitassem sequer sair de casa para comprar roupas ou cuidar de sua saúde. Da mesma forma, também eram as experiências pela busca da travestilidade dentro do espaço doméstico. Pode-se dizer que se tratavam de relações extremamente múltiplas e, desse modo, interessantes para se discutir os laços de amizade e a (re)invenção das novas travestilidades a partir de uma vivência em grupo.

Ainda que existissem regras, proibições e deveres dentro e fora da casa da *mamy*, sigo a proposta de Butler (2010[1993]) de que sempre se produzem espaços em que é possível uma certa ordem de existência social, mesmo que distante da reafirmação de seus desvios e inadequações. Ambientes em que há possibilidades das travestis serem transferidas de uma região exterior de seres indiferentes, questionáveis ou impossíveis ao terreno discursivo do sujeito.

Nesse sentido, na casa da *mamy*, se produzem muitas frestas, onde é possível transgredir não apenas as normas ditadas sob o império da *mamy*, mas também explorar brechas para que os curiosos e interessados vizinhos casados possam aproximar-se das *ninfetas*. Nessas fendas, a aparente “normalidade” de suas vivências em um “ambiente familiar” arquitetado pela *mamy* é frágil, as *escapadinhas* com vizinhos denunciam as “boas moças” elogiadas pela *mamy*: “*e dizer que saíram de dentro de mim!*”. A própria fabricação diária e ainda inicial de seus corpos aliada ao ambiente de “relaxamento” dos exercícios constantes, que envolvem técnicas sobre si, propiciado pela casa, interagem transgredindo as normas regulatórias, como relembro no trecho do diário de campo:

Cena 15: *Sentei na poltrona e ela me perguntou que música eu gostava, respondi que não tenho nenhuma preferência específica, no desejo mais explícito de conhecer as músicas que ela me apresentaria. Ela aumenta o volume do notebook ao máximo e canta junto “Nossa, delícia assim você me mata, ai se eu te pego!*

Ai se eu te pego!⁸²”. Foram suspiros e gritos de todos os lados. Uma das jovens gritou “ai mana, não coloca isso que eu choro!”. Mamy mesmo aborrecida com o alto volume que, segundo ela, poderia incomodar os vizinhos, foi envolvida pelo ritmo animado da música “ai a gente tinha que ir ao bailão de novo, só pra dançar com os bofes!⁸³”, comentou ela. A jovem mais animada de todas não se envolveu com nenhum dos assuntos, e como se tivesse um parceiro de dança imaginário, rodopiava pela pequena sala/cozinha. Com um shortinho apertado exibia a barriga por baixo da blusa curta, mas o que chamava inevitavelmente minha atenção e de quem passava próximo à janela delas era o “pau” da jovem que estava saindo do zíper. Sem calcinha e muitos menos cueca, a desinibida novata travesti não se importava, sentia seu pau balançando para um lado e para outro com os olhos fechados. Ao ver mamy passar por perto, a puxou pelo braço como um “convite” à dança. Por um instante as duas não se entenderam, o binarismo feminino-masculino intrínseco às danças de salão parecia limitar por alguns segundos o baile das duas. Mamy reclamava tirando a mão da cintura da jovem: “ai eu não quero ser o hôme, viado!” A companheira de dança resmungava: “mas eu danço melhor como mulher!”. Na tentativa de encontrar uma brecha e uma sincronia que satisfizesse

⁸² Letra da música de um dos sertanejos universitários mais tocados nas rádios, festas e nos programas de televisão de canal aberto do país entre o final de 2011 e início de 2012. É um dos *hits* brasileiros mais tocados no mundo, tendo sua letra traduzida em muitos idiomas e sua coreografia repetida em muitos países.

⁸³ Uma casa noturna de beira de estrada frequentada, majoritariamente, por caminhoneiros e prostitutas em que elas me contaram “se passar por mulheres”. Algumas dançam a noite toda, enquanto outras ficam sentadas vendo os casais dançarem, costumeiramente arrumam clientes durante o baile.

ambas, a dança foi retomada. A jovem jogava a peruca para os lados e me dizia que se sentia uma “moça conduzida pelo bofe”. Mamy ainda estava desconfortável com a posição de condutora da dança, função delegada aos homens. Finalmente, a música termina aliviando o par em descompasso.

Ao ver as duas travestis dançando, assisti uma *perform*(atividade) de gêneros buscando na simplicidade de uma dança um léxico possível que legitimasse seu simples desejo de se deixar levar por um ritmo musical. A genitália que livremente interagiu na dança pelo corpo da “*moça conduzida pelo bofe,*” não encontrava incoerência naquele ambiente de aconchego, experimentação de si, cuidados com seu corpo e relações de sociabilidade. Talvez, em momentos como esses sequer seus corpos eram controlados pela veemência dos terrenos do feminino ou do masculino. A partir da sociabilidade pensada como experiências entre as travestis; envolvendo a amizade, a jocosidade, conflitos, disputas, moralidades e hierarquias (CARDOZO, 2009), a casa da *mamy* parecia ser o lugar onde legitimar-se como travesti ainda era encarado com um imperativo, mas um dos poucos espaços onde alcançar isso era uma empreitada também coletiva e muito prazerosa.

Do horror às lidas que se montam

Cena 16: *Na pequena sala/cozinha nos amontoávamos para conversar um pouco após as refeições. O entra-e-sai dos vizinhos e amigos de mamy trazia as novidades da rua. Num daqueles movimentos, uma criança entrou com um jornal do bairro que noticiava o assassinato de alguém nas proximidades. A conversa seguiu esse caminho. Mamy lembrou que há pouco tempo uma grande amiga sua foi assassinada na pista em outra cidade. Perguntei se foi um crime de ódio, ela acreditava que foi vingança de uma travesti rival. Perguntei sobre a violência contra as travestis que estão começando e são novas na pista. Uma das jovens me explicou que o preconceito dos “heteros” em relação a elas depois de um pouco de experiência “tiravam de letra” e aprendiam a se defender. Para ela o pior mesmo era a violência das travestis mais velhas. Elas eram aquelas que colocavam os piores apelidos, diziam que “somos homens vestidos de mulher e tentavam nos surrar na pista. Para*

travesti mais velha não há nada pior do que uma jovenzinha fazer mais programas do que ela!” Outra novata se envolveu com a conversa e nos contou que já foi muito xingada na rua pelas mais velhas “já fui chamada de Pokémon, Transformer, Dragão, bicha-homem, gayzinho” e também de uma das coisas que elas menos gostam: traveção.

Como descrevi na seção anterior, muitas travestis mais experientes orgulham-se em *amadriñar* travestis mais jovens ou *gayzinhos* que querem começar a *se montar* para tornarem-se *travesti de verdade*. Cafetinas ou não, essas *mães*, *madrinhas* ou *mamys* costumam perceber o “potencial” para ser travesti quando elas ainda são *novinhas* e não estão na *pista*. Em contrapartida, nem todas as travestis mais experientes gostam ou apóiam as *novatas* na *transformação*.

Como mostra disto, o discurso geracional das travestis mais velhas foi um dos mais citados pelas travestis que estão iniciando seu processo de *transformação*. A presença delas foi considerada, por vezes, violenta e, para a maioria das *iniciantes*, são elas que protagonizam o lugar da julgadora que diz “o que é”, “como são” ou “como devem ser” as travestis de acordo com suas normas.

Neste contexto, algumas travestis mais experientes se sentem autorizadas a agirem com hostilidade frente às *novinhas*, por acreditarem serem detentoras de um poder conferido a elas pela experiência, de quem tem mais idade, mais tempo de *pista* ou de *transformação*. Nesse sentido, as *iniciantes* falaram das dificuldades em se defenderem das agressões e do ódio de heterossexuais, como citado no trecho do diário de campo, porém, não mais fácil é também proteger-se daquelas que pertencem a um mundo ainda pouco conhecido para *novatas* que estão começando. Realidade na qual circulam gírias e negociações, além dos desagradáveis apelidos que cercam sua *transformação*, considerada inacabada e, por vezes, vista como inumana e, portanto, abjetas como mostram os apelidos de *transformers* e *Pokémon*. Além dos insultos que não estão no léxico dos gays, mas “das” gays, aquelas que são afeminadas o suficiente não para a feminilização digna de uma travesti, pois de acordo com as mais velhas ainda *não sentem o hormônio misturando-se ao sangue, o silicone penetrando na carne* e nunca “apanharam” na *pista*.

Mesmo que não dependam diretamente da proteção delas, a violência das mais velhas colabora para que algumas jovens permaneçam enclausuradas em seus lares ou casas de prostituição, “saindo para a vida” apenas quando *toda feita* pelos hormônios e “*com acué pra fazê cabelão, maquiagem e aí sim subir no salto alto!*” Antes

disso temem ser ridicularizadas na rua e nas boates pelas *travestis de verdade*.

Por isso, algumas se esforçam ainda mais para a beleza (feminilidade) ser mais acelerada, algumas um pouco mais “desesperadas” como a *iniciante* que ouvi: “*sabe, faço qualquer... qualquer coisa para ficar bela e feminina! Se me disserem passa lixa na cara que fica bela, eu passo!*” Dessa forma, as jovens acreditam que um meio de sobreviver à superioridade das cafetinas e/ou frente às travestis mais velhas, é tornar-se cada vez mais femininas e bonitas, além de ser este um meio de aguentarem por um tempo menor o pesado fardo das zombarias, apelidos e xingamentos das mais velhas, das colegas de profissão e, às vezes, até dos clientes.

Assim, se por um lado a aceitação no/do grupo pareceu ser uma das mais hostis, demonstrando que não é fácil encontrar uma “boa mãe”, por outro, as travestis *iniciantes* parecem estar mantendo mais os laços familiares do que antes, principalmente com a mãe. Pois, mesmo a despeito de toda a homofobia a qual estão expostas desde a infância (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008), todas as jovens com quem conversei relataram ter assumido sua homossexualidade frente à família e, a maioria, também sua travestilidade (DUQUE, 2009).

Em quase todos os casos a mãe foi a figura mais enaltecida, por defendê-las e garantir sua permanência dentro de casa mesmo frente à acusações e recusas dos outros familiares (CARDOZO, 2009). Foram comuns os relatos de jovens travestis em que as mães sabem, sobretudo, a respeito da prostituição da filha, como me contou emocionada uma das *novatas*:

Cena 17: “Comecei a me prostituir aos 14 anos quando fugi de casa e fui morar em uma cidade vizinha. Lá me hospedei na pensão de uma cafetina. Nossa, lá conheci o que era exploração de verdade! Eu era um gurizinho franziiino, ficava só de calcinha parado numa esquina. Fiquei dois anos nessa situação até a polícia chamar o conselho tutelar e me tirar da rua. Acredita que me levaram pra delegacia só de calcinha e peruca? Nem a calça que eu tinha na bolsa me deixaram colocar!” Depois da delegacia ela relembrou quando a levaram para sua

cidade de viatura policial. Ela contou que na madrugada bateram na casa de sua família “comigo pelada e de arrasto”. A cara da mãe depois de dois anos foi primeiramente de susto. Mas depois foi de alívio por ter a filha de volta, “minha mãe é maravilhosa, após dois anos me abraçou como nunca e disse que me amava do jeito que eu quisesse ser, ela é a pessoa mais linda do mundo”.

Tiago Duque (2009) esboça, em sua pesquisa com travestis adolescentes, algumas possibilidades para a gradativa aceitação da família entre a nova geração de travestis, uma delas é quando a *pista* é o sustento ou a ajuda financeira da casa (KULICK, 2008). Outra é a proximidade de outro parente que incentive a feminização (em alguns casos a avó ou um tio), ou ainda quando a jovem *iniciante* se utiliza da *montagem estratégica*, ou seja, *se monta e desmonta* conforme o ambiente, que lhe é propício e acolhedor.

Aliada a esta (re)invenção de novas formas corporais, sociabilidades, possibilidades de estudo e de outros trabalhos que não apenas à *pista*, uma nova geração de travestis está se configurando no universo das travestilidades. Por isso, talvez as dificuldades de se legitimarem entre as travestis mais velhas, muitas vezes, com uma história de lutas por espaço, marcadas fisicamente e simbolicamente por violências, prisões e lembranças de amigas e companheiras de *pista* que as deixaram. “*O HIV, a sífilis e a rua nos levou covardemente muitas*”, desabafou um dia a *mamy* comigo. Neste sentido, mesmo confrontadas, as *iniciantes* parecem refletir sobre a discriminação das mais velhas quando, tomam as novas construções corporais atualmente disponíveis, “*é insuportável a dor do silicone líquido, não tem como não gritar, gemer, urrar de dor, por isso as travestis mais velhas ficam passadas com as bicha que se montam ou com as novinhas com tudo encima e que não passaram por nada disso!*”.

Em conversas com *mamy* percebi que sua compreensão para com as mais velhas e com idades próximas à dela, não é a mesma de suas filhas: “*acho que essas mais velhas que não aceitam as mais novinhas e ficam maltratando elas, são tudo recalçadas! Cada uma tem sua hora, seu momento de brilho! Se já tão velhas e um pouco caídas, (referindo-se aos corpos) que entendam que as mais novas tão com tudo! Nós, mais velhas, temos mais é que instruir essas novinhas para não fazer as*

mesmas burrices que fizemos... ficar por aí se drogando, brigando na rua, bebendo e arrumando macho que não presta, que não é futuro!”

Entendi em diálogos com travestis experientes que as dificuldades impostas pela rejeição das travestis mais velhas, em relação às mais jovens ou menos experientes, não é uma regra geral. Esse distanciamento ou até mesmo a violência exercida por algumas em relação às *novinhas*, parece colocar em questão não apenas uma legitimidade *trans*, mas também muitas questões como idade, condições financeiras e valores ligados à beleza e *status* social; como venho costurando ao longo desse trabalho. Por isso, experienciar outras formas de ser travesti pode parecer às mais velhas uma desvalorização ou abandono dos seus antigos movimentos de (re)existência e, por isso, formas poucos legítimas de se tornar uma *travesti de verdade*.

5 Quarta de Bonecas: das vidas íntimas aos discursos produzidos pelas redes virtuais



ME TRANSFORMA EM BONEKA

Descrição:

COMUNIDADE VOLTADA AO PÚBLICO GLS, TRANSEX, TRAVESTIS, DRAG´S, LESBICAS E SIMPATIZANTES

Se você é uma TRANSEX ou TRAVESTI que já passou da fase CROSSDRESSER deve se lembrar de como foi difícil sair do armário e se tornar esta linda menina que hoje você é, não é mesmo?

Bem, se você se lembra dessa fase e está disposta a ajudar as CROSSDRESSERS a saírem do armário e serem TRANSEX ou TRAVESTIS como vocês, esta é a comunidade de vocês tá?

Você CROSSDRESSER que quer dar o próximo passo e se transformar em mulher 24 horas por dia, que quer se libertar de vez desse corpo masculino e ser uma bela TRANSEX ou TRAVESTI, esta é a sua comunidade.

Muitas TRANSEX ou TRAVESTIS no início foram CROSSDRESSER e decidiram se libertar de vez e se assumirem como mulheres que realmente são, por dentro e por fora, se você também não aguenta mais deixar a mulher que vive dentro de você se libertar apenas entre 4 paredes e quer viver como mulher 24 horas essa é a sua comunidade.

Bjux Olivia Stone

Fonte: *Facebook*. Disponível em:

<<http://www.Facebook.com/group.php?gid=61390448548>>.

Quase vinte anos separam a publicação do primeiro livro sobre uma pesquisa realizada com travestis no Brasil e o último publicado no ano passado. Estima-se que mais ou menos quatorze obras foram lançadas no período que compreende 1993 e 2011⁸⁴ sobre a vida de travestis⁸⁵. A maioria são teses e dissertações publicadas como livros,

⁸⁴ No Apêndice A, há uma tabela com as informações sobre os 14 livros encontrados.

⁸⁵ Os livros classificados como romances, novelas e ficções não constam nesta lista.

que trazem importantes discussões e toda uma trajetória de pesquisas sobre travestis e sua construção histórica e cultural.

No que diz respeito às pesquisas acadêmicas, os números são bem expressivos, pois em amplo levantamento bibliográfico, em bases de dados virtuais na versão em português e de livre acesso, podem ser encontrados mais de 180 trabalhos⁸⁶ que contemplam pesquisas sobre travestis. Além dos livros publicados podem ser encontradas teses, dissertações, monografias, artigos e resenhas que versam sobre as travestilidades no contexto brasileiro, no período que compreende 2001-2010⁸⁷.

Frente a estes levantamentos tentei aproximar minhas discussões feitas até aqui a importantes obras. Utilizei como critério pesquisas realizadas em diferentes locais, períodos e áreas de conhecimento, inspirada em pesquisadores como Hélio Silva, Marcos Benedetti e Don Kulick, na década de 1990, passando por Larissa Pelúcio, Tiago Duque, Wiliam Peres e Fernanda Cardozo nos anos 2000, além de outras relevantes pesquisas que foram citadas no decorrer deste trabalho.

Nesta mesma direção, a fim de trazer uma discussão mais ampla acerca das experiências das travestis datadas no tempo e contextualizadas em seus espaços, outras ferramentas foram de grande importância, pois além das bases de dados científicas que podem ser encontradas virtualmente, a internet tem disponibilizado uma ilimitada rede de informações; como *sites*, *chats*, *blogs* e redes sociais que informam, descrevem e apresentam o universo das travestilidades, seus modos de vida e sociabilidades.

Dessa maneira, além das pesquisas acadêmicas, busquei na rede social e em alguns *blogs*, uma forma de acesso virtual às pessoas que desejavam se tornar travestis e/ou já estivessem iniciando sua *transformação*. Em conversas com outras travestis e também com

⁸⁶ No Apêndice B, há uma tabela mais detalhada com os números de cada tipo de trabalho.

⁸⁷ Este mapeamento compreende as atividades iniciais do projeto de pesquisa do qual faço parte intitulado *Gênero, sexo e corpo: abjeções e devires*, em desenvolvimento pelo Núcleo Margens desde o ano de 2011. Faço um especial agradecimento às bolsistas de Iniciação Científica Karla de Oliveira Cruz e Talita Caetano Silva pela dedicação na construção deste mapeamento que se construiu a partir do uso de 42 descritores diferentes. Cada tipo de trabalho (teses, artigo, etc.) está sendo analisado por ano, área de conhecimento, frequência dos títulos e das palavras-chave no resumo e pela repetição com que aparecem nas bases de dados e entre os descritores.

pessoas que na internet se definem por “homens que gostam de fazer sexo com travestis” fui informada por eles de que havia uma grande participação das jovens *iniciantes* na internet.

Para conhecer um pouco mais sobre a realidade virtual pelas quais *novatas* travestis transitam e compartilham umas com as outras, acompanhei, durante cerca de dez meses, três blogs; sendo que deles dois escritos por travestis e destinados ao público de travestis *iniciantes*, o *Blog Czinhas do Brasil: O blog das Cd's* e o *Blog Casa de Bonecas: Um lugar onde bonecas pensam*. E também o *blog* escrito por um T-lover chamado *Diário T-lover*. Falarei um pouco de cada um deles, ainda que seja impossível descrever todos os conteúdos e comentários que hospedam e, por isso, escolhi sublinhar o que me chamou mais a atenção.

O *blog* segundo Denise Schittine (2004) tornou-se conhecido pela interação de “ouvidos simpáticos” que gostam de “ouvir”, e, mais precisamente, ler as histórias e experiências de outras pessoas. É uma adaptação virtual dos diários íntimos, uma espécie de anotação que acolhe muito bem a *bricolage*, que também caracterizava o diário de papel. Na concepção da autora, a grande diferença está na admissão de um elemento novo: um público leitor. Assim é algo feito com o intuito de ser desvendado e comentado.

Com a ampla disseminação e uso do *blog*, sua original característica de diário íntimo foi se flexibilizando, adaptando-se a novos contextos (SCHITTINEI, 2004). Trata-se de uma constituição de si compartilhada e produzida também pelo Outro, que conflui em uma escrita coletiva pelas intervenções do leitor, que pode deixar comentários mesmo que autor e leitor não se conheçam, mas que dividem os mesmos interesses. Talvez uma das principais diferenças entre o manuscrito e a tela virtual esteja nas ligações e construções de pequenas comunidades que o *blog* pode propiciar, além das possibilidades de se fundar redes em torno de afinidades pessoais. Espaços nos quais as fronteiras entre “autor” e “leitor” são cada vez menores, pois se misturam e dissolvem, aos poucos, o contorno entre público e privado.

Neste contexto de interação virtual, o *blog* tem sido uma das opções encontradas por travestis *iniciantes* para se socializarem, assim como vem sendo utilizado como uma ferramenta de troca de informações acerca dos processos de *transformação*. Os *blogs* destinados às travestis que estão começando indicam formas de se vestir, maquiagem, comportar e onde encontrar sapatos maiores do que o padrão, considerado o feminino. Da mesma forma é possível encontrar a

indicação de hormônio e como *aqueendar a neca*. Também mostram imagens de mulheres famosas como padrões a serem seguidos e dicionários que explicam as gírias. Como mostram as imagens de um dos *blogs* especializado em buscar informações em *blogs* do mundo inteiro para atualizar o público brasileiro:

Como esconder o Pennis

Posted on terça-feira, 16 de dezembro de 2008 by Makus

Como é que um travesti esconde o pênis?

Não sei se alguém pensará nisto, mas acredito que ao ver-se um travesti a actuar, completamente lisinho, a pergunta de como conseguirão aquele resultado? Um documentário que deu esta semana no "Toda a Verdade", da SIC Notícias, mostrava os meandros da prostituição no Bairro Vermelho em Amsterdão (Holanda), mostrou um travesti prostituto a esconder o "material", mas aquilo foi tão rápido que não deu para perceber...

Resolvi investigar a coisa e publico hoje o que consegui encontrar na net sobre o assunto... Não há grande coisa é certo, mas pronto, o que conta é a intenção!

Criar, aumentar ou diminuir mamas é algo relativamente hoje em dia, já esconder um pênis e os testículos pode ser algo difícil e até doloroso...

O método mais fácil é comprar um chamado "Cache-Sex", em lojas especializadas. Ao que parece este objecto é muito semelhante a um slip que achata o pênis, apertando este e os testículos. Parece que não é muito confortável e pode ser até incomodativo.

Os outros dois métodos são conhecidos por "Tuck" e "Tape".

Tuck

Existe apenas um lugar onde se pode esconder o pênis e os testículos, que é entre as pernas.

Pois bem, os testículos (apenas os testículos, sem o escroto) devem ser empurrados com jeitinho para dentro do sítio para onde com o frio eles se "recolhem". Caso não se ache o sítio, deve pressionar-se a parte de baixo do

Image © Transgender Zone

Fonte: *Blog Czinhas do Brasil*: O blog das *Cd's* apresentando às brasileiras as inovações corporais lançadas em Portugal.

Analisando a função desta ferramenta virtual a partir da ideia de que ela pode estar substituindo, em alguns casos, a função das *mães* e das *madrinhas*; e até mesmo compensando a falta delas em outros, se for levada em consideração a experiência de travestilidades das jovens que *se montam* dentro de seus quartos ou recorrem à *montagem estratégica*. Pois os *blogs*, assim como algumas redes sociais, vêm sendo utilizados, entre outras coisas, para a difusão de informações e trocas entre muitas pessoas. Entre elas, travestis de diferentes idades e experiências, que encontram na virtualidade um espaço para escrever, perguntar ou simplesmente acompanhar anonimamente o que é postado por outras travestis.

A indicação do tipo e a quantidade de hormônio a ser usado é uma das valorizadas funções das *mães* e também é abordada entre os assuntos do *blog*:

Seios! Rápidos????

Posted on sábado, 13 de dezembro de 2008 by Makus

SEIOS DOS SONHOS SEM CIRURGIA!!!!!!

Procurando assuntos relacionados a próteses mamárias para montagens encontrei mais uma dos americanos o "Creme Seios dos sonhos" Segundo o fabricante e possível adquirir lindos seios em apenas semanas com um composto natural. Segundo a empresa esse creme é 100% natural e não causa nenhuma contra indicação. Os reagentes encontrados nos cremes são: **Dong Quai, Saw Palmetto, Blessed Thistle, Fenugreek, Fennel**. Esses produtos contêm uma alta contidade de hormônios que ajudam no crescimento seios. Bem se não causa "problemas" seria bom testar isso aqui no Brasil mais quem quiser começar a usar procure o site natureday.com. Lembrece este produto aqui não Brasil não existe sendo então que não ha registro no ministério da saúde. Se você comprar e tiver algum efeito colateral ficará difícil processar a empresa. Segue abaixo algumas fotos de clientes.



Fonte: *Blog Czinhos do Brasil*: O blog das *Cd's* apresentando às brasileiras as inovações da tecnologia americana.

O terceiro *blog* que acompanhei, o *Diário T-lover*, é escrito diariamente por um homem "assumidamente" *T-lover*. Falo em "assumir", ao considerar que possa existir uma espécie de armário (PELÚCIO, 2009) que envolve o assumir publicamente a preferência por relacionamentos afetivos e sexuais com travestis.

Em seu *blog* Wesley Ursão, como gosta de ser chamado, posta notícias do mundo referente às *T-gatas*, modo como os *T-lovers* denominam as travestis. Suas postagens demonstram uma íntima relação com a militância *trans*, e, por ser um ambiente muito acessado, todas as postagens feitas por ele recebem muitos comentários, em geral de outros *T-lovers* e de travestis assíduas naquele espaço virtual. Ursão também faz do espaço um diário íntimo, conta suas aventuras sexuais, suas paixões, decepções, alegrias e coisas do dia-a-dia. Fala sobre sua

profissão (Tecnologia da Informação) e como assumiu seu gosto por travestis, como mostra em seu perfil de acesso público no *blog*:

net Explorer

v/autor/

Autor | Diário T-Lover

125x125

Anuncie aqui

125x125

Anuncie aqui

[ou serviço conosco? Clique](#)
[nãos e espaços disponíveis](#)

EM SEU E-MAIL

tomáticamente os posts do sua caixa de e-mail, basta is confirmar. Não paga nada

eqo de e-mail:

tail...

O que gosto de fazer e meus gostos

Eu gosto de sair para barzinhos, points, às vezes baladas, também gosto de ir a praia curtir um sol, pegar um bronze e ficar o máximo de tempo na rua curtindo a vida. Adoro beijar na boca, adoro [paguêrar](#), trocar uma ideia bacana com uma mulher ou uma **T-Gata** e assim deixando rolar naturalmente.

Também gosto de ler bastante sobre economia, [informática](#) como investir em ações e tudo que for relacionado a [dinheiro](#) economia e Tecnologia da Informação. Meu principal Hobby é blogar, gosto de expor minhas idéias através de blogs e além de ter um blog eu gosto de tornar-lo visível a todos para que mais pessoas tenham acesso e se interessem pelo conteúdo.

Meu gosto pelas Travestis

Como eu cito em vários posts, eu sempre gostei de travestis e me assumi aos 19 anos de idade, já sai com travesti, já transei, já fiquei e procuro ter algo sério e se tudo der certo depois casar e viver uma vida de casal, dar amor a minha mulher, ter meus negócios sempre fluindo bem e uma vida boa.

Meu jeito de ser

Eu sou um cara bacana, quem me conhece gosta de mim, muitos podem ter a primeira impressão de que sou marrento pelo meu olhar sério, mas é só estilo, é o meu estilo eu sou assim, mas ao contrário de que muitos possam achar que sou marrento sou um cara maneiro, gosto de fazer amizade, gosto de zoar, rir, me divertir e sempre brincar com os amigos de maneira saudável e respeitosa.

Não gosto de arranjar confusão até porque eu já fui disciplinado a evitar confusão quando fiz **Judô** e **Krav Magá**, então eu evito confusão para evitar utilizar técnicas de Krav Magá e acabar mandando alguém para o hospital. Então eu evito o máximo de confusão, sou um cara tranquilo e que gosta de viver a vida e para mim a melhor briga é aquela que não acontece.

Às vezes sou meio [sarcastico](#) e [irônico](#) com algumas coisas porque acontece de forma automática, tenho um bom humor, gosto às vezes de humor negro, humor sádico e afim. Tenho minha própria personalidade e algo que considero um defeito meu é se apegar facilmente as pessoas, por um lado pode ser uma qualidade, mas por outro pode ser um defeito, pois há muitas pessoas interessadas para ficar na sua aba e se aproveitando de ti.

Conclusão e contatos

Bem já falei um pouquinho sobre mim e caso você queira saber mais um pouco sobre mim [visite o meu Orkut](#) ou então [me siga no Twitter](#).

Internet | Modo Protegido: Ativado

PT 13:53 20/08/2011

Fonte: *Blog Diário T-lover*

Em conversas que mantive com Ursão, por email e por meio de comentários que fui postando em seu *blog* sempre deixei claro meu interesse em seu diário para fins de pesquisa. Frente a isso, o *T-lover blogueiro*, como também é conhecido, colocou-se a disposição para me ajudar e costumeiramente me indicava endereços eletrônicos que tivessem relação com minha pesquisa. Quando lhe perguntei onde eu poderia encontrar travestis *iniciantes*, ele prontamente me respondeu: *“em comunidades, chats e blogs que ensinam sobre os hormônios!”*

A rede de pessoas *T-lovers* é produzida nas tramas da virtualidade, pois o próprio termo nasce na rede mundial de computadores, em conjunto com os movimentos identitários, emergentes

nos anos 1980 (PELÚCIO, 2009). São pessoas que gostam de *T-girls*, traduzido no Brasil como T-gatas, ou seja, pessoas que se relacionam com T's, de travestis.

Pode-se dizer que uma das principais características dos *T-lovers* é a clandestinidade mantida pela formação de grupos em ambientes virtuais, compostos exclusivamente por homens que se autodefinem heterossexuais, com práticas sexuais ativas (PELÚCIO, 2009). Os *T-lovers* não são apenas clientes e/ou restritos ao anonimato, pois alguns rejeitam sexo tarifado, como é o caso de Ursão. Ele se descreve, em seu perfil, como alguém que deseja namorar e casar com uma travesti.

Diferente do *blogueiro* que já foi matéria de revista de circulação nacional por conta de seu interesse por travestis, poucos homens tornam-se figuras públicas em sites, *blogs* e revistas, assumindo seus desejos pelas T-gatas. Percebo que estes homens também fazem parte da produção das travestis, pois ao manterem suas clandestinidades, tornam-se profundos conhecedores “anônimos” do universo *trans*, sabem onde encontrá-las, do que elas gostam e como *agradar uma boneca*.

Neste sentido, eles produzem discursos sobre os modos de vida das travestis, renomeando-as por T-gatas, um apelido que visa dissociá-las de suas vidas estigmatizadas (PELÚCIO, 2009). Os *T-lovers* produzem também discursos sobre os corpos das travestis, ao expressarem nos espaços virtuais suas preferências, as quais, segundo a maioria dos homens, diz no *blog* do Ursão, referem-se às *turbinadas* e às mais femininas. Para além dessa engenharia de produção corporal da qual os *T-lovers* fazem parte e auxiliam na manutenção de alguns padrões, eles, muitas vezes, são responsáveis pela divulgação das T-gatas. Muitos criam *sites* para que elas postem suas fotos sensuais ou auxiliam no anúncio das imagens e de seus programas por meio de seus *blogs*. Assim, seus *blogs* e *sites* de encontros entre *homens que gostam de travestis* não são apenas um espaço para estes homens, mas, principalmente, um espaço em que as jovens *iniciantes* têm buscado para falar sobre suas experiências; buscar namoros, clientes e, até mesmo, para ter acesso a informações e conhecer as travestis “famosas” e valorizadas entre estes homens.

O terceiro *blog* que pesquisei foi o *Blog Casa de Bonecas: Um lugar onde bonecas pensam*. Entre os meses que o acompanhei, escolho ressaltar a postagem de variados textos pessoais em que a travesti que escreve o *blog* traz assuntos do cotidiano daquelas que estão começando, como o “medo da mudança”, os receios em assumir a travestilidade, as dúvidas com a maquiagem, os preconceitos em relação ao sexo, entre outros temas que são solicitados pelas *novatas* que interagem no *blog*.

Constantemente elas agradecem os esclarecimentos em relação a alguma dúvida na *montaria* ou em algo que a reflexão ajudou a resolver em seus problemas cotidianos. Também é perceptível uma declarada campanha da *travesti blogueira* contra o silicone líquido, em função das mortes de travestis causadas por ele.

Uma das postagens mais comentadas diz respeito aos *sentimentos confusos* de quem está iniciando sua *transformação*:

The screenshot shows a web browser window displaying a blog post. The browser's address bar shows the URL: <http://www.casadebonecas.com/tag-barbie>. The page title is "Mudança com confiança". The main content of the post is as follows:

Mudança com confiança

Olá meus amores! A tempos não posto. Para dar um recomeço em 2011, resolvi falar de um assunto que tenho sentido ser muito comum entre garotas trans. Muitas amigas que estão iniciando sua transição, o processo hormonal e dando um Start em uma nova vida, tem me falado da confusão que tem sentido o processo. Já passei por isso e sei como é. Portanto resolvi humildemente tentar dar uma luz a elas e a quem sofre com as mudanças.

Toda mudança envolve um período de confusão. É próprio do lançar-se ao novo, ao desconhecido. Mesmo que o desconhecido seja você mesmo, ou quem você está se tornando. Existe um período de suspensão antes que algo novo se estabeleça. Ficamos em um limbo em nossas mentes. Ao mesmo tempo as mudanças corporais, alteram o psicológico e afetam até o diaconhecimento.

The page also features a sidebar with a "divulgue" section and a calendar for January 2012. The bottom of the browser window shows the system tray with the date 30/01/2012 and time 19:54.

Fonte: *Blog Casa de Bonecas: Um lugar onde bonecas pensam*

Para pesquisar em minha última ferramenta virtual, que foi o acesso às redes sociais, precisei criar um perfil no *facebook*, atualmente uma das redes sociais mais acessadas no mundo e nas quais as pessoas escolhem *com quem* conversar e *sobre quem* preferem receber informações, à medida que o “amigo” usuário posta e compartilha suas frases, comentários, vídeos, fotos e links.

Escolhi o nome de *Quarto de Bonecas* como um meio de expressar intimidade com as gírias do universo *trans*, e também como um convite para conhecer melhor *cdzinhas* e *travestis* iniciantes que desejam se tornar *bonecas*. Para isso, disponibilizei um contato para quem se sentisse a vontade para conversar comigo individualmente no ambiente virtual. Também utilizei imagens de bonecas *Barbie* como uma forma de chamar a atenção de um público específico, ou seja, de

pessoas que se identificassem com o apelido *Boneca* conforme mostra a imagem do perfil:

The image shows a screenshot of a Facebook profile page for 'Quarto de Bonecas'. The profile picture is a black and white close-up of a doll's face. The cover photo is a collage of several images, including a person in a white dress and a close-up of a person's face. The profile information includes: 'Mora em Florianópolis', 'Nasceu em 23 de Outubro de 1994', and 'Adicionar seu local de trabalho'. There are also links for 'Adicione sua instituição de ensino' and 'Editar perfil'. The main content area shows a status update: 'Quarto de Bonecas curtiu um link. Linha aérea oferece vaga de emprego para travestis ou transexuais em São Paulo'. Below this is a section for 'ATIVIDADE RECENTE' with a post: 'Quarto começou uma nova amizade com Rosiane Santos Britto e Stephanie Leandro.' The right sidebar features sponsored ads for 'Sapatos Flori' and 'Perca Barriga', and a 'Skol' advertisement. The bottom of the page shows a Windows taskbar with various application icons.

Para tornar o perfil *Quarto de Bonecas* conhecido entre as usuárias da rede social, enviei dez solicitações de amizade, entre elas para boates GLS de Florianópolis, entidades LGBTTT e para travestis famosas no meio artístico, que realizam shows na cidade. No período de cinco meses, quarenta pessoas enviaram convites ao *Quarto de Bonecas* e, até dezembro de 2011, soma mais de cinquenta pessoas o número “de amigos” no *facebook*, conforme a gíria virtual utilizada nesta rede social.

Conversei reservadamente pelo espaço de mensagens instantâneas com mais de 20 travestis *iniciantes* de diferentes estados do país, e ouvi relatos diversos sobre as experiências de travestilidades. Entretanto, todas as minhas tentativas de formalizar o convite para participação em minha pesquisa foram recusadas. Ou seja, nenhuma *iniciante* travesti aceitou participar formalmente. Ainda que nas informações de acesso público eu tenha detalhado que se tratava de um perfil de pesquisa, muitas tinham medo de serem descobertas por seus familiares e diziam não ter interesse, entre outros motivos que usaram para justificar sua recusa em participar da pesquisa.

Em um breve levantamento das pessoas que “solicitaram amizade” no perfil *Quarto de Bonecas*, notei que eram *crossdressers*, travestis, *cdzinhas*, *drag queens*, *T-lovers*, gays, transexuais e andróginos. Houve também entidades, coletivos de militância LGBTTT e boates GLS de Florianópolis. A maioria dessas pessoas reside na Grande Florianópolis, onde também trabalham ou estudam.

Uma das coisas que me chamou a atenção foi a enorme participação de jovens travestis com grande poder aquisitivo, nas quais eram exibidos corpos *turbinados* e muitas fotos artísticas produzidas em estúdios profissionais. Também observei uma grande valorização das roupas de marcas famosas e exposição de fotos em festas, bares e boates badaladas da a classe média alta da cidade.

Embora nenhuma *novata* travesti tenha aceitado conversar comigo pessoalmente ou tenha formalizado sua participação em minha pesquisa, e, por isso, suas histórias não foram mencionadas neste trabalho, o *facebook* foi uma ferramenta de grande importância nessa pesquisa. A partir dele pude transitar livremente pelas postagens diárias dos usuários, conhecer suas opiniões e os modos de subjetivação compartilhados entre as travestis *iniciantes*.

Tanto os *blogs* quanto o perfil do *facebook* me auxiliaram no levantamento de alguns dos discursos que circulam nas redes virtuais sobre as travestilidades, os discursos dos *T-lovers*, bem como os *blogs* e *sites* que as *novatas* costumam utilizar. Pude perceber com isso que *iniciantes* dos novos modos de tornar-se travesti estão encontrando nas redes virtuais um espaço para compartilhar e experienciar a produção de si e a transformação de seus corpos de maneira pública, mas nem sempre com suas identidades expostas como no caso dos *blogs*. As mídias virtuais estão apresentando-se como grandes aliadas às *novatas* que experienciam suas transformações somente dentro de seus quartos, às *iniciantes* que buscam ensinamentos e, da mesma forma, àquelas que já se sentem reconhecidas como sujeitos da travestilidades.

6 Para não concluir. . .

Os meninos femininos, as jovens travestis, “gayrotas”, drag-queens e bichinhas assombraam os códigos morais do presente. Aterrorizam transeuntes que erguem o estandarte da família para justificar seu repúdio aquelas vidas indevidas. Reanimam ainda que sem intenção, o fantasma da criança masturbadora, da prostituta corruptora e corrompida. (...) ao invés do discurso sanitarista contra a prostituição, se tem a moralmente louvável luta contra o tráfico de seres humanos. Não mais a cruzada anti-masturbatória, mas a defesa de direitos de crianças e adolescentes (desde que estes, claro, sejam heterossexuais). A linguagem que estrutura os pânicos morais é insidiosa.

*Larissa Pelúcio na Apresentação do livro de
Tiago Duque – Entre Montagens e
Desmontagens: desejo estigma e vergonha
entre travestis adolescentes*

A uma novata travesti? O que eu diria? Ah, a ela eu diria que se é isso que ela quer então vá com tudo, que é muito bom se sentir mais você. E deixa que falem, que xinguem, seja você. Você tem que se sentir bem com você mesma no modo de se comportar, de se vestir... e dou conselho por que é muito bom mesmo! To super feliz comigo mesma! Este trecho faz parte da mais recente conversa que tive com a novata travesti paulista pelo MSN.

Durante meses acompanhei por fotos e conversas virtuais o seu modo de experienciar a travestilidade. Ela me contava sobre as roupas e sapatos que comprava para *se montar*, no quarto e em algumas festas, com as *irmãs* que se consideravam como ela, ainda *gayzinhos*. Neste nosso último contato ela, muito eufórica, contou que agora estava “mulher 24h”, estava *se montando* diariamente e enviou fotos usando calcinha, salto alto, cabelo comprido, brincos e bolsa. Era incansável em me dizer que nunca se sentiu tão feliz e bonita, ainda que o namorado

não estivesse aprovando, segundo ele a jovem deveria ser mais “*hominho*” pois, se quisesse uma *trava* namoraria uma mulher.

Quando perguntei o que a levou assumir a *montaria* ela, me disse que encontrou um momento propício, pois estava mais decidida e cansada de se esconder; a mãe estava mais calma e ela queria se sentir mais bonita, ou seja, mais feminina. Reafirmou que não vê necessidade em usar os hormônios e a prótese de silicone só vai colocar quando tiver dinheiro.

Esta é uma das experiências das novas travestilidades que conheci neste trabalho. Elas lançam seus corpos à experimentação, *se montam e desmontam*, apreendem padrões hegemônicos *transsessualistas*, recusam e transgridem outros. Elas colocam seus corpos à deriva e, ao mesmo tempo, buscam reconhecimento perante as outras travestis no desejo mais sincero de alçar o *status* de travesti.

Para falar sobre as *iniciantes* é necessário conhecer o modo de vida das travestis e as técnicas corporais que legitimam suas existências. Pois falar de quem deseja tornar-se travesti faz emergir a ampla rede de discursos, cuidados e práticas, ao mesmo tempo regras e formas de resistência.

Tentei trazer, neste trabalho, como as travestis *iniciantes* se articulam com o discurso do “ser travesti”, como acessam as práticas corporais, as negociações da *pista*, as relações com as cafetinas, a permanência na escola, o companheirismo das amigas e *irmãs*, o uso dos apelidos e as formas que experienciam suas *transformações*. Outro ponto importante abordado foram os modos pelos quais as *novatas* buscam pistas e criam caminhos para se tornarem sujeitos legítimos das travestilidades. Perante as experiências das *iniciantes* que fizeram parte deste trabalho, a categoria travestilidade revelou-se frágil para abarcar a multiplicidade de manifestações de sexualidades e desejos.

Seus modos de transitar no mundo são (re)criado perante sua ilegitimidade, bem como seu corpo em processo e suas vidas abjetas são (re)inventadas. Por isso, elas não se chamam travestis, encontram ou são “demarcadas” por apelidos que anunciam sua transição. Elas tentam persistir dentro das escolas e buscam alternativas para permanecerem, criam para si uma montagem estratégica para conseguir se manter mais tempo dentro de seus lares e escapar às violências normativas. Planejam profissões e descentralizam a *pista*, mas não discriminam a atividade. Encontram aliados como a tecnologia, aliadas como as *mamys* e *irmãs*, que compartilham as experiências e os aprendizados.

A liberdade de criação das *iniciantes* nos fascina por seus esforços transgressores, ao colocar em xeque até mesmo o que é uma

travesti, como se produziu, o que se conhece hoje por travestis e quais as formas possíveis de existência e as frestas que se abrem para resistências em busca de vidas mais vivíveis, mais humanas e menos abjetas dentro da própria abjeção das travestilidades.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1983 [1970].

AUSTIN, John. *Palabras y acciones: Cómo hacer cosas con palabras*. Buenos Aires: Paidós, 1971[1955].

AZEVEDO, Patrícia; SILVA, Carla. “Travesteens na área”. *Correio Popular*, Campinas/SP, p. 3, 06 de maio., 2004.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. (Trans)formação do corpo e feitura do gênero entre travestis de Porto Alegre, Brasil. In: CÁCERES, Carlos; CAREAGA, Glória; FRASCA, Tim; PECHENY, Mario. (Org.). *Sexualidad, Estigma y Derechos Humanos - Desafíos para el Acceso a la Salud en América Latina*. Lima: UPCH, p. 145-166, 2006.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, nº 328, 2008.

_____. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v.19, n.2, mai/ago., p.548-559, 2011.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revis0074a Estudos Feministas*, v. 16, n. 2, mai/ago, p. 409-432, 2008.

BRAGA, Sandro. *O travesti e a metáfora da modernidade*. Palhoça: Editora Unisul, 2010.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. In: PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. *Revista Estudos Feministas*, v.10, n.1, p. 155-167, 2002.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, n.21, p.219-260, 2003.

_____. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discusivos del "sexo"*. 2.ed. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2010[1993].

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade – 1990*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010a[1990].

CARDOSO Jr., Hélio. Para que serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.3, n.18, p.343-349, 2005.

CARDOZO, Fernanda. *Das dimensões da coragem: socialidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil*. 2009. 217f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, p. 233-249, 2006.

CAVARERO, Adriana; BUTLER, Judith. Condição humana contra "natureza". *Revista Estudos Feministas*, v.15, n.3, p. 650-662, 2007[2005].

DA MATTA, Roberto. "O ofício do etnólogo ou como ter 'Antropological Blues'". In: NUNES, Edson (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-35, 1978.

DAMÁSIO, Anne. Botando corpo e (re)fazendo gêneros. *Bagoas*, v. 5, n. 06, jan./jun, p. 211-241, 2011.

DUQUE, Tiago. *Montadas para toda a vida? O uso do silicone líquido na construção da identidade travesti*. 2005. 124f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2005.

_____. “Travesteens”: entre as instituições e a pista – Notas de um Educador Social de Rua. *5º Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual* (ENUDES), 2007.

_____. *Montagens e Desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência*. 2009. 167f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos: Universidade de São Carlos, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O Diário de um Hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995[1982].

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. 3.ed. Rio de Janeiro: NAU editora, 2002.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002a[1969].

_____. *Vigiar e Punir*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005[1975].

_____. Apresentação. In: Manoel Barros da Motta (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política 1926-1984*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.V-LXI, 2006.

_____. Polêmica, Política e Problematizações. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política – 1926-1984*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.225-233, 2006a[1984].

_____. Foucault. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política – 1926-1984*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.234-239, 2006b[1984].

_____. O Retorno da Moral. Em: Michel Foucault. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política 1926-1984*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, p. 252-263, 2006c[1984].

_____. Uma Estética da Existência. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política – 1926-1984*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 288-293, 2006d[1984].

_____. *História da sexualidade I - A vontade de saber*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007[1976].

_____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2007a[1984].

_____. *Microfísica do poder*. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008[1979].

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010[1981-1982].

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p.243-288, 1991.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: o corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o*

feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, p.206-242, 1994.

LOPES, Suzana. "Corpo, metamorfose e identidades: de Alan a Elisa Star." In: LEAL, Ondina F. (ed.): *Corpo e significado*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

LOURO, Guacira. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MALUF, Sônia. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Revista Estudos Feministas*, v.10, n.1, p. 143-153, 2002.

MÁRQUES, Fernanda. *No cais do corpo: um estudo etnográfico da prostituição viril na região portuária santista*. Tese (Doutorado em Letras). Araraquara: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002.

MARSI AJ, Juan. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. *Cadernos AEL*, v.10, n. 18/19, p.129-149, 2003.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. *Revista Estudos Feministas*, v.14, n.3, set/dez, p.681-693, 2006.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PATRÍCIO, Maria Cecília. *No Truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Tese. (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

_____. No truque: fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional. *Carta Internacional (USP)*, v.4, p.30-43, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Revista Antropológicas*, v.15, n.1, p.123-154, 2004.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, n. 25, jul/dez., p. 217-248, 2005.

_____. “Toda Quebrada na Plástica”: Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Campos - Revista de Antropologia Social*, v. 6, n.1-2, fev., p.97-112, 2005a.

_____. “Eu me cuido, mona”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. In: *Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania GLBTTT*, 2007, Florianópolis. Anais... Florianópolis: CLAM, setembro de 2007.

_____. No salto: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/EDUNISC, 2007a.

_____. *Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERES, Wiliam. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania*. 2005. 202f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

_____. Travestis, escolas e processos de subjetivação. *Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v.12, n. 2, jul./dez., p.57-65, 2010.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. 2.ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez., p.263-274, 2008.

POCAHY, Fernando; NARDI, Henrique. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista Estudos Feministas*, v.15, n.1, p.45-66, 2007.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carillo – 2004. *Cadernos Pagu*, n.28, jan-jun., p.375-405, 2007.

_____. *Testo Yonqui*. Madrid: Editora Espasa Calpe, 2008.

_____. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais” – 2005. *Revista Estudos Feministas*, v.19, n.1, jan-abr., p.11-20, 2011.

RUBIN, Gayle. “Thinking sex: notes for a radical Theory of the Politics of sexuality”. In: NARDI, P. & SCHNEIDER, B. *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies – a reader*. London/New York: Routledge ed., p.100-133, 1998.

SANTOS, Jocélio Teles dos. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreados”: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. *Revista de Antropologia*, v.40, n.2. p.145-182, 1997.

SCHITTINEI, Denise. *Blog: Comunicação e Escrita Íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v.16, n.2, p.05-19, 1990.

SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVEIRA, Fernando. *Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno*. 2001. 151f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

TONELI, Maria Juracy; AMARAL, Marília. Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires. In: MEDRADO, Benedito; GALINDO, Wedna. (Org.). *Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de Abrapso*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p.339-355, 2011.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. *Cadernos AEL*, v.10, n.18/19, p.187-215, 2003.

_____. *"Existimos pelo prazer de ser mulher": uma análise do Brazilian Crossdresser Club*. 2009. 293f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual: y otros ensayos*. Madrid: Egales, 2006[1992].

Fontes Eletrônicas

ASSIS, Machado. *O Vergalho*. In: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Disponível em:

<<http://www.spectroeditora.com.br/fonjic/machado/romances/cubas/68.php>>. Acesso em 01 de maio de 2012.

CLUBE DO BOLINHA. *Quadro Eles e Elas*. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=hhlok8SyuK8>>. Acesso em 20 de dezembro de 2011.

DSM IV. MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. *Transtorno de Identidade de Gênero*. Disponível em:

<http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=118>. Acesso em 23 de novembro de 2011.

FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em 20 de julho de 2010.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – INEP. *Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar – 2009*. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf>. Acesso em 28 de janeiro de 2012.

Giselle. *Blog Casa de Bonecas: Um lugar onde bonecas pensam.*

Disponível em: <<http://www.casadebonekas.com>>. Acesso em 18 de julho de 2011.

Giselle. *Texto pessoal: "Quem sou eu? Travesti com muito orgulho"* In:

Blog Casa de Bonecas: Um lugar onde bonecas pensam. Disponível em: <<http://www.casadebonekas.com/?p=1955#more-1955>>. Acesso em 04 de outubro de 2011.

Kamilly. *Próteses mamárias realísticas.* In: Czinhas do Brasil: O blog das Cd's. Disponível em:

<<http://cdzinhasdobrasil.blogspot.com/2008/12/prteses-mamarias-realisticas.html>>. Acesso em 05 de janeiro de 2011.

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.* Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em 24 de janeiro de 2012.

MONÓLOGO TRAVESTI AGRADO. Disponível em:

<<http://www.dalealplay.com/informaciondecontenido.php?con=12509>>. Acesso em 01 de dezembro de 2011.

MOTT, Luiz; ALMEIDA, Claudio; CERQUEIRA, Marcelo. *Epidemia do ódio 260 homossexuais foram assassinados no Brasil em 2010.*

Disponível em:

<<http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20Brasil%20relatorio%20geral%20completo.html>>. Acesso em 14 de dezembro de 2011.

PROGRAMA SHOW DE CALOUROS. *Apresentação de travestis e transformistas.*

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JxN-IMox5K0>>. Acesso em 23 de dezembro de 2011.

PROJETO DE LEI 72/07. Altera o art. 58 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre registros públicos e dá outras providências, possibilitando a substituição do prenome de pessoas transexuais. Disponível em:

<[http://legis.senado.gov.br/mate/servlet/PDFMateServlet?m=82449&s="](http://legis.senado.gov.br/mate/servlet/PDFMateServlet?m=82449&s=)

<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/MateFO.xsl&o=DESC&o2=D&a=0>>. Acesso em 10 de maio de 2011.

QUARTO DE BONECAS. *facebook*. Disponível em: <<http://pt-br.Facebook.com/people/Quarto-de-Bonecas/100002892813776>>. Acesso em 15 de janeiro de 2011.

STONE, Olivia. *facebook* – *Me transforma em boneka*. Disponível em: <<http://www.Facebook.com/group.php?gid=61390448548>>. Acesso em 22 de dezembro de 2010.

STONE, Olivia. *facebook* – *Quero uma mãe travesti*. Disponível em: <<http://www.Facebook.com/group.php?gid=97827375984>>. Acesso em 24 de dezembro de 2010.

URSÃO, Wesley. *Blog Diário T-lover*. Disponível em: <<http://diariotlover.com>>. Acesso em 28 de agosto de 2011.

Apêndices

Apêndice A - Tabela com títulos de livros publicados no Brasil entre 1993-2011

Nº	ANO	AUTOR (A)	TÍTULO	EDITORA	ÁREA	ORIGEM
1	1993	Hélio R. S. Silva	A Invenção do Feminino	Relume-Dumará	Antropologia	Parte de sua dissertação "Lapa de Travestis"
2	1995	Fernanda Farias de Albuquerque e Maurizio Jannelli	A Princesa - Depoimentos de um Travesti Brasileiro a um Líder das Brigadas Vermelhas	Nova Fronteira	Literatura	Biografia
3	1996	Hélio R. S. Silva	Certas Cariocas	Relume-Dumará	Antropologia	Discussão de outros trechos da dissertação "Lapa de Travestis"
4	1997	Hugo Denizart	Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro	Jorge Zahar	Fotografias e entre vistas	Trabalho fotográfico com travestis no Rio de Janeiro/RJ
5	1998	Don Kulick	Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes.	The University of Chicago Press	Antropologia	Estudo com travestis em Salvador/BA
6	2005	Marcos Benedetti	Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis	Garamond	Antropologia	Dissertação em Antropologia Social com o mesmo título e no mesmo ano
7	2007	Hélio R. S. Silva	Travesti - Entre o espelho e a rua	Rocco	Antropologia	Fusão dos Livros: A Invenção do Feminino e Certas Cariocas
8	2007	Ana Paula Uziel, Miriam Grossi e Luiz Melo	Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis	Garamond	Sociologia	Coletânea de textos

9	2008	Don Kulick	Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil	Fiocruz	Antropologia	Tradução do livro: Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes.
10	2009	Larissa Pelúcio	Abjeção e Desejo - Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids	Annablume	Ciências Sociais	Tese defendida em 2007: Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids
11	2010	Cristiane de Oliveira Silva e José Fernando Martins de Oliveira	Travestidas - Caminhos traçados por batom e preconceito	Sem Informação	Jornalismo	Monografia de 2 acadêmicos de Jornalismo em Itu/SP (Faculdade Prudente de Moraes)
12	2010	Sandro Braga	O Travesti e a Metáfora da Modernidade	Unisul	Linguística	Tese defendida em 2007: Falas do falo o travesti e a metáfora da modernidade
13	2010	Aureliano Biancarelli e Osmar Bustos	A Diversidade Revelada	Disponível em: http://www.crt.saude.sp.gov.br/recursos/crt_aids/pdfs/a_diversidade_revelada.pdf	Políticas Públicas	Centro de Referência da Diversidade (CRD-Grupo Pela Vidda/SP) Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais (CRT DST/Aids-SP)

14	2011	Tiago Duque	Montagens E Desmontagens: Desejo, Estigma E Vergonha Entre Travestis Adolescentes	Annablume	Sociologia	Dissertação defendida em 2009 em Sociologia - UFSCar
----	------	-------------	--	-----------	------------	--

Apêndice B - Tabela com o total de pesquisas realizadas no Brasil entre 2001-2010

Resultados obtidos pelos descritores *Travesti(s)*; *Travestilidade(s)*; *Travestismo(s)* separadamente e combinados com as palavras *Sexo*; *Gênero*; *Sexualidade*; *Corpo*; *Imagem*; *Corpo e Imagem* no período que compreende 2001-2010:

ANO	TESES	DISSERTAÇÕES	MONOGRAFIAS	ARTIGOS	RESENHAS
2001	3	3	-	-	-
2002	-	6	-	2	-
2003	3	7	-	1	-
2004	3	9	-	3	-
2005	4	4	1	2	1
2006	2	12	-	6	-
2007	14	6	-	3	-
2008	6	19	3	7	1
2009	6	29	2	9	3
2010	-	2	-	1	-
TOTAL	41	97	6	34	5

Fonte: BVS-Psi, Domínio Público, Banco de Teses e Dissertações da Capes e Scielo acessados durante o período de agosto de 2010 a maio de 2011.